

REVISTA MODERNA

Magazine Quinzenal Illustrado

Director : M. Botelho

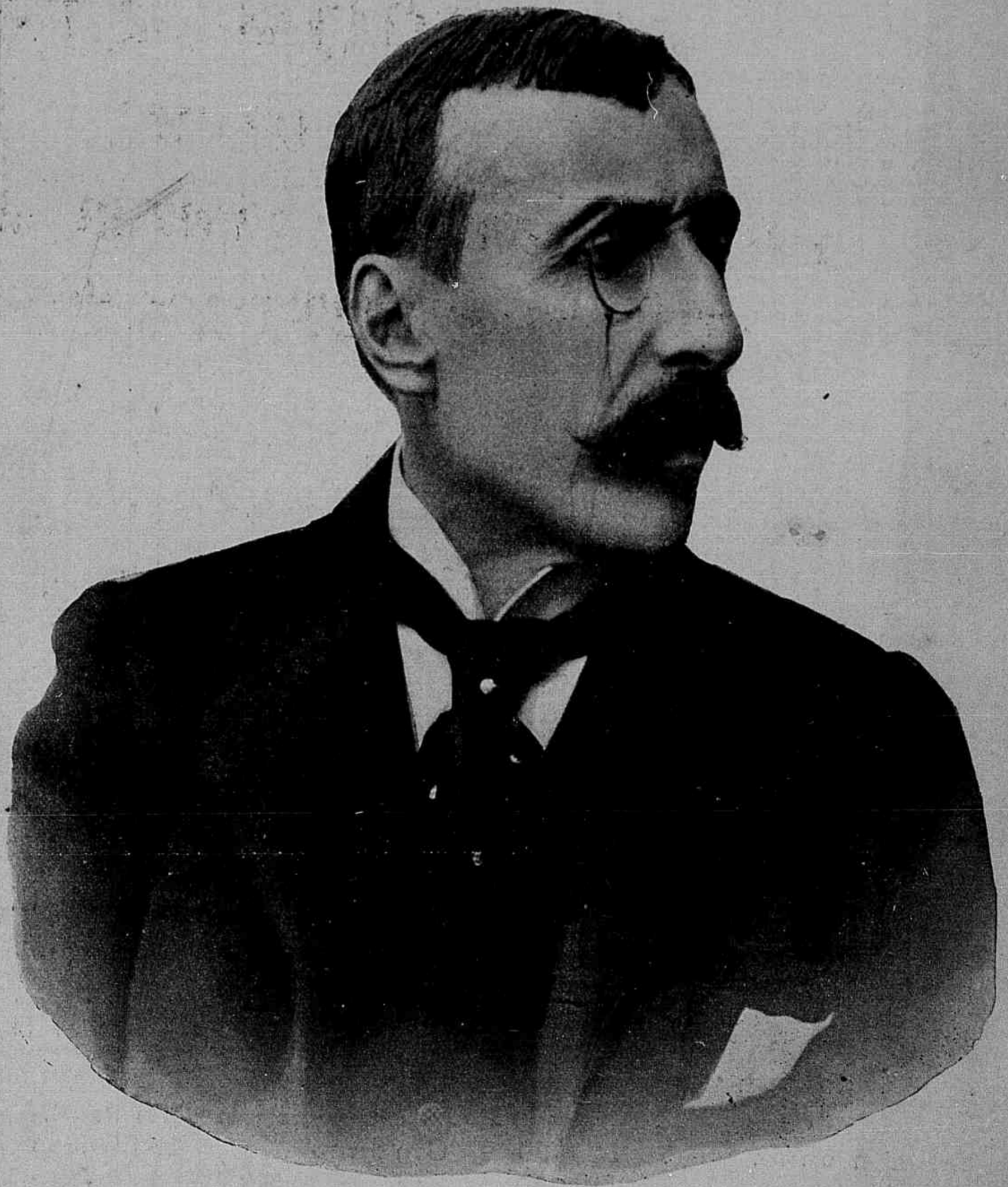
Revista Moderna

Artes e Lettras

EÇA DE QUEIROZ

M. BOTELHO

- EDUARDO PRADO
- MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO
- XAVIER DE CARVALHO
- OLIVEIRA LIMA
- CONDE D'ARNOSO
- J. BATALHA REIS
- TRINDADE COELHO
- MONTEIRO RAMALHO
- CONDE DE FICALHO
- MAGALHÃES DE AZEREDO
- JOÃO DA CAMARA
- JAYME DE SÉQUIER
- ALBERTO BRAMÃO
- HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA
- CONDE DE SABUGOSA
- MARIANO PINA
- JOSÉ PESSANHA
- LUIZ DE MAGALHÃES
- ALFREDO DA CUNHA
- ANTHERO DE FIGUEIREDO
- HENRIQUE DE VASCONCELLOS
- DOMICIO DA GAMA
- JOSÉ SARMENTO
- ABEL BOTELHO
- CAMARA LIMA
- RAYMUNDO CORRÊA
- DOMINGOS GUIMARÃES
- J. PEREIRA DE SAMPAIO
- COELHO DE CARVALHO
- LUIZ SERRA



Este numero

 A handwritten signature in cursive script, reading "Eça de Queiroz".

Este numero começa a publicação da
ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

e é acompanhado de um *hors texte* :
O RETRATO DE EÇA DE QUEIROZ

MAPLE E CIA

Tottenham Court Road
LONDRES

ENDEREÇO TELEGRAPHICO
MAPLE - LONDRES



MAPLE E CIA

Rua Boudreau (Perto da Opera)
PARIS

ENDEREÇO TELEGRAPHICO
MAPLE - PARIS

Fornecedores de S. Graciosa Magestade a Rainha
O MAIOR ESTABELECIMENTO DE MOVEIS DO MUNDO

LISTA dos principaes Hoteis, Bancos, Clubs e Grandes Repartições Publicas na Europa e America mobiliadas pela casa MAPLE e Cia.

Élysée Palace Hotel, Avenue des Champs-Élysées, Paris
Turf Club, Lisbonne
The Grand Hotel, Trafalgar Square
» Hotel Métropole, Monte-Carlo
» Hotel Métropole, Cannes
» Cavalry Club, Piccadilly
» New Traveller's Club, Piccadilly
» Imperial Hotel, Bournemouth
» Knowle Hotel, Sidmouth
» Prince of Wales Hotel, Holyhead
» St. Stephen's Club, Westminster
» Junior Constitutional Club, Piccadilly
» Great Northern Hotel, King's Cross
» Euston and Victoria Hotels, Euston Square
» Turf Club, Piccadilly
» Brighton New Club, Brighton
» Stirling County Club, Stirling
» Racquet Club, Liverpool
» Cliftonville Hotel, Margate (part refurnishing).
» Royal Forest Hotel, Chingford
» Buckingham Palace Hotel, S. W. (new wing)
» Volksraad, Pretoria
» Royal Hotel, South Shields
» Royal Holloway College, Virginia Water
» Hotel Cap Martin, Mentone
» Riviera Palace Hotel, Cimiez
» Bosphorus Summer Palace Hotel and Club, Therapia
» British Club, Paris

The Kimberley Club, Kimberley
» Hotel Burlington, Sunny Boscombe
» First Avenue Hotel, Holborn
» Constitutional Club, Northumberland Avenue
» Government House, Simla
» Burlington Hotel, Old Burlington Street
» Hotel Victoria, Northumberland Avenue
» Royal Station Hotel, Hull (for North Eastern Railway)
» Great Eastern Hotel, Parkstone
» Grand Hotel, Brighton (new bedroom wings)
» Liverpool Club, Liverpool
» Victoria Club, Jersey
» West Cumberland Club, Whitehaven
» Malvern House Hydropathic Establishment, Buxton
» Charing Cross Hotel, new wing (50 bedrooms)
» Jockey Club, Newmarket
» Devonshire Park Pavilion, Eastbourne
» Crewe Hotel, Crewe, for L. & N. W. Ry. Co.
» Devonshire Park Theatre, Eastbourne
Limmer's Hotel, Hanover Square
The Pump House Hotel, Llandrindod Wells
» Sackville Hotel, Bexhill-on-Sea
» Plough Hotel, Northampton
» Grand Hotel, Peterborough
» Grand Atlantic Hotel, Weston-Super-Mare
» Grand Hotel, Jersey
» Grand Hotel, Lowestoft
» Esplanade Hotel, Seaford

The Coburg Hotel, Grosvenor Square
» Hotel Métropole, London
» Hotel Métropole, Brighton
» Great Eastern Hotel, Liverpool Street
» Savoy Hotel, Victoria Embankment
Le Cercle d'Orient, Pera
Le Cercle, Smyrna
Le Cercle Khedival, Alexandria
Le Cercle Bilbao, Spain
Le Cercle de Résidentes Étrangères, Rosario
The Hellenic Club, Smyrna
» Hotel St. George, Mustapha Superior
» Station Hotel, York (for North Eastern Railway Company)
» Queen's Hotel, Birmingham
» County Hotel, Newcastle
» Grand Hotel, Northampton
» Burlington Hotel, Eastbourne
» Park Hotel, Preston
» Hotel Carol I^{re}, Kustendjie, Roumania
» Senate House, Buenos Ayres
» Central Station Hotel, Glasgow
» Royal London Yacht Club, Cowes
» Royal Spithead Hotel, Isle of Wight
» L. & N. W. Railway Hotel, North Wall, Dublin
» Avenida Palace Hotel, Lisbon.
» Eatsbourne Hydropathic Establishment, Eastbourne
» Buxton Hydropathic Establishment, Buxton

Vêr o annuncio na quarta pagina capa, lado exterior

Revista Moderna

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

DIRECTOR: M. BOTELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL
E ILLUSTRAÇÃO ARTISTICA
DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE PORTUGAL, FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

BRAZIL

FRANÇA

PORTUGAL

e outros paizes da União Postal.

Um anno.	50\$000	Um anno	40 francos	Um anno	10\$000
6 mezes.	30\$000	6 mezes.	24 »	6 mezes.	5\$500
Numero avulso.	2\$500	Numero avulso.	2 »	Numero avulso.	500

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEGUINTE CASAS.

BRAZIL

Rio de Janeiro. LAEMMERT E Cia, Rua do Ouvidor.
São Paulo CASA GARRAUX, Rua de 15 Novembro.
Pernambuco. LAEMMERT E Cia, Rua Marquez de Olinda.
Pará LIVRARIA COMMERCIAL, Rua João Alfredo.

Pelotas CARLOS PINTO E Cia.
Santos. WEINMANN ET Cia.
Campinas. LIVRARIA ESCOLAR.
Ceará ALFREDO GENOUX.
Joaquim José de Oliveira.

UNICA AGENCIA EM PORTUGAL: Livraria Pereira, 50-54, Rua Augusta, Lisboa
PARIZ: Escriptorio e Administração, 48, Rue de Laborde et Librairie nouvelle, Boulevard des Italiens
LONDRES: Arsenio Pinto Leite e Cia, 11, Queen Victoria Street

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADEANTADAS



See P. Lucey
Paris - October - 1837
F.

nº 10

A REVISTA MODERNA

A

EÇA DE QUEIROZ

EÇA DE QUEIROZ

A *Revista Moderna* começa no seu presente numero a publicação da — Ilustre Casa de Ramires — do grande romancista portuguez Eça de Queiroz. Se já não fôra a collaboração valiosa e effectiva do brilhante escriptor, dando á nossa publicação, desde os seus primeiros passos, esse cunho superior e elevado que tanto tem impressionado o espirito culto de Portugal e Brazil, seria para nós um justo titulo de reconhecimento essa preferencia feita ás columnas da *Revista* para o apparecimento da sua ultima producção litteraria, tão renhidamente disputada pelos lançadores de obras-primas. O incomparavel romancista, que tanto tem enriquecido as lettras portuguezas, apresenta, depois de dez annos em que elle parecia ter abandonado o Romance e a grande Arte d'observação, um novo trabalho que, naturalmente, será um consideravel acontecimento litterario em Portugal e no Brazil, n'estes ultimos tempos.

Não temos de modo algum a pretensão ingenua de fazer figurar as nossas linhas como um prologo mal collocado aos nomes festejados dos grandes mestres da poesia e da prosa, que são os unicos competentes para se pronunciarem sobre o mestre por excellencia.

O sentimento que nos domina, organizando esta manifestação sincera e tão merecida ao nosso emerito collaborador, é o da verdadeira e natural gratidão da creatura para com o creador, pois, Eça de Queiroz é, directa ou indi-

rectamente o creador litterario da *Revista Moderna*. É a esse sentimento, que os fazedores de psychologia chamam a sensibilidade moral, que nós obedecemos com extraordinario prazer cumprindo este tão facil e agradavel dever. O seu nome prestigioso e indiscutivel tem dado á *Revista* essa fórma litteraria superior que tão

difficilmente se harmonisacom as publicações illustradas, e elle continuará a ser o elemento poderoso dessa nossa tentativa que aspira a ser, não um monumento, mas uma expressão formosa de Litteratura e Arte.

Aproveitando, pois, este ensejo tão natural e justo e indo mesmo de encontro á natural simplicidade que rodeia o viver de Eça de Queiroz, a direcção da *Revista Moderna* resolveu celebrar, com o brilhante concurso dos amigos e admiradores do nosso collaborador, o seu reap-

parecimento no Romance; e estas saudações têm realmente a natureza intima d'aquellas que se fazem a um camarada querido muito tempo ausente. A — Ilustre Casa de Ramires — marcará talvez na vida do grande escriptor o começo de um segundo periodo em que o estudo da realidade ideal será de novo o motor da sua obra. Por isso a *Revista Moderna* que, na infancia da sua existencia, se liga a um tão glorioso *resurgimento*, registra com sincera e enorme alegria esta data, tão preciosa para nós e para o Publico, que de novo encontra, no seo antigo elemento, o antigo luctador.

M. BOTELHO.



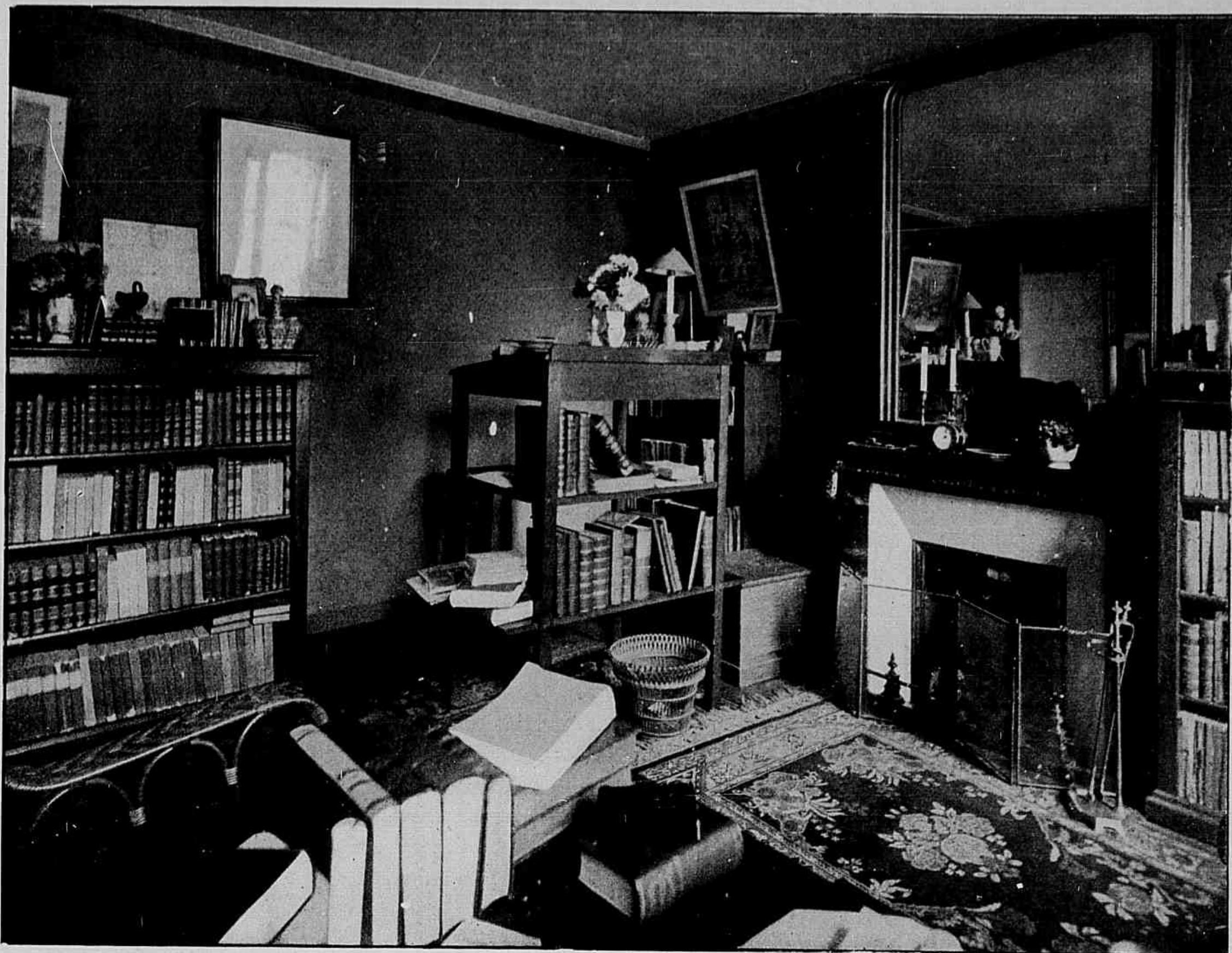


OS DOUS AMIGOS
Ramalho e Eça em 1875

A *Revista Moderna* neste numero de homenagem a Eça de Queiroz, não poderia olvidar o nome e a figura tão poderosamente sympathicos do grande escriptor Ramalho Ortigão.

Esperava a *Revista* que a primeira pagina sobre Eça de Queiroz fosse escripta pelo incomparavel amigo com quem a admiração de todos sempre o costuma associar, em lembrança das brilhantes campanhas que outrora juntos pelearam.

Infelizmente, Ramalho Ortigão não collabora neste numero. De outro qualquer mortal diriamos que o motivo desta ausencia foi a doença. De Ramalho Ortigão só podemos dizer que a sua infatigavel saúde, tendo perdido umas curtas férias, bem ganhas e merecidas, se achou o celebre escriptor casualmente separado d'aquelles que hoje se reúnem para saudar o auctor da *Illustre Casa de Ramires*.



CASA DE NEUILLY. — A sala de trabalho.

EÇA DE QUEIROZ

O passado — O presente

TODAS as tardes, das quatro ás sete horas, no ultimo andar de uma casa escondida entre arvores que restam do que foi o parque que os Orléans tiveram em Neuilly, Eça de Queiroz aproxima-se da mesa alta sobre a qual estão, ao lado de um vaso cheio de flôres da estação, muitas folhas de um grande papel cuidadosamente cortado e dobrado, com largas margens. No verão, as janellas abertas dão para a frescura verde da folhagem dos castanheiros e das tilias. No inverno, atravez dos vidros, vê elle a trama dos finos galhos negros das arvores despidas; e os pardaes vêm, em revoada, pousar e saltitar no rebordo e na grade de ferro do balcão.

Quer entre pelo quarto a luz quente das tardes longas do estio, quer cêdo se accenda a pequena lampada d'azeite, misturando a plaidez da sua luz á claridade do lume, quer sobre a mesa haja lilazes d'Abril, rosas de Julho, chrysantemos de Outubro ou violetas de Ja-

neiro — ás mesmas horas, á mesma mesa, com a mesma penna o escriptor começa a escrever.

Cada phrase, em letra aberta e igual, sem grossuras de tinta nem complicações de rabiscos, desce sobre o papel. Entre as linhas ha grandes claros; entre as palavras, os pontos e as virgulas, largos espaços. Os graphologos que examinam a letra de Eça de Queiroz dizem todos que ella revêla, antes de tudo, — ordem e imaginação.

A ordem é a condição imperiosa da belleza, porque ella se chama tambem harmonia e é a propria belleza. Dispondo com regularidade as folhas do manuscrito e as provas do seu livro sobre a mesa ou creando um personagem, gradativamente revelado em tudo quanto diz ou faz; lançando no quadro da sua vida a mancha propositalmente vaga e indecisa que ali é a indicação da paisagem; avivando alem um traço de que resalta toda a scena, o escriptor mostra esse dom da ordem que, ao

serviço da imaginação, dá perfeição á obra d'arte e, que, n'um romance d'Eça de Queiroz, crê a realidade. O seu personagem tem verdade porque as suas linhas foram lançadas, com exactidão e amor, n'um desenho consciencioso; porque foram postos em relêvo os contornos angulosos ou sinuosos do character, na luz ou na sombra que distribue um pincel creador que faz harmonicas as proporções, dá perspectiva aos planos e crê por fim o ar dentro do qual circulam e palpitam o movimento e vida.

Para bem pintar é preciso bem vêr, cousa diversa da vaga faculdade de enxergar commum aos homens e outros animaes da terra. Para bem vêr é indispensavel o exercicio da attenção que resulta do dom inapreciavel do interesse pelo mundo e pelos homens, dom que não vae sem a sympathia irradiante e activa, revelação ideal e synthetica de uma bondade generalisada.

Eça de Queiroz recebeu do céo o dom de se interessar pelo mundo em que nasceu e pelos seus companheiros de planeta, na grande viagem dos Sêres. Esse dom é o maior que um homem pôde receber. Quem o possui nunca está só, nem abandonado; é o segredo da ventura, porque as mais das dôres da vida vêm da ociosidade da alma. Aquelles para quem tudo é interessante, tudo é tambem arrimo e diversão na estrada da existencia, tudo é razão para viver, e, portanto, tudo é sympathico, tudo é digno de ser amado.

São mysteriosas e providenciaes as transformações que, no decurso de uma vida, pôde operar, n'um espirito, a pratica de uma sympathia universal. Os homens, como Eça de Queiroz, educados na Peninsula na segunda metade deste seculo, receberam uma educação que nada teve de perfeita. Era descurada a criação do animal homem. O peninsular, e o portuguez mais especialmente, parecia não mais ter a acção por destino porque se entendia que a éra da acção tinha acabado com a éra da grandeza nacional. A

..... apagada e vil tristeza

que Camões já via no seculo XVI, foi tambem só o que em Portugal vio Edgar Quinet que nos portuguezes vio um povo triste pela perda irremediavel de um passado morto para sempre.

A religião tambem acabára nas classes chamadas dirigentes e que, para dirigir, precisavam ellas mesmas saber de donde vinham e para onde iam. Havia idéas, idéas de outros, « idéas de Pariz », mas de que valem idéas sem acção e sem sentimento?

Eça de Queiroz foi o que foram os seus contemporaneos, mas, apenas sahido da educação official, olhou com interesse a ródá de si, olhou para o Estado que o creára bacharel, e, mais exigente que este creador, optimista por função, declarou que a obra não prestava e que o tal creador, elle mesmo, nada valia. Disse-lhe algumas verdades mas não se encheu d'odio nem de tremendas indignações. Rio largamente e fez rir todo o paiz, na sua extraordinaria collaboração nas *Farpas* em que Guerra Junqueiro disse haver a epilepsia do talento.

As gargalhadas, porém, ainda as melhores, acabam por acabar, e Eça de Queiroz, tomando posição como escriptor, preparou-se para desempenhar a parte de dever social que lhe competia pela fatalidade brilhante

da sua organização e que, mais tarde, realisou: a de ser escriptor perfeito.

* * *

Só uma autobiographia, que nunca será decerto escripta, poderia dar uma idéa da transformação que Eça de Queiroz teve a força e a fortuna de operar em si mesmo. N'essa relação da vida e das crises de um artista e de um homem, não faltaria a sinceridade. Como não seria sincero quem sempre quiz e sempre conseguiu ser verdadeiro? Não ha, porém, escripta essa autobiographia, e só, de modo muito deficiente, pôde a critica supprir a sua falta.

* * *

Fallámos das idéas de Pariz... Eça de Queiroz pertence a uma geração portugueza que, na sua mocidade, enchia-se de emoção com a mudança de um ministerio sob o regimen do segundo Imperio e que, ás vezes, não sabia os nomes dos homens que em Lisboa estavam governando Portugal. Chorava lagrimas de desespero com a perda da Alsacia e da Lorena e ignorava até que, pelo seu desleixo, Portugal estava, então, a perder elle mesmo, em Africa, territorios do seu velho patrimonio e que eram dezenas, centenas de Alsacias e de Lorenas proprias e não alheias.

Apagada a memoria das afrontas napoleonicas, parecia nada dizer mais a esses portuguezes a vista dos seus monumentos patrioticos mutilados, destruidos, os ossos dos seus reis e dos seus heróes profanados e dispersos, e o tumulo da linda Ignez violado. Tudo fôra perdoado, tudo esquecido. Por virtude christan? Não: por um entorpecimento apparente e invencivel da fibra patriótica, por um phenomeno talvez unico: o de um povo que se desnacionalisava.

A mocidade praticava a Hugolatria, tinha o fanatismo de Garibaldi, vibrava e pugnava, no vácuo, pelas causas estrangeiras e, durante uns dias, o Sr. Floquet foi para ella um grande homem, porque, a pretexto da Polonia, foi, sem perigo, insolente para com o Tsar da Russia. A mocidade conspirava. Contra quem? contra o Sr. Rouher!!!.

Eça de Queiroz teve a grande desvantagem de, intellectualmente, nascer um francez do segundo Imperio.

Foi ao Egypto; assistio á festa franceza da abertura do canal de Suez; a amplidão da *crinoline* da Imperatriz occultou-lhe um pouco da Grande Pyramide. Correu a Terra Santa recalçando a propria emoção e querendo ter, á margem do Jordão, o espirito do *boulevard* que elle não tinha ainda visto nem pizado na sua vulgaridade vil, e em que elle, portuguez ingenuo e imaginoso, sonhava como a Via Triumphal do espirito humano.

Eça de Queiroz vio o Oriente e tambem Flaubert o vio. Mais tarde, foi Consul, tão pouco Consul como Stendhal.

Vio mal o Oriente e tambem Flaubert o vio pessimamente. Lembra-me que Maxime du Camp, em cuja conversação fulgurante vinham sempre a memoria e o nome de Flaubert, na sua villa de Baden-Baden, contava que, durante a sua celebre viagem do Nilo, Flaubert, agoniado por uma paixão intensa que lhe prendia a alma em França, passava quasi todo o tempo na sua

barca, encerrado no estreito camarote, ás escuras, deitado no beliche. Maxime du Camp, só, sobre a coberta, enfurecia-se ás vezes, e interrompendo a sua contemplação do horizonte incomparavel, gritava para baixo : *Tu ne verras donc rien, animal!*

Como foi porem que Flaubert e como foi que Eça de Queiroz, vendo tão mal, pintaram tão bem? A explicação está n'uma palavra. Essa palavra, porem, é tão extraordinaria e exprime alguma cousa de tão grande, está tão fóra do gasto commum da vida, que ha um certo embaraço, uma especie de pudor em applical-a a alguém que vive como nós e conosco, todos os dias. É o genio. Os escriptores de genio adivinham e os seus quadros são as melhores pinturas, como as instantaneas são as melhores photographias.

Para Eça de Queiroz, a paisagem sobrenatural do Oriente e o seu infinito de poesia ficaram, por annos e annos, dormindo, sem revelação, na retina e na memoria do antigo viajante. Eis que, mais tarde, como n'uma placa photographica que, guardada no escuro, conservou latente, invisivel, a scena que a sensibilisára, essa vida do Oriente, a sua grandeza, o seu velho saber apparecem deslumbrantes na *Reliquia* e a sua luz vem sempre, na transparencia do seu azul, no silencio da sua eternidade, no encanto do ceu mysterio, na sedueção das suas lendas, illuminar as paginas d'Eça de Queiroz que, cada vez mais e quanto mais sóbe na escala do seu aperfeiçoamento artistico, cada vez mais ama esse Oriente que o domina, como dominou Flaubert, como dominou Chateaubriand.

Antes, porem, dessa visão resurgente, teve a época de combate iniciação da celebridade. Organizado como está, em toda a parte, o conjuncto de affinidades, interesses e aversões que constituem o que se chama o mundo litterario, nem sempre chega alguém a ter um nome por ter uma obra. Ha casos em que primeiro se ganha o nome e depois faz-se ou não se faz a obra. Eça de Queiroz teve o nome e fez a obra.

A notoriedade ruidosa veio-lhe da sua collaboração nas *Farpas*. Houve um Xerxes que prometteu um premio enorme a quem descobrisse um prazer novo. As *Farpas* mereceriam o premio, porque descobriram um riso novo em Portugal. Póde-se dizer que, depois da primeira phase das *Farpas*, a palavra *verve* tornou-se portugueza. Ramalho Ortigão fez, depois das *Farpas*, um grande instrumento de educação nacional.

Quando as *Farpas* appareceram, Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz eram francezes e afrancezada a sociedade que os lia. Ramalho Ortigão, hoje o glorioso resuscitador do amor pela arte portugueza, o legislador da sua esthetica, o defensor dos seus monumentos e, póde-se dizer, que o descobridor da belleza e da poesia da paisagem e dos costumes populares de Portugal, tão singularmente esquecidas, Ramalho Ortigão ainda tinha o deslumbramento do Pariz napoleonico de 1867. Elle e Eça de Queiroz olhavam para Portugal como para um paiz estranho, que muito mal conheciam, que amavam com um amor muito vago, muito indefinido, que nem ousavam até confessar. Viam o seu paiz ridiculo, porque o ridiculo é apenas a disconveniencia das cousas que vemos com as idéas que temos. Portugal não lhes quadrava, não se juxtapunha aos seus môdes francezes, não entrava nos compartimentos da sua concepção franceza

da vida. Desprezavam a solidez da cozinha nacional pela chimica dos jantares á franceza, e aquelles dous escriptores para quem hoje a lingua portugueza, já sem segredos, é toda belleza, docilidade e vigor, injuriavam essa lingua, achavam-na pèrra, hydropica, obscura; faziam como o cavalleiro novo e ardente que injuria o cavallo que elle não sabe ainda montar nem guiar, e que resiste á violencia dos puxões da rédea e corcovêa aos desásos da espóra.

As *Farpas*, na apresentação comica das cousas e dos homens de Portugal, seguiam um methodo que era brilhante no effeito conseguido. Era ingenuo e absurdo, mas tinha a grande vantagem de ser simples. Tomavam um homem, ou um facto portuguez; para fazer rir d'elle, tomavam o facto ou o homem equivalente ou correspondente em França. Comparavam e riam. Riam, porem, tão bem, tão sinceramente, que o paiz todo ria com as *Farpas*. O ridiculo resaltava da diversidade das proporções e de uma illusão de perspectiva. No fundo, o que havia nessa comparação era uma differença de mais kilometros quadrados de territorio, de mais dinheiro, de mais luxo, de historias, de litteraturas differentes e de vocações e de genios nacionaes diversos. Davam por genuinamente portuguez um certo ridiculo quando esse era, muitas vezes, o resultado da attitude contrafeita e portanto incommoda e grotesca de alguém ou da sociedade inteira que se desageitava n'um esforço para parecer bem, o que em Portugal era, então, equivalente a parecer estrangeiro, isto é, francez.

Os auctores das *Farpas*, como tantas almas do seu tempo, estavam desarraigadas do seu sólo. Eram, porem, plantas vigorosas e sadias que se conservavam vivas e, mais tarde, com o tempo, repenetrando na terra as raizes, tornaram-se, de novo e para sempre, portuguezas. D'ahi a naturalidade, o vigor e a belleza da sua esplendida florescencia.

A guerra franco-prussiana e a destruição da hegemonia franceza foram grandes bens para Portugal. É duro de dizer, mas só os poderosos e os felizes é que são imitados. É isto verdade entre os individuos e verdade entre os povos. Desprestigiada a França, Portugal não teve a quem imitar e coube-lhe a ventura de ficar reduzido a ser portuguez. Não podia imitar a Inglaterra; não podia amar essa amiga sempre suspeita, porque esta amizade só existe nos tratados de uma alliança desigual. A Inglaterra, demais, succedeu a Portugal no Imperio dos mares e da India, esses dous patrimonios colossaes da raga portugueza. Como esquecer esta iniquidade do destino? Tudo é, pois, barreira para a influencia moral, litteraria e social da Inglaterra em Portugal.

A Allemanha victoriosa ficava muito longe; com ella não havia relações sociaes e a lingua ignorada, centuplicando a distancia, tornava invencivel o afastamento.

Em toda a Europa houve uma revivescencia intensa do nacionalismo. O cosmopolitismo sonhado desfez-se como os sonhos; a voz de Victor Hugo, já isolada, calou-se na morte, já cansada de prégear uma federação de povos que ninguem mais queria e ninguem mais comprehendia.

Em Portugal, houve tambem a renascença do sentimento nacional, precedida, annunciada e preparada antes, pela reconstrução monumental do Portugal antigo que magestosamente iniciou o extraordinario Herculanio e

que foi feita, paralelamente, na poesia e no theatro, pelo genio de Garrett. Depois da morte de Garrett e do silencio de Herculano, estacára o movimento nacionalista que ficou sem influencia no sentimento da vida diaria. Não sahio essa influencia fóra do circulo da erudição e dos muito lettrados.

De 1870 até hoje tudo mudou e, depois do Centenario de Camões, o movimento só tem crescido.

O curioso que collecciona medalhas, moedas e gravuras; o fanatico que reúne edições dos Lusíadas e tudo quanto se refere a Camões; o paleographo que decifra pergaminhos velhos; o colleccionador que ajunta pratos e tijellas da ceramica nacional; o negociante que faz restaurar contadores chapeados ou que falsifica mesas pretas de pés torneados; o poeta que tenta reviver metros archaicos, buscando rythmos perdidos; o conselheiro que na sua Secretaria descobre tapeçarias esquecidas e que confere, em officios, com os seus subordinados, o rôl das colxas de damasco; a mulher que imita rendas velhas; o provinciano que discute azulejos; o maniaco que sonha com Van Dycks e Raphaelis perdidos em aldêas ignoradas; o prior revoltado contra a Camara que quer vender quadros antigos da Egreja; o Bispo que faz pastoraes sobre a conservação dos velhos monumentos religiosos e a preservação das alfaias e das pratas, todos, desde o mais humilde até ao militar audacioso que penetra pelos sertões d'África, a vêr o que é possível salvar do Imperio Colonial, todos, uns com ingenuidade, outros com talento, todos com amor, e alguns com heroismo, têm feito e estão fazendo obra de patriotas verdadeiros.

* * *

Eça de Queiroz deixou Portugal quando este movimento começava.

A Havana para onde foi mandado como consul não foi para elle um paraíso. Cuba não tem uma litteratura impressionante e a paisagem tropical não é animada pelas grandes recordações classicas da Historia e da Arte. É uma estufa verdejante que o estrangeiro não chega a amar, sempre extenuado do calor e da apprehensão constante de uma morte ingloria pelo vomito negro. Ali não fez obra de artista e, em tudo quanto, mais tarde, escreveu Eça de Queiroz não se vê lembrança d'aquelle pesadelo de palmeiras e orchideas. Teve, porem, a rara boa sorte de iniciar a sua practica dos homens e das cousas por uma obra de realidade, de honra e de amor.

Florescia então em Cuba o commercio dos chins escravizados, nominalmente portuguezes, porque era do porto portuguez de Macáo que elles eram levados para os infernos de verdura, de calor e de soffrimento que eram, para elles, as plantações de assucar da Ilha. Foi Eça de Queiroz nomeado consul para regular, inspeccionar e portanto manter esse commercio. Por uma disposição fiscal da lei consular, esse commercio era altamente lucrativo para o Consul. Aconteceu, porem, que o Consul foi Eça de Queiroz que começou uma campanha official contra o commercio dos chins que foi, finalmente, abolido. Depois deste acto de desinteresse, partio para a terra proverbial do interesse. Correu os Estados Unidos e teve ali o seu primeiro encontro com a raça anglo-saxonia, expandida, desabrochada n'aquella colonia colossal que lhe fez uma vaga impressão de um grande

egoismo, de uma grande dureza e de uma vaidade insultante para o genero humano.

Dos Estados Unidos foi para Inglaterra e achou-se envolvido na vida ingleza tão difficil de comprehender, tão multipla nas suas revelações, tão vária nos seus aspectos, e ao mesmo tempo tão uma, tão forte, tão recta, tão alargada e uniforme na sua acção sobre o mundo. Newcastle encarvoada, humida e brumosa e Bristol onde Portugal tem um vago Consulado em memoria de uns negocios commerciaes que acabaram ha duzentos annos, foram as residencias de Eça de Queiroz em Inglaterra. Não foram postos de observação (porque pouco observa das terras onde está) mas occasiões para adivinhar a Inglaterra. O que via com a intensa visão que suppre a realidade era Portugal.

Em Inglaterra escreveu muitos dos seus livros que, alem da sua significação tão sentidamente geral e humana, têm a luz e a paisagem moral portuguezas. Nada de inglez nelles. Estava chrystallizado o escriptor e esta chrystallisação dava-lhe a limpidez e a força e a solidez para resistir ao meio e não se deformar sob a enorme pressão da civilisação que o cercava. Apprendeu a lingua, a historia e a litteratura inglezas, mas este accrescimento de saber não o levou nem forçou á facilidade das imitações mais ou menos conscientes. A influencia ingleza sobre Eça de Queiroz contribuiu apenas para desfrancezar o portuguez. Ficou perto da França e vio-a, durante longos annos, atravez da vida ingleza; e via-a ali, a poucas horas de distancia, justamente nesta terceira republica em que a estatura dos homens, tão grandes outr'ora, vistos de Portugal, decrescia rapida e deploravelmente.

A mudança para Pariz completou para Eça de Queiroz a dolorosa desillusão. A França, « mãe das nações latinas », « Pariz capital do mundo », tudo isto soava-lhe já aos ouvidos como echos de uma rhetorica que não correspondia mais á realidade. A época era da autonomia de cada povo. Grande ou pequena, pobre ou rica, cada nação aspirava a viver por si. Todas as grandezas do genio da França, para um peninsular já fóra da influencia da embriaguez das metaphoras, tinham o grande defeito de ser francezas e não da sua terra. Demais, a vulgaridade do presente diminuia um pouco a impressão das sublimidades do passado.

A producção de Eça de Queiroz, nestes annos de retiro em Neuilly tem sido muito grande. O romancista tornou-se critico, moralista, ensaista, e chronista de um vigor, de uma originalidade e sobretudo, de uma elegancia sem rivacs, na lingua portugueza. O seu estylo tornou-se cada vez mais seu e, para o publico que avido o lê em Portugal e no Brazil, dispensavam assignatura ás riquezas litterarias que elle tem prodigalizado em jornaes e em revistas. Á medida que cresce esta producção, a severidade de Eça de Queiroz, que tanto se tem adoçado quando tracta dos outros homens, tem crescido singularmente para comsigo mesmo, chegando a um escrupulo quasi doentio no cunhar e no burilar a phrase perfeita. Com os livros que tem esboçados, escriptos e até impressos e que furta á publicidade, não os julgando bons, podiam-se fazer duas ou tres celebriidades litterarias. A paixão do documento, da exactidão e da propriedade absolutas do traço e da cõr apossou-se do seu espirito e preside a todo o seu trabalho. O homem

que outr'ora foi fazer uma conferencia (que aliás foi brilhante) sobre a pintura de Courbet, sem nunca em dia de sua vida ter visto um Courbet, petulancia que exasperava Anthero do Quental, pediria hoje semanas de longas visitas aos museus, para fazer esse trabalho. Não seria hoje que Eça de Queiroz escreveria que Villa Real fica na Beira, fazendo com que Herculano, cheio de desprezo, não mais o lêsse, morrendo portanto sem saber que deixava atraz de si um prodigioso escriptor da sua lingua.

A paixão da verdade na obra d'arte transformou singularmente o bacharel pouco instruido n'um quasi erudito. A sua erudição é, porém, uma erudição viva e humana; não é um repositório esteril de datas e de nomes. É o sentimento real de largos trechos da vida da humanidade; não só da vida dos reis e dos heróes mas da vida das massas e dos anonymos. Essa erudição consolidou, se não creou o patriotismo de Eça de Queiroz. As tardes dos seus domingos são consagradas a longos passeios pelos cães do Sena quer estejam elles sombreados pelas arvores verdes, no verão, ou varridos pelo vento frio do inverno, soprando por baixo dos arcos das pontes e que o obriga a levantar a gola do seu grosso sobretudo. São longas as suas estações em frente aos alfarrabistas e nunca volta elle para Neuilly sem alguma estampa portugueza ou alguns volumes de velhas cousas peninsulares, chronicas, sermões, vidas de santos, obras de mystica, portuguezas ou hespanholas, que depois leva horas a concertar, a tapar os buracos dos bichos, a lavar, a polir com vernizes antisepticos, matadores dos microbios que colonizam, de preferencia, n'aquella litteratura.

Um dia, fez vir de Portugal o Dictionario Bibliographico de Innocencio. O que diria Camillo Castello Branco se soubesse? Perguntaria, decerto, noticias d'aquelle escriptor em quem sempre reconheceu talento mas em quem sempre vio ou fingio vêr um estrangeirado, antiportuguez. E a maior ponto subiria a sua admiração sabendo que aquelles volumes do Innocencio estam accrescentados, annotados, corregidos. É para Eça de Queiroz mais alegre o domingo em que traz para casa algum livro portuguez, não citado pelo bibliographo.

— Não está no Innocencio! diz elle triumphante, mostrando o volume descoberto nos parapeitos dos cães.

A paixão da poesia da historia portugueza foi, em grande parte, communicada a Eça de Queiroz por Oliveira Martins. Este tão grande homem foi todo indignação e desdem quando escreveu o *Portugal Contemporaneo*. Foi todo enthusiasmo quando evocou a inelyta geração d'Aviz e a figura deslumbrante do Condestavel.

O bem anda por todos os caminhos. A procura da perfeição na sua obra, levou Eça de Queiroz, corregido do estrangeirismo que enfurecia Camillo, á grande consolação de ter amor e enthusiasmo pela sua terra.

* * *

Ha na obra de Eça de Queiroz linhas e capitulos que elle hoje desejaria não ter escripto. É tão rico que pôde, sem medo de empobrecer, fazer destes córtes na sua fortuna.

A sua intelligencia é por demais clara e o seu juizo crítico por demais seguro para ter hesitações quando se julga a si mesmo.

Essa intelligencia faz a admiração dos que o acompanham na vida e dos que se habituaram ao encanto indizível da sua conversação. Não ha situação ou problema mesmo dos que possam parecer mais affastados das suas habituaes preocupações de artista que elle não entenda e não esclareça, ás vezes com admiração dos especialistas. Elle entendia o humanitarismo transcendente de Anthero do Quental, os algarismos de Oliveira Martins, quando este Poeta se tornava Economista, e entende os processos industriaes (e mesmo os Systemas de Mundo!) do genial Carlos Mayer e as finuras e diplomacias da politica practica dos amigos votados a esses exercicios. E a todos sorprehende, ás vezes, com a clareza da sua opinião rapida e nitidamente feita e formulada.

O seu gosto artistico, no apreço e na disposição das cousas materiaes, é simples, espontaneo e natural. O antigo janota que teve discussões terriveis com a alfandega de New-York, que duvidava que a immensidade de gravatas que havia nas bagagens de Eça de Queiroz fosse para um só pescoço, é hoje modesto, no aceio immaculado da simplicidade da sua roupa. Nunca teve a fraqueza do *bric-à-brac* e, ainda hoje, conta a sua desillusão com um celebre cofre de supposto Capo di Monte, comprado como preciosidade extraordinaria e que um perito avaliou, annos depois, em 10 francos. E sobre a mesa está sempre o cofre, na sua eloquente falsidade, a dar uma lieção muda da vaidade das cousas.

Mais feliz que Balzac que, quando tinha de encaixar versos nos seus romances, pedia o auxilio dos amigos poetas, Eça de Queiroz, quando tem de pôr versos na sua prosa, fal-os em casa, tão bem como a maioria dos que se dão a essa especialidade, ás vezes sublime e não raro amena. Mostra n'isso a mesma extraordinaria habilidade com que faz tudo e que se revêla na sua promptidão e facundia em improvisar extraordinarissimos desenhos. Quasi todos os personagens dos seus romances, elle os desenha e ficam-lhe na memoria como typos immutaveis.

As leituras de Eça de Queiroz são rapidas e multiplas. Ás vezes, são feitas em voz alta e de tal modo, que não ha versos que pareçam máos, quando elle os lê com boa vontade; e prosas bem incolores tornam-se eloquentes. De vez em quando, faz dessas leituras, tendo em mão um volume de Victor Hugo. É um delirio.

Quando conta, a sua narração é a scena mesma que descreve. A voz, o gesto, a expressão dão a qualquer anecdota um interesse, uma vida e um vigor que difficilmente se podem imaginar.

Na simplicidade da sua vida de Pariz são-lhe absolutamente indifferentes as seducções de uma notoriedade estrangeira e facil. Aquelle auctor traduzido em inglez, em allemão, em hespanhol, em francez, em sueco, em italiano, em hollandez, faz o desespero dos *reporters* e da nuvem de individuos que, em Pariz, se occupam de litteraturas exoticas. É inaccessible; não vae a jantares litterarios, não vae a congressos, nem a almoços da imprensa; não procura os homens celebres de hoje nem os d'amanhan; e recusa-se, com tenacidade, ao envenenamento da má cozinha das donas de casa que, em Pariz, cultivam o *bas-bleuismo* internacional, a pretexto de raça latina, união dos povos, litteraturas do sul e outras fórmas elevadas de um mesmo *rastaquerismo*.

* * *

Eça de Queiroz tem a vida ideal de um artista, graças a Deus, como costuma elle sempre dizer, quando falla de um bem que lhe succedeu ou de um mal evitado, nunca esquecendo de acrescentar: Se Deus quizer — quando falla de algum projecto.

Deus entrou-lhe em casa. Mas, como se tratava de um manso e humilde de coração, não veio precedido de trovões e violencias; *Veniam ad te tamquam fur...* Veio subtil e inesperado, como o roubador a quem Deus se compara na Escriptura. Veio com a felicidade serena. Aquelle a quem Eça de Queiroz, na sua fatuidade de moço, não quiz ver outr'ora nas margens do lago de Genazareth, veio pagar-lhe a visita não feita, assentando-se, Hospede Invisível, á sua mesa, abençoando-a e tendo-se feito primeiro annunciar pelas criancinhas a quem sempre amou.

Hoje, Eça de Queiroz parece ter, como sonho e ultima ambição, o viver no campo e em Portugal.

Este sonho elle o realisará, de certo, quando a vellice de seu corpo vier realçar a mocidade de seu espirito. Então, como se lê no soneto em que, na agitação do seculo XVI, o typographo Plantin descrevia o socego da sua felicidade e pintava *Le Bonheur de ce monde*, Eça de Queiroz, camponez, completaria o programma:

.....

*Se contenter de peu, n'espérer rien des Grands,
 Régler tous ses desseins sur un juste modèle.*

*Vivre avecque franchise et sans ambition,
 S'adonner sans scrupule à la dévotion,
 Domter ses passions, les rendre obéissantes.*

*Conserver l'esprit libre, et le jugement fort,
 Dire son Chapelet en cultivant ses entes,
 C'est attendre chez soi bien doucement la mort.*

EDUARDO PRADO.

SNR DIRECTOR DA *Revista Moderna*.

Cascaes, 8 de Novembro de 1897.

Chegou-me, já retardada, a amavel carta de 30 de Outubro em que V. me pede para que eu collabore na justa homenagem, offerecida a Eça de Queiroz, por occasião de se iniciar na sua *Revista* do mez de Novembro o novo romance, a *Illustre Casa de Ramires*, do grande escriptor portuguez.

Acho tão pesada a responsabilidade; tão limitado o tempo que V. me dá; tão curto o espaço de que eu deva dispôr no seu brilhante periodico: tão difficil a tentativa de lançar alguma luz n'uma figura já tão intensamente illuminada; tão complicada, e estranha, e rara e captivante a personalidade eminente do grande artista, cujo talento multiforme não é possivel cingir em poucas palavras — que o meu primeiro e quasi irresistivel impulso foi escusar-me, escusar-me fosse com que pretexto fosse, á tarefa deliciosa para o meu coração, quasi inacessivel á minha vontade!

Mas, se eu fizesse esse acto de lesa-amizade, não me ficaria tranquilla a consciencia. Pareceu-me, este terror de não acceitar, uma vaidosa preocupação da minha pessoa! Que importava que eu não soubesse fazer a critica do escriptor, se o amigo pudesse lêr, atravez das minhas phrases sinceras, a terna recordação de passados dias, e a minha quente admiração entusiastica pelo seu genio feito de sensibilidade e graça, de intensa poesia imaginosa, de ironia aguda e dolorida; do seu genio que tem a vizão violenta, exasperada, amplificadora das cousas e que tem ao mesmo tempo a subtil comprehensão dos estados intimos; que observa com o realismo mais crú, que vibra com a emoção mais penetrante, e que sabe alem de tudo communicar com o Invisível pela porta vedada do Sonho, do Mysterio.

A originalidade caracteristica de Eça de Queiroz provém justamente destes contrastes, raros na alma portugueza. O unico escriptor contemporaneo com quem elle compartilha de alguns aspectos é, a meu vêr, Gustave Flaubert.

Como este fez a *Bovary* e a *Tentação*, Eça fez o *Crime do Padre Amaro*, o seu soberbo e incomparavel livro de observação aguda e terrível; e fez o *Sonho da Reliquia*, delicioso fragmento da mais requintada e oriental poesia Biblica. Como este fez a *Educação sentimental* e a *Salammbô*, Eça fez os *Maias*, e tem sublimemente espalhado por Jornaes e Revistas, perolas de uma graça antiga em que a belleza e a claridade do céu da Grecia parecem embeber-se, irisando-as de mil côres deslumbradoras...

O estylo de Eça que foi sempre muito pessoal, mas que era sobretudo poderoso de ironia ou de sensibilidade atormentada, tem ido gradualmente tomando fórmas novas, relêvos de medalha antiga, harmonias que fazem d'elle uma delicia, um gozo de volupia intellectual para quem o lê.

Ultimamente, n'esta sua *Revista*, publicou elle dois Contos que são duas maravilhas ao mesmo tempo de observação e de phantasia, e que d'este entrelaçamento raro tiram uma rara originalidade.

Não tenho presentes os titulos, porque, como V. vê pela data da minha carta, estou longe da minha casa, dos meus livros, de tudo que pudesse auxiliar-me n'um trabalho que só pôde ser rapidissimo e sem valor.

Sei que um desses contos proclamava, em phrase adoravel e de uma simplicidade homerica, a inutilidade da *perfeição*; e que o outro affirmava, com não menos suggestivo poder, a inutilidade do *idealismo*.

N'um dos contos Ullysses, o arguto, o palavroso Ullysses não cuidava noite e dia senão nas artes de se furtar áquella *felicidade immortal* que o Amor de uma deusa lhe ministrava em cornucopia inexgottavel; e no outro o mais perfeito e mais sublime dos amantes, justamente por ter levado aos derradeiros extremos a idealidade casta do seu Amor, morria, deixando a fama justificada de um mendigo rôto, ignobil, crapuloso...

Não ha *nihilismo* mais absoluto que o que resalta d'estes dois contos, mas com que perfeição extraordinaria elles estão escriptos! São duas lagrimas mysteriosas de desespero philosophico, mettidas em conchas de iriada madreperola, e que sómente algum desenganado, alguma Alma incuravelmente triste, saberá analysar e decompôr!

A ironia, a clara limpidez do estylo, a sonora e viva graça do luminoso epitheto, a elegancia incorruptivel da fórma — eis o que salta logo aos olhos e o deixam deslumbrados!

Para mim Eça de Queiroz não é porem sómente o raro artista que em França seria opulento, aclamado, cercado de discipulos como um mestre, importunado de admirações e de homenagens, e que, pelo triste facto de pertencer a este Portugal, de céu azul e mar divino — este mar que está cantando e soluçando e rezando aos meus ouvidos o seu eterno psalmo enquanto escrevo — se vê forçado a um exilio quasi permanente, longe de todos os que o amamos e conhecemos, sob as brumas de um extranho clima...

Eça de Queiroz é uma alma de santo que, por tudo saber talvez, attingio á calma innocencia que tudo perdoa :

É sem limites a sua bondade porque a todos abrange, é infinita a sua indulgencia porque nada o indigna desde que tudo quiz e soube comprehender...

O publico que o lê admira-o, achando-o ás vezes irritante como um enigma nas contradicções e nas multiplicidades dos seus aspectos intellectuaes; os amigos que o conhecem de perto esquecem o artista, para só verem n'elle a alma boa, ineffavelmente boa!

E hoje como sempre a *Bondade* é ainda o que mais vale!

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

O ESPIRITO REVOLUCIONARIO NA OBRA DE EÇA

A critica social no romance d'Eça de Queiroz ainda está por fazer. E no emtanto que admiravel estudo para tentar todos os escriptores que possuem uma orientação inteiramente moderna e que empregam na analyse litteraria os processos d'annotação philosophica e de definitiva conclusão scientifica!

Geralmente o publico letrado não vê no *Primo Bazilio* ou no *Crime do Padre Amaro*, na *Reliquia* ou nos *Maias* senão a evolução litteraria do romance, as altas e poderosas qualidades d'um suggestivo artista que tem sabido compulsar como ninguem entre nós o documento humano, um raro experimentador e um observador original. Mas na obra de Eça de Queiroz ha mais do que pura litteratura e preciosidade d'estylo, ha theses que o romancista desenvolve com um espirito d'independencia critica e uma intuição d'analysta sociologo, que raras vezes encontramos cá fóra em geniaes escriptores da Europa contemporanea. Com a visão clara d'um pensador que é ao mesmo tempo um dos primeiros artistas da lingua portugueza n'este seculo, — senão o primeiro, — Eça de Queiroz tem ferido na sua obra todos os preconceitos da sociedade burgueza, desde o absurdo e anti-natural celibato dos padres catholicos, no *Crime do Padre Amaro* e da credice grotesca, na *Reliquia*, até á immoralidade do adulterio *chic*, no *Primo Bazilio*, ao convencionalismo da agonisante e dessorada sociedade portugueza, nos *Maias*. Sem ir até ao fim do seu pensamento como Emilio Zola, n'alguns dos sens romances, o *Germinal* por exemplo, o grande romancista portuguez deixa no entretanto transparecer na sua obra, bastante complexa,

a aspiração vasta d'integral liberdade que lhe anima o espirito de pensador inteiramente do seu tempo. E como hoje todos sabem, não são a jogralidade caduca d'um anti-clericalismo de melo-drama nem a phraseologia vaga e vasia do Jacobinismo que reclama a cabeça do rei com feijão branco, as armas de combate que podem e devem manejar todos aquelles que luctam pela renovação das almas, n'um futuro de liberdade e de justiça social. É, pelo contrario, a analyse scientifica que a obra d'arte reanima e aquece pelo influxo espiritual do requinte da fórma, o grande instrumento demolidor por excellencia.

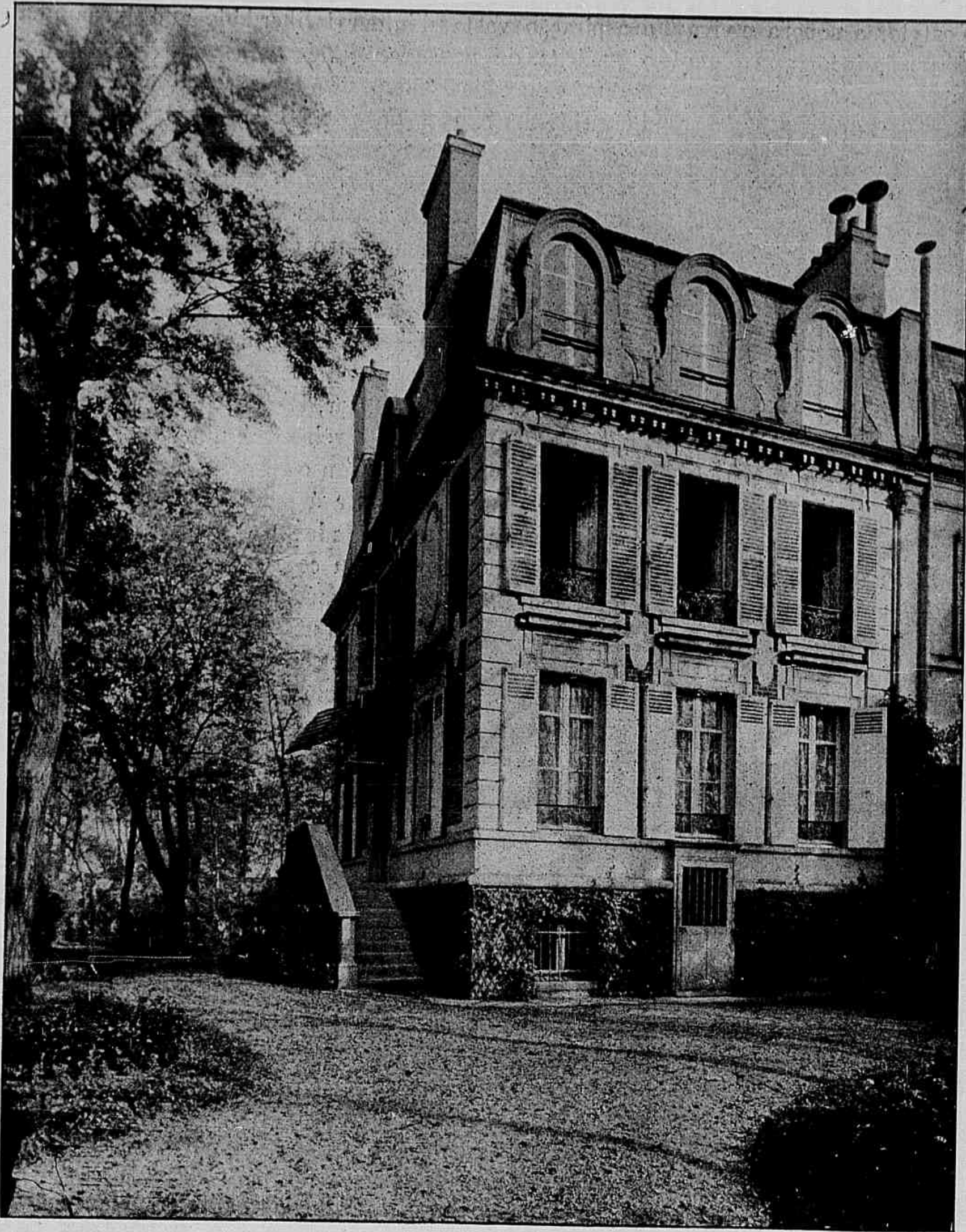
D'uma cerebração superior, Eça de Queiroz como não podia deixar de ser, comprehendeu tambem essa alta missão do escriptor que tem o respeito de si mesmo e que pretende ter um logar á parte na vanguarda dos que preparam uma sociedade egualitaria e livre. Por isso nós applaudimos o seu consciante e duplo esforço d'artista e de pensador, saúdando, n'esse nome tão querido e tão glorioso, mais um irmão d'armas na obra tres vezes santa da demolição de todos os preconceitos de casta e um precursor da humanidade feliz e libertaria d'amanhã!

XAVIER DE CARVALHO.

EÇA DE QUEIROZ

Todos os da nova geração, portugueza e Brasileira, criamo-nos na sua admiração, e não era este sentimento uma admiração convencional, insinuada pelo meio, imposta pela suggestão, mas uma ingenua e sincera admiração que dirigia-se porventura mais ao lado menos delicado da individualidade do escriptor, mas que denunciava a forte acção do seu talento. Das impressões da adolescencia destacaram-se para diante impressões mais fundas e mais fundadas, como d'um motivo de opera desenvolvem-se as largas e magnificas harmonias. Sob a copia da realidade, feita com fidelidade inexcedivel, descobrimos a Ironia, que a anima, que a realça, e, envolta n'essa, o sentimento, bem escondido para não desmanchar a impersonalidade voluntaria, mas aquecendo toda a obra com a sua chamma vivificante. Por vezes a Fantasia, que é n'elle espontanea e brilhantissima, solta-se dos liames naturalistas e lá vai por ahi fóra revolver o passado, evocar sombras e realizar — e o que é mais, realizar com consciencia, com o profundo senso historico de um allemão — sonhos como o da *Reliquia*.

Se os livros de Eça de Queiroz fossem simples novelas escandalosas ou meras fabricas de gargalhadas, não se daria o facto de elles serem tres e quatro vezes lidos, encontrando-se-lhes sempre o mesmo, senão maior encanto. Conheço no Brazil pessoas, que não são propriamente homens de letras mas individuos de intelligencia e illustração, que sabem de cór paginas seguidas dos *Maias*, do *Primo Brazilio*, do *Crime do Padre Amaro*, e delicias-se em repetil-as. Eu tambem, de tempos a tempos, releio um d'aquelles romances, não me cansando de admirar a sciencia da sua composição; a agudeza da visão; a verdade do enredo na apparencia frouxa, como a vida que nem sempre tem a intensidade



CASA DE NEUILLY

« É um pequeno pavilhão (diz o nosso collaborador que presidio á tiragem das photographias) encravado nos terrenos ajardinados d'um outro grande predio que se aluga aos andares. Esta especie de construcções é peculiar ao suburbio de Neuilly. A pequenez d'estes pavilhões é compensada pela abundancia de luz e ar, e pela absoluta tranquillidade preciosa para um escriptor.

da tragedia; a agilidade acrobatica do estylo; a pasmosa variedade de typos e caracteres todos humanos, alguns tão syntheticos como o Harpagão de Molière ou o Othello de Shakspeare. Assim folgo de ter uma occasião de tributar ao extraordinario artista o meu reconhecimento pelos muitos momentos de gozo litterario que encontrei em sua leitura.

OLIVEIRA LIMA.

Eça de Queiroz — O Principe dos artistas portuguezes — enceta hoje, n'esta Revista, a publicação da *Illustre casa de Ramires*.

O director da *Revista Moderna*, seguindo a antiga tradição das velhas côrtes, onde a etiqueta ordena que

seguramente a este tão simples preito que o seu bello coração será menos sensível.

CONDE D'ARNOSO.

SNR DIRECTOR DA *Revista Moderna*.

Faz-me V. a inesperada honra de me pedir « algumas linhas » sobre Eça de Queiroz.

Devo sem duvida o seu pedido á circumstancia de haver V. sabido — não posso descobrir como — ser eu um dos 3 ou 4 portuguezes, (somos ainda 4?) que ha mais de 30 annos admiram o Eça de Queiroz.

Ha mais de 30 annos já, com effeito, vi eu uma noute, na Redacção da *Gazeta de Portugal*, em Lisboa, um vulto alto e esguio, magro como um Indio esfomeado, livido como um marfim antigo. A cara, fundamente

ao nascimento dos filhos dos Reis assistam os altos dignitarios, convida (n'uma homenagem requintada e culta, os homens de letras em evidencia no nosso paiz a enfileirarem-se ao longo das macias paginas d'este numero, em artigos consagrados ao mais eminente dos nossos escriptores. Intimo d'Eça de Queiroz ha perto de vinte annos (Santo Deus! como o tempo passa!) só n'essa forte amizade, nunca amollecida, encontro motivos de sobejo para a honra do convite recebido. E, porque ás portas barulhentas da publicidade assomei um dia, amparado pela impecavel prosa do grande romancista, indo-me juntar áquelles que, como dizia Carlyle, são « *simples fazedores de livros* », não quero esquivar-me, no meio de tão *Illustre Companhia*, a vir tambem obscuramente depôr, junto das palmas que os outros tecerão, as singelas mas immorredouras flôres da amizade que a grande alma do amigo tão carinhosamente tem sabido cultivar na minha.

E, áquelles que o não conhecerem senão pela sua ruidosa obra litteraria, direi que não será

cavada a claro escuro, era ladeada de melênas corredias de cabello muito preto, e manchada por um bigóde muito preto, por duas sobranceiras muito pretas, por dois olhos muito pretos, luzindo entre os grossos aros, muito pretos tambem, de grandes lunetas escuras. Este vulto estava completamente vestido de preto e coberto por um chapéu alto, de feltro mate, um pouco conico, como se usou nos fins do seculo XVI, e se vê nos retratos de Philippe II de Hespanha.

Esta lugubre pessoa era o Eça de Queiroz.

Na *Gazeta de Portugal*, onde entretanto se revelavam, com prompto e unanime applauso, alguns dos mais influentes Estadistas e estimados Litteratos do Paiz, os *Contos fantasticos* que o Eça de Queiroz publicava, — « os seus abutres », como elle proprio lhes chamava, — eram apenas assumpto de chacota : citavam-se sobre elles ditos de espirito decisivos do Teixeira de Vasconcellos e do Severo — do Severo do Espirito Santo.

— Tem talento este rapaz, — dizia o Teixeira de Vasconcellos.

E depois d'uma pausa, gaguejando, acrescentava :

— É pena ser completamente doido, ter estado em Coimbra, e... e... escrever em francez.

E a hilaridade que hoje o Eça de Queiroz produz com os seus escriptos humoristicos, era então provocada pelos seus escriptos tragicos, nas poucas pessoas que distrahidamente os olhavam.

Quando a *Gazeta de Portugal* publicava algum folhetim do Eça de Queiroz (*As memorias d'uma forca*, *O senhor Diabo*, *Os Corvos*) eu lia-o, relia-o, tornava a lel-o, e insultava, intolerante, as pessoas que, por dias, ousassem chamar-me a attenção para escriptos dos festejados Lisboetas da época.

Por annos o Eça de Queiroz deixou de escrever ; e ninguem deu por isso senão eu, que, ao ver o que por esse tempo se publicava em Portugal, pensava sempre :

— Se o Queiroz escrevesse ! Quando o Queiroz escrever !...

Convivemos então intimamente e fomos muito amigos.

Tudo isto se passou ha mais de 30 annos.

Ha 30 annos o Eça de Queiroz era, na completa despreocupaçào mundana e social dos seus 20 annos ; no seu desinteressado, profundo e scintillante desdem idealista por todas as pessoas, por todas as cousas officiaes, por tudo que é irracionalmente convencionado ; na fórma do seu espirito e nos seus ditos incomparaveis — a mais fórte e original figura de artista que jamais existiu em Portugal.

Trinta annos passaram.

Hoje o Eça de Queiroz não tem senão admiradores em Portugal e no Brazil, — o que na verdade me inquietaria se eu não soubesse que muitos d'esses admiradores actuaes fornecem ao genial romancista do naturalismo portuguez o seu mais precioso assumpto, e que todos elles hão de ficar, fixados para sempre, muito mais vivos e interessantes do que realmente são, nas obras do grande Escripitor.

Podia encher volumes com recordações do Eça de Queiroz, que me não cabem, é claro, nas « linhas », que V. me pède, e que decerto eu já excedi.

Do Eça de Queiroz deve dizer-se julgo eu, em resumo, o que se não pôde dizer de mais ninguem em nenhuma outra nação : que elle é essencialmente *unico*, — absolutamente *unico*, — na Litteratura do seu paiz. E é um problema interessante que eu offereço ao estudo dos criticos, discipulos de Taine, o de descrever o Eça de Queiroz como um Litterato portuguez. O que elle é, entre os primeiros Escriptores de todas as nações e de todos os tempos, é um dos que mais poderosamente têm possuido, no mundo, o *dom de crear vida*. Mas é talvez uma novidade para os numerosos admiradores actuaes do *humorismo* e do *realismo* do Eça de Queiroz o informal-os de como elle é, ao mesmo tempo tambem, um grande creador fantastico e, quando quer, um grande poeta em verso.

É pena porem — permitta-me V. que eu aqui o lamente — o não ser possivel já agora dizer do verdadeiramente grande artista que é o Eça de Queiroz, cousa que todos os dias não escrevam os expansivos e hyperbolicos portuguezes e brazileiros de milhares de mediocres pessoas do Brazil e de Portugal.

J. BATALHA REIS.



HA VINTE ANNOS

Antiga photographia d'Eça de Queiroz feita em Inglaterra, depois do apparecimento do « Primo Bazilio ».

UM PLEBISCITO

Em Coimbra, quando eu era estudante, eu e alguns rapazes tivemos a idéa de um plebiscito litterario, dispostos a averiguar pelo suffragio — *quaes os tres escriptores portuguezes a esse tempo mais notaveis...*

A pergunta affixámol-a durante tres mezes no jornal onde escreviamos, o *Imparcial de Coimbra*, e não houve folha, de cá e do Brazil, que a não transcrevesse, — e algumas com seus commentarios, nem sempre amaveis...

Corria, porem, o tempo, e os votos chegavam, ás duzias todos os dias; — e do Brazil, em dois ou tres paquetes, sociedades litterarias remetteram-nos actas em fórma, com esrutineos que lá tinham feito, e maiusculas muito flôreadas.

O plebiscito *pegara*, pois; — e no dia 25 de Dezembro, dia de Natal, foi o apuramento!

Incluindo todos os votos, ou quasi todos, o nome de Camillo, os do Brazil carregaram, porém, muito sobre Pinheiro Chagas e Latino Coelho, — de modo que o senhor Eça de Queiroz, que era, em todo o paiz e principalmente em Coimbra, o candidato dos « novos », veio a ficar, feito o apuro, o primeiro da minoria, tendo por immediatos, em numero de votos, os senhores Ortigão e Theophilo Braga.

Foi esse o resultado do plebiscito; mas como disse, a idéa tinha levantado celeuma, — e Beldemonio, por exemplo, que a esse tempo escrevia no *Correio da Noite* as suas « *Chronicas da Capital* », viu na pergunta uma invasão irreverente dos direitos da critica, e o menos que lhe chamou foi extravagante, arrojada e original, — e por ultimo tambem *innocente*, griphando... É de ouvir o que elle dizia:

— « Isto não são coisas que se perguntem (clamava elle no *Correio da Noite*) a um publico inteiro, onde só uma pequenissima minoria dispõe dos elementos criticos que poderiam dar garantias do bom senso da resposta... » — E invectivava: — « ...e quando uma redacção, em que se suppõem capacidades feitas para imprimir uma direcção ao espirito publico, colloca assim a sua auctoridade em subserviencia perante a massa anonyma dos seus leitores, exhautora-se a si propria. »

Como estas, outras, assim fortes; — mas o que elle não sabia, esse pobre e infeliz Beldemonio, é que no plebiscito havia uma boa dóse de *blague* coimbrã, — e que o jornal era feito por meia duzia de rapazes cabulas, que ao toque da *Cabra* subiam Quebra-Costas de capa ao hombro, e aguardavam, na redacção que era na rua dos Cantinhos, que fossem horas de sahir a *sebenta*...

Travou-se, porém, rija polemica, está visto; — e revendo agora, n'um velho e poído volume do *Correio da Noite*, do ultimo trimestre de 1884, os libellos causticos de Beldemonio, verifico, por transcripções ahi feitas de certas replicas, que era eu que lhe replicava!

Entretanto, merece registo, — principalmente n'este lugar, — o que dizia no fim de uma das suas chronicas o galhardo impugnador do plebiscito, — por terem constituido, as palavras que vou transcrever, o « lemma » dos eleitores dedicados do senhor Eça, isto é, da rapaziada toda da Luza-Athenas. Estabelecido que o escrever pôde ser um officio, ou uma sciencia, ou uma arte, e que o escriptor tem de se affirmar como artifice, ou

como sabio, ou como artista, — indeciso em qual d'estas tres divisões seria necessario escolher tres nomes, Beldemonio perguntava assim:

— « É n'esse campo (no da *arte*) que deverão ser eleitos os tres escriptores contemporaneos mais notaveis de Portugal? »

E votava de lista aberta:

— « Então, a *Chronica* apresenta os seus candidatos: — primeiro, o senhor Eça de Queiroz; segundo, o senhor Eça de Queiroz; terceiro, finalmente, o senhor Eça de Queiroz. »

TRINDADE COELHO.

Mais do que nunca estamos precisados d'atirar flôres votivas, com todas as côres da vida e todas as graças do amor, aos homens d'espirito eleito, que ainda são capazes d'isolar a sua existencia no sanctuario do Pensamento. Não são elles, quasi sempre, os trabalhadores esbulhados de todas as posses e nimbados unicamente de gloria impalpavel, diante das turbas grosseiras que correm atraz dos seus instinctos? Por isso eu saio do meu canto de serrania transmontana, e venho como um romeiro, já estropiado pelos maus caminhos da terra, trazer um punhado de rudes cravos á festa devota do Romancista, que conserva a cabeça erguida no meio da derrocada geral das individualidades, e lança o prestigio do seu nome da Europa até á America, dando aos dois mundos que a lingua portugueza irmana, o exemplo tão raro do seu longo ascetismo d'arte.

Alto Douro, 11 de Novembro.

MONTEIRO RAMALHO.

VISITA NOCTURNA

Uma noite, seriam dez horas, vinha eu da Foz com o Eça. Isto devia ser ahi por Agosto ou Setembro, e o Porto estava deserto, d'uma desolação soturna e quente. Na impossibilidade de entrar logo para o hotel, o Eça lembrou:

— Vamos visitar o Oliveira Martins.

— Mas eu não o conheço.

— O Philosopho? Conheço eu e basta.

Nas Aguas-Ferreas — creio que era nas Aguas-Ferreas — não passava vivalma; e na casa a que nos dirigimos nem um postigo aberto, nem uma fisga de luz. Tudo tão absolutamente socegado, que eu ainda protestei contra aquella violação de domicilio. Mas o Eça insistiu e bateu. Passados instantes, d'uma janella que se abriu, uma voz perguntou:

— Quem é?

— Eu... José Maria.

— Ah! esperem que eu vou.

Houve uma bulha de ferrolho corrido, de volta de chave na fechadura, e o proprio Oliveira Martins appareceu á porta, embrulhado n'uma especie de gabão, com um lenço de seda enrolado á pressa no pescoço.

— Que estavas tu a fazer? perguntou o Eça.

— Na cama; levante-me ás cinco e deite-me ás nove.

E, como eu me desculpasse, na minha qualidade de intruso, accrescentou amavelmente:

— Quando não tenho com quem conversar.

Entrámos no escriptorio, cá em baixo, uma casa comprida, com uma mesa alongada ao centro, estantes até ao tecto. Oliveira Martins accendeu elle mesmo o seu candieiro de trabalho que dava uma luz fraca; e alli ficámos a conversar tranquillamente na penumbra do *abat-jour*. O dono da casa acolhia-me, a mim que elle via pela primeira vez, com a mesma singeleza com que acolhia o velho amigo Eça de Queiroz. Naturalmente a conversa deslisou para as letras; e Oliveira Martins veio a fallar-nos do livro que então escrevia, a *Historia da Republica romana*. Como sempre, elle vivia todo no seu assumpto do momento, evocando pela poderosa imaginação as figuras e as scenas do passado que estudava. O Eça ouvia, e pouco a pouco discutia, interessado já pelo thema novo, embebido na historia romana como se nunca tivesse pensado n'outra coisa, fallando de patricios e de plebeus, de Scylla e de Mario, apanhando tudo no ar, n'aquella sua assimilação subtil e prompta, ondulante e penetrante ao mesmo tempo.

Lentamente animava-se, de pé, anguloso e delgado, o olho negro encovado e brilhante sob o reflexo do monoculo, o cigarro debaixo do bigode descahido. E cheio de phrases imprevistas, de phantasia sensata, punha objecções ás theorias do Philosopho, que lhe respondia pensadamente, n'um gesto lento, a expressão um pouco vaga, como se olhasse para dentro, para o que estava pensando. Nada mais interessante do que o contacto d'aquelles dois espiritos, tão absolutamente diversos um do outro, e tão realmente grandes ambos. Era como o encontro de uma tropa disciplinada, bem provida de munições e armamento, com um corpo de irregulares, ferteis em recursos, em surpresas, em movimentos inesperados.

Quando sahimos das Aguas-Ferreas eram duas horas da manhã. Na porta, Oliveira Martins pediu-me gen-



VASHNI

Casa d'Eça de Queiroz em Bristol. Interessante « croquis » feito pelo Sr Conde de Ficalho, por ocasião d'uma visita ao Romancista, em companhia do Sr Conde d'Arnozo. No reverso d'este desenho está o autographo, que segue, assignado « Bernardo » nome do Sr Conde d'Arnozo.

É certo, façamos esta concessão, que ha muita coisa boa na Inglaterra; entretanto a optimista, a deliciosa e este alegre ambiente de Portugal que aqui vim encontrar!...

Vashni 26 d'abril 1886

Bernardo

tilmente, e naturalmente tambem ao Eça, para jantarmos com elle no dia seguinte.

De manhã, antes do almoço, descia eu a escada do meu hotel, quando me encontrei cara a cara com um alto funcionario então no Porto, um homem serio, e alem d'isso um excellente homem. Saudou-me com effusão:

— V. Ex por cá... Então demora-se?

— Dois ou tres dias.

— Hade vir jantar comigo! Hoje mesmo, se lhe faz conta.

— Agradeço muito; mas hoje é impossivel, porque vou jantar com o Oliveira Martins.

— Com o socialista!? exclamou o funcionario, recuando dois passos.

Oliveira Martins era então algum tanto suspeito ao mundo official.

D'essa noite datou a minha constante amizade com aquelle que nós chamávamos « o Philosopho ». E é este um dos favores intellectuaes, alem de varios, que eu devo a Eça de Queiroz.

CONDE DE FICALHO.

EÇA DE QUEIROZ

É fina e louvável a intenção que tem o Director da *Revista Moderna*, organizando uma homenagem colectiva de escriptores portuguezes e brazileiros a Eça de Queiroz, no numero em que se começa a publicar *A Illustrate casa de Ramires*. A alta intellectualidade do Mestre que nos vae offerer esta nova obra-prima, e a escolha dos nomes consideraveis — illustres não poucos — que se reúnem aqui para saudal-o, tiram felizmente a uma tal manifestação toda a afinidade e toda a semelhança com aquellas banaes polyanthéas de que tanto se abusa para exaltar personagens não menos banaes. Aqui ninguem tem por certo que alinhavar penosamente e por condescendencia uns poucos periodos, luctando com um magro assumpto; ao contrario, o que falta é espaço e tempo para o muito que haveria a dizer; e, si tempo e espaço não faltassem, em vez de comprimentos cordiaes e breves, largos artigos appareceriam, largos e ricos, de toda essa riqueza variada, viva, pujante, legitimamente preciosa que se póde colher na vasta obra de Eça de Queiroz. Mas ella falla por si mesma, sem necessidade de arautos ou paranympnos — essa obra de uma originalidade soberba, já aliás estudada mais de uma vez por lettrados de arguto e lucido gosto; entre elles sobresahia o pobre Moniz Barreto, que, collido pela Morte traiçoeira em plena mocidade, deixou, com outros fortes fragmentos, parte de uma apreciação magistral sobre o insigne romancista...

Mesmo, porém, sem trazer um estudo d'esse genero, em que toda a producção do escriptor fosse minuciosamente e completamente tratada, este fasciculo da *Revista Moderna*, sobre ter as condições artisticas que já constituem uma regra da casa, tem um innegavel valor documental: os que o lerem, pelos autographos, pelas photographias, sobretudo pelo recente e perfeitissimo retrato de Eça de Queiroz, poderão de certo modo conhecer mais ao perto o nobre escriptor, que tanta gente estima atravez dos seus livros; e em interessantes paginas Eduardo Prado, seu velho amigo, com a competencia que lhe vem da longa intimidade, acabará de fixar a physionomia do homem, inseparavel da do artista, quando este é dos que, como Eça de Queiroz, põem no que creãm a sua propria alma, embora se não encerrem nos ambitos de um perpetuo subjectivismo. Quanto a mim, dou graças ao Director da *Revista Moderna* por que me proporciona o prazer francamente completo de exprimir a Eça de Queiroz, com um apreço litterario já antigo e sempre crescente, uma sympathia pessoal que, embora nova como as nossas relações, nem por isso deve ser menos definitiva.

E com equal vontade quantos homens de letras brazileiros o celebrariam hoje! por que elle na minha patria é tão lido e prezado como na sua propria. E pelo Brazil se interessa tambem extremamente; quantas vezes lhe ouvi que o seduziria um passeio ás nossas terras de perpetua primavera verde envolta em ether perpetuamente azul e luminoso! Os que lá trabalham pelas eternas Bellezas, segue-os de longe, como bons companheiros de lide e defensores da mesma causa a que tem vido a existencia toda. Machado de Assis, Coelho Netto, Olavo Bilac, e outros ainda, têm nelle um admirador caloroso, que não perde occasião de

os louvar. A proposito d'isso citarei um caso muito curioso e engraçado. Quando foi proclamada a Republica no Brazil, Eça de Queiroz, cuidando que lá, como em Portugal, á eminencia litteraria, correspondesse sempre a influencia politica, espantava os seus amigos brazileiros, perguntando-lhes com ancia: Mas, no meio de todo este movimento, que diz, que faz o Machado de Assis?

Eça de Queiroz já se vê hoje rodeado por essa unanimidade de respeito, que é para os escriptores vivos (muitos morrem sem a alcançar) o melhor symptoma da gloria duradoura. A carreira dos artistas como a dos estadistas divide-se geralmente em duas phases, que podemos chamar a phase revolucionaria e a phase governativa; na primeira contra elles se desencadeiam todas as furias, todas as tempestades, todos os perigos; as suas doutrinas são contestadas, aggreddo o seu character; a diatribe é então moeda corrente, e a perfidia tambem, e tambem a calunnia; na segunda já os berros ultrajantes se transformam em clangor de clarins triumphaes, já os Cerberos cerram as suas triplices guelas, já os adversarios se rendem, ou pelo menos embainham os gladios, e o vencedor, pacificamente, dicta leis; é quando Octavio toma o nome de Augusto, e Bonaparte o de Napoleão. Eça de Queiroz, sem ter aliás que mudar de nome, chegou de ha muito á *phase governativa*, depois de atravessar uma singularmente agitada *phase revolucionaria*. Que elle começou logo como um agitador formidavel, provocando protestos, urros e lamentos, declarando guerra com furiosa audacia a idéas, a instituições, a costumes dominantes e fortemente apoiados.

O que elle fez, só nos seus livros, e aliado nas *Farpas* ao vigoroso e sympathico Ramalho Ortigão, foi uma coisa inaudita em Portugal, uma coisa que espantou e revoltou pela sua irreverencia legiões de desembargadores, de conselheiros, de licenciados, de plumitivos timoratos, e de retumbantes ou lacrymosos bardos neo-romanticos! A reacção era, estheticamente, boa, e necessaria; os seus promotores, no ardor do combate, demoliram demais, feriram demais, commetteram talvez injustiças? é possível e provavel; que reacção deixou ainda de ir nimiamente longe? Mas o tempo corrige por si mesmo os excessos, consolidando os resultados uteis; e d'aquella remota lucta não poucos resultados uteis se colheram. Creio bem que por momentos, a tarefa parecesse ingrata aos dois valentes companheiros, embora se vissem sustentados, em outra esphera de acção, por homens como Anthero do Quental e Oliveira Martins. Mas, alem d'isso, eram moços e bravos, tinham energia e esperanza, e com taes elementos não ha fugir das batalhas. A maioria, entretanto, lhes havia de ser forçosamente adversa, porque elles iam, paladinos de uma arte nova, contra uma escola que, grande e fecunda antes, entrara na quadra do marasmo senil, arrastando-se tropegamente arrimada á banalidade palavrosa e ao falso e convencional sentimentalismo; ora, a banalidade e o sentimentalismo são instituições que gozam do favor publico, e quando alguem ousa tocal-as, o primeiro impulso das massas é proscovel-o como um malvado e apedrejal-o como um sacrilego.

Já vão longe esses dias de polemicas acerbadas e renhidas; eu fallo d'elles como dos successos que a gente aprende na historia, por que então, si já era nascido, andava no collegio, e as letras que me interessavam

eram as do alphabeto... Mas de todas as polemicas a obra de Eça de Queiroz sahiu intacta e victoriosa. Por que? Antes de tudo, por que elle é um extraordinario creador de typos. Ser pae é sempre na ordem da natureza uma grande acção; sómente, é acção que está ao alcance de qualquer imbecil, de qualquer animal até, e por isso tem, na opinião geral, merito muito relativo... Mas transmittir a vida pela arte, engendrar e agrupar seres animados a que uma fórma superior dá existencia mais longa que a dos individuos reaes, eis o que é raro e bello, e eis o que tem feito Eça de Queiroz. Os seus personagens não são automatos ou bonecos de engonço, engenhosamente montados, que movem um braço ou uma perna, gritam *Ah!* ou *Ui!* quando o empresario meche tal corda ou tal outra por detraz dos bastidores, recitando ao mesmo tempo narrações e dissertações explicativas. São homens de verdade, homens de carne e osso, homens de alma, que riem, que pensam, que amam e odeiam, divertem-se e brigam, fumam e jogam, têm virtudes e vicios, sabem soffrer e gozar, desde o prazer de uma boa mesa até o prazer da vingança. Quem esquecerá mais, uma vez que os chegou a conhecer, o « douto Topsius », o Craft, a Juliana, o ministro da Finlândia, o obeso, covarde e grotesco Damaso-sinho, a Rachel Cohen e a Maria Eduarda, o agitado e fulgurante João da Ega, encarnação do auctor em tantos traços, e o recente José Mathias, de uma psychologia tão profundamente complicada e tenebrosa? Outros, o Primo Bazilio, e o conselheiro Acacio, não são apenas typos, têm a natureza mais vasta de *caracteres*, como Tartufo, como Don Juan, e são immortaes como elles. O facundo e solemne conselheiro Acacio é mesmo um poder do Estado, uma mola social, uma veneranda e ridicula instituição...

E toda essa gente se agita e se encontra num meio encantadoramente pittoresco. Como vivem os personagens, vive tambem a paizagem, e o horizonte tambem vive; vive a cidade com os seus rumores canalizados nas ruas estreitas, vive o campo com o seu amplo silencio, perfumado de feno e tomilho, illuminado pela claridade do immenso céu aberto, refrescado pelas fontes de uma limpidez diamantina, deliciosamente ensombrado pelas faias e pelos castanheiros... Vive tudo isso, por que a linguagem vive. Aquelle verso de Victor Hugo :

« Sachez-le bien; le mot est un être vivant! »

póde ser transcripto no frontispicio de todos os livros de Eça de Queiroz. Elle é um dos que mais cabalmente têm provado de quanto é capaz o nosso claro e bello idioma portuguez, cheio de sonoridade e de colorido, de magestade e de graça, de melancholia e de voluptuosidade, de ternura e de vigor. Os seus periodos surprehendedentes e fulgurantes, tão cortados de caprichos imprevistos e, comtudo, tão magistralmente equilibrados, ao passo que seduzem o ouvido pela harmonia e pelo rythmo, estimulam todos os outros sentidos pelas imagens várias, pelas várias sensações que vão evocando. E esse estylo magnifico tudo sabe exprimir: todas as elegancias e todas as difformidades, todas as alegrias e todas as dôres, todas as coleras e todas as piedades, todas as nobrezas e todas as villanias, todas

as gargalhadas da farça e todos os gemidos da tragedia.

Uma tal exuberancia de pensamento e de expressão só póde provir de um temperamento transbordante de vitalidade. Muitos leitores, atendo-se a um exame superficial, julgam Eça de Queiroz um sceptico. Sceptico? Apaixonado, e grandemente, é que elle me parece. A sua terrivel ironia, que deixa marcas indeleveis como as da vergasta nos lombos em que elle a applica, nada tem de commum com a ironia resignada e pallida dos que chegaram á clausula de todas as descrenças; é uma arma de guerra, é uma arma de fidalgo cavalleiro que investe com furia e phrenesi contra os inimigos que lhe irritam os nervos. Na idade média elle iria reptar de viseira erguida e montante em punho arrogantes tyrannetes feudaes. Hoje, na nossa sociedade chatamente burgueza, os adversarios são outros, não menos insolentes, e mais ridiculos. Ha egoismos, ha mesquinhezes, ha hypocrisias, ha durezas d'alma, ha triumphantes mentiras, que o artista não póde ver sem fremir de indignação. E, seja embora por vezes demasiado cruel, é innegavel que o guia um sentimento de justiça na raiva com que elle fustiga, por exemplo, a Madama obesa do Boulevard Haussmann, que n'uma praia da Normandia, pesadamente sentada á beira-mar, insulta o marido que impediu os seus cães de morder uma perna humana, e expõe a berros esta hedionda formula de moral practica: *Quand ils mordront, on payera le médecin!*

Em espirito assim organizado as emoções dolorosas devem ter uma intensidade rara, mas em compensação o pessimismo ahi não chega a lançar raizes. O pessimismo conduz naturalmente á inercia, e é incompativel com o instinto da *combatividade*, que suppõe apêgo á existencia. E não é uma satyra subtil á inanidade prática do pessimismo a ultima página dos *Maias*, onde aquelles dois amigos, o Carlos e o Ega, depois de concluir desoladamente que não vale a pena correr atraz de nenhum bem d'este mundo põem-se a correr a toda a velocidade das pernas atraz do *americano* que passa, para não chegarem tarde ao jantar?

Mas, emfim, para julgar informadamente a Eça de Queiroz, cumpre conhecê-lo de perto, por que elle é o commentario vivo da sua obra. No affecto, na estima e admiração que elle inspira aos seus amigos nunca entrarão as justas reservas que a irreverencia do seu antigo methodo de ataque possa ter inspirado por vezes aos que, como eu, procuram ter a virtude do respeito. De resto, elle a não ignora; vêde a veneração com que se inclina ante a figura nobre e as cans sem mácula do velho Dom Affonso da Maia!... Hoje sobretudo que Eça de Queiroz se tem affeioado a uma doce influencia familiar e christan, hoje que o carinho dos lindos filhinhos lhe tem enternecido no coração a propria fibra de luctador, comprehende-se bem claramente quanto era van e mentida a lenda de "homem friamente implacavel", que inimigos pouco escrupulosos tentaram construir sobre alguns livros do illustre escriptor. Por minha parte direi que não só pelo brilho intellectual e pela verve fascinadora da sua conversação, mas ainda pelo agazalho hospitaleiro da sua bondade, pelo calor affectivo do seu genio, os serões da sua casa de Neuilly serão sempre contados entre as horas deliciosas da minha vida.

MAGALHÃES DE AZEREDO.

O SEBASTIARRÃO

É de todos os actores do PRIMO BAZILIO, sem duvida, o mais sympathico, com os seus ares robustos e pacificos de elephante domesticado, as mãos grossas, as boas gargalhadas ingenuas, com que, á noite, em casa do engenheiro, conta as pantomimas do circo.

Alma branca, bate as azas nitidas sobre a lama das valletas, sem lhe roçar sequer com a fina ponta das guias.

Não discute o mal dos outros, nem com elle se assombra. Um desvio da normal. Afflige-se e perdôa.

Em quantas scenas entrar vão para aquelle jampaneirão os corações movidos. Perola dos amigos, contra as fraquezas crimosas ternamente compassivo, contra as complicadas loucuras ingenuamente ajuizado.

Não é felizmente um typo raro. Todos na vida temos, por fortuna nossa, encontrado um ou outro parente do Sebastião, procurando assim a suavidade da penumbra, escondendo-se, abatendo-se, quasi querendo annullar-se para que outros brilhem, gloriando-se das vanglorias d'elles alegrando-se dos seus contentamentos, affligindo-se até ao fundo d'alma por miserias que só magôam á superficie. Mal sabem que são bons, santos, corações fervorosos, cheios de dó pela desgraça, de perdão pela culpa, de misericordia pelo crime. No sacrificio elevam a amizade ás culminancias enigmaticas do amor, desinteressada porrem, mansa, luminosa, evangelica. Nada pedem á intelligencia que raciocina, tudo ao coração que adivinha. E, cumprido o dever, voltam para a sombra sem darem pelo milagre.

Póde uma alma de santo descrever o mal, outra fonte de sciencia não tenha senão a repugnancia que o mal lhe inspira, e criar o Iago do *Othello*, o D. João de *Tanta bulha por tão pouco*, o Mephistopheles do *Fausto*.

As almas perversas são complicadas e sempre razões do mal hão de ficar por esclarecer. A ellas se não chega sem um encadeamento de syllogismos, em que o raciocinio se perde. Por isso na definição das monstruosidades perdôa-se a confusão dos traços.

Mais facil era a composição dos velhos heróes românticos, porque nos fallavam directamente á fantasia porque não havia olhos que vissem d'uma só vez os gigantes, em suas relativas dimensões. Assim caminhá-

mos, excitados, encadeados, delirantes, desde Amadis de Gaula e Palmeirim d'Inglaterra, cavalleiros bafejados pelas fadas, até á rameira Marion Delorme, cantando-nos o amor purissimo em seus alexandrinos d'oiro.

Mas o espinho da arte não está na complicação do quadro, na instrumentação das côres, no que, propositadamente confuso, procura esconder a miseria do desenho, a deficiencia da expressão, a ausencia da alma.

No Sebastião tudo é simples; porque elle é a bondade.

Um typo d'aquelles não se cria apenas com talento. Para defini-lo com aquelle simples traço, mas tão firme, sem uma solução de continuidade, é preciso perceber-lhe toda a virtude, e ainda mais, sentil-a, e ainda mais, tê-la.

JOÃO DA CAMARA.

EÇA DE QUEIROZ -- PELOS BORDALLOS



O RETRATO E COLUMBANO

Pertence á serie de retratos d'homens celebres em que se contam essas obras primas que são os retratos de Taborda, Guerra Junqueiro, Souza Martins, etc. (Photographia do nosso correspondente Arnaldo da Fonseca).

N'este concerto de vozes amigas que celebram os multiplos dotes d'um grande espirito e onde cada solista se esforça por cantar mais forte do que os outros, de modo a attrahir para si um pouquinho da attenção do publico, concentrada no objecto da apothose, sejamos permittido fazer ouvir uma notazinha discordante que será como que a reminiscencia classica do silvo do escravo antigo, incumbido de recordar aos imperatores victoriosos, em meio dos clamores estonteantes do

triumpho, a inanidade das glórias humanas. Sim, meus senhores, Eça de Queiroz é isso tudo quanto dizem e talvez mesmo alguma coisa mais que porventura escape á sagacidade critica dos seus admiradores. Não ha natureza d'artista, mais vibratil, mais nervosa, mais comprehensiva. N'ella se encontram fundidas com rara felicidade a leve elegancia do espirito francez e a solidez vigorosa do *humourismo* britannico, a phantasia ondeante d'um Lemaitre e a penetrante ironia d'um Sterne, juntas a um dom de observação e de evocação que classifica esse alto escriptor entre os mais illustres dos que professam em arte o culto piedoso da humilde verdade. Mas em compensação, que deploravel industrial! Emquanto os seus pares da litteratura, os Bourget, os Loti, os Barrès, como ha pouco ainda os Maupassant e os Goncourt, colleccionam cuidadosamente, em volumes editados, com intelligente e calculada regularidade, tudo quanto lhes saiu da penna para a vida ephemera do jornal ou da Revista, e não deixam perder um atomo, por insignificante que seja, d'essa lucrativa fecundidade — o homem desordenado, que hoje glorificamos, abandona ao sequecimento centenas de chronicas e de contos deliciosos, onde se encontra talvez o melhor da sua phantasia e do seu genio, e que jazem sepultos nas columnas de não sei quantos jornaes de Portugal e do Brazil. Isto, reparem bem, com a circumstancia aggravante de ser elle um dos dois (digamos tres para não humilhar ninguém) escriptores do meu paiz que têm um publico seu, um publico que o segue, que o lê e — ó prodigio! — que o compra!

Não, decididamente, grande artista, quanto quizerem,

fino litterato, *humourista* incomparavel... Mas que triste industrial!

JAYME DE SÉQUIER.

D'uma vez, em Pariz, Eça de Queiroz caminhava por

EÇA DE QUEIROZ — PELOS BORDALLOS



A CARICATURA DE RAPHAEL

Esta curiosa lithographa colorida, que nos remetteu o nosso correspondente Alfredo de Mesquita, pertence ao famoso « Album de Glorias », hoje já raro, publicado pelo eminente artista.

espelho, emmoldurado de gemmas. Mas atraçou-o um pouco, a travêssa! A superficie crystallina tinha-se deformado, dando por vezes ás imagens um relevo caricatural. Em compensação, o reflexo da moldura entornava sobre ellas scintillações de uma polychromia opulenta, taes que os olhos se estonteavam, não deixando perceber nitidamente o grotesco dos contornos.

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.

um *boulevard* sem lama, de calças arregaçadas. Dois metros atraz, lembrando aquelle cãosinho que pelo vácuo seguia a bala de Julio Verne, na *Viagem á Lua*, um menestrel novato seguia o eminente escriptor, com os olhos arregalados, attrahido por uma invencivel fascinação.

Em certo ponto, Eça de Queiroz deteve-se a cumprimentar um amigo.

Então o menestrel, agarrando a occasião pelos cabellos, entrou n'um portal, sahindo immediatamente, prompto a acompanhar o seu heróe até ao fim do mundo.

Trazia tambem as calças arregaçadas.

Fôra a impressão dominante que lhe déra o grande romancista.

ALBERTO BRAMÃO.

Evocada pelo mago Eça de Queiroz, saltou a Verdade para fóra do seu poço; deliciou-lhe a vista com as harmonias da sua nudez deslumbrante, e, benevola amiga, emprestou-lhe o seu

DE TRES RESPOSTAS

Ha festa rija. O adro da « Revista »
Empaveza-se alegre em arraial,
É orago da festa um romancista,
Festeiros todos nós em Portugal.

Em frente ao nicho do dilecto artista
Arcos de buxo tece cada qual;
Queimam alguns no ar fogo de vista,
Outros incenso em fórmula ritual,

Fui chamado também á romaria.
Concorro a ella com foliar discreto,
Opa vermelha, e trumfa luzidia;

E, sem a penna bezuntar d'Hymetto,
Deito, em honra de São José Maria,
Em guisa de foguete, este soneto.

CONDE DE SABUGOSA



IÇA DE QUEIROZ NA SUA SALA DE TRABALHO

EÇA DE QUEIROZ E A SUA OBRA

Muitas vezes me tenho procurado explicar a razão d'esta especie de febre com que a publico portuguez, o mais intelligente e o mais culto, não lê — devora, cada novo romance de Eça de Queiroz. Porque nunca semelhante interesse — entre a mesma *élite* de leitores — despertaram os romances de Camillo, apesar do seu enorme talento e da maestria com que manejava as letras sendo de todos os escriptores do seculo XIX o que melhor lhe conhecia os segredos e os effeitos.

E de todas as vezes tenho chegado sempre á mesma conclusão: — que o interesse que despertam os romances de Eça de Queiroz, resulta do facto do seu auctor ser o escriptor que em Portugal, n'este seculo, e depois do visconde d'Almeida Garrett, attingiu o maior grau d'essa cultura litteraria, mundana e cosmopolita, que hoje em dia constitue a suprema aspiração do chamado — « homem moderno. »

A nossa época, é uma época eminentemente sensualista. Idealismo ninguem sabe o que seja, e ninguem ousa cultivar-o. De quando em quando, apparecem em differentes centros da Europa alguns espiritos que pretendem — por mero *snobismo* intellectual — reagir contra esta constante preocupação de gozo *raffiné*, que devora a nossa época de decadencia. Mas são tudo reacções inuteis, porque são meramente artificiaes.

O ideal do nosso portuguez moderno e mundano, é ser como o visconde Reynaldos, o primo Bazilio, ou o Carlos da Maia; ter o scepticismo e o *humour* do João da Ega; attingir a cultura de Fradique Mendes; amar essas lindas flôres de decadencia, essas finas mulheres ligeiramente romanticas, da escola de madame Bovary ou de Francillon, e que atravessam os romances de Eça de Queiroz, deixando um rasto de boa perfumaria delicada e cara; e viajar como o Theodorico, com Topsius ou sem Topsius, desde as portas da *Havaneza* até ás regiões suggestivas do Egypto e de Palestina...

Como Balzac, Eça de Queiroz tambem talhou em portuguez uma especie de Rastignac, symbolo do verdadeiro *dandy* e do apaixonado, que muda por vezes de nome, n'um ou n'outro livro, mas conserva sempre o mesmo fundo de character e o mesmo cunho de personalidade. E cada homem culto, filho d'esta civilização que só procura avivar o espirito para o gozo materialista da existencia, encontra n'esse typo desenhado por Queiroz o seu figurino, — isto é: o que elle desejaria ser, como elle desejaria pensar, e como elle ambicionaria amar...

A este attractivo puramente humano e que constitue o segredo do romance, pois toda a obra d'arte não é mais do que uma concepção do mundo exterior, segundo o temperamento do artista, — ha a juntar, aos livros de Queiroz, essa mesma incerteza da vida moral e material, que fez escrever a Sully-Prud'homme o seu livro *Que sais-je?*... — a mesma duvida em que a alma moderna se debate, sem saber onde reside a suprema bemaventurança, se no puro scepticismo, isto é, na descrença, se nas consolações idealistas d'uma profunda fé religiosa...

Gozo e angustia, é a quanto se resume a acanhada vida contemporanea, e que Eça de Queiroz tão superiormente traduz. O auctor do *Primo Bazilio*, quando

escreve, tem o condão de fazer da sua prosa d'artista, um claro espelho onde se reproduz nitidamente a *élite* da sociedade moderna.

Não ha homem mundano que n'essa obra não encontre um qualquer farrapo da sua alma; nem mulher que ali não veja indicada uma das muitas luctas da sua consciencia, alguma das satisfações do seu orgulho, um ou outro dos insofridos arrebatamentos do seu coração amante...

Por isso os romances de Eça de Queiroz, entre o publico portuguez, são sempre esperados, não com interesse, — com voracidade!

MARIANO PINA.

Eça de Queiroz, exemplificando, embora de um modo frisantissimo, em toda a sua obra, a intima solidariedade artistica e affectiva que liga entre si os povos occidentaes, não pertence, comtudo, á nossa litteratura exclusivamente por haver nascido de portuguezes e em Portugal, como se tem dito, ou, mais rigorosamente, segredado...

Pelas suas excepcionalissimas faculdades de observação e de analyse; pelos accidentes da sua vida complexa e dispersa; pela sua maravilhosa technica de romancista; pelo raro poder suggestivo do seu estylo inimitavel e que é, em tanta maneira, a exteriorisação graphica da sua alta personalidade, — Eça de Queiroz faz viver, nos seus romances, como nenhum outro escriptor, a sociedade portugueza do seu tempo, em todos os aspectos mais typicos do meio plebeu, do meio burguez, do meio aristocratico.

Por outra parte, a vivacidade de imaginação, a opulencia de phantasia, a terna sensibilidade de poeta, a espontaneidade e a improvisação, que n'elle se ligam tão singularmente á reflexão e ao espirito rigoroso e frio de observador, de analysta e de critico; — a doce melancholia vaga, que transparece, aqui e além, nas suas paginas de mestre; — o fundo de idealista e de contemplativo, que o leva, de quando em quando, a *repousar do aspero estudo da Realidade humana, partindo para os campos do Sonho*, — tudo isto denuncia e assignala o peninsular, n'este escriptor por tanto tempo accusado de não-portuguez.

JOSÉ PESSANHA.

A PROSA DE EÇA DE QUEIROZ

O Romantismo produziu, entre nós, tres grandes proadores: Herculano, Garrett e Camillo. A época litteraria que se lhe seguiu, caracterizada pelo realismo e pelo naturalismo, deu-nos igualmente tres grandes artistas da prosa: Oliveira Martins, Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz.

Coloristas, impressionistas todos tres, todos tres dotados d'uma extraordinaria acuidade de visão imaginativa e d'um raro poder de fixação, pela palavra, das imagens visionadas, igualmente emotivos e dando, portanto, aos seus quadros um grande accento de realidade e a palpação fremente da vida — cada um d'elles se differencia,

contudo, dos outros pelo cunho pessoal das suas faculdades estheticas e dos processos de sua arte. Ligam-nos as tendencias d'uma época. Mas os seus temperamentos litterarios e as influencias diversas que intervieram na evolução dos seus espiritos, separam-n'os inteiramente, tornam inconfundiveis as suas paginas.

D'esses tres illustres mestres da *Phrase Escripta*, para empregar uma expressão, já consagrada, de Bourget, o que, porem, mais aperfeiçoou, mais requintou, mais subtilisou, mais quintessenciou a sua arte foi, sem duvida, Eça de Queiroz. Anthero, que conhecia admiravelmente o mister e que, como elle proprio dizia, tinha « o dom innato da prosa portugueza » classificava a fórma litteraria de Oliveira Martins de *arte barbara*. De facto, o seu desenho largo, energico, impetuoso, é, por vezes, erigido de durezas, de rudezas, de linhas desharmonicas. O seu colorido violento, estridente, chammejante, cheio de deslumbramentos de luz e de rutilancias de polychromias (veja-se a descripção de Carthago na *Historia da Republica Romana*) só nas suas ultimas obras esmoreceu, esbatendo-se em *nuances* e graduando-se em tonalidades. A prosa de Ramalho tem uma maior pureza de linha, um certo côrte classico, uma certa graça latina. N'elle, o traço é menos nervoso, menos mordente talvez do que em Oliveira Martins, mas tem mais flexuosidade e mais harmonia. O seu colorido ganha em precisão o que perde em intensidade: é menor o brilho, são menos imprevistos os effeitos, mas a nitidez do desenho não se perde no atropellamento das côres..

Eça de Queiroz tem toda a riqueza de palêta, toda a luminosidade, toda a phantasia de traço de Oliveira Martins, junta á elegancia, á correcção, facetada e burilada, de Ramalho. Não escreve com tinta: escreve com todas as *nuances* do espectro solar, com oiro diluido, com pedrarias liquefeitas. É um illuminador, um esmaltador, um mosaista — mas que faz illuminuras, esmalte e mosaicos em que o pergaminho, o cobre ou a pedra parecem ficar embebidos de vida. A sua prosa rutila como a luz, espalha perfumes como a corolla d'uma flôr, enebria como um vinho capitoso, escalda como o fogo, refresca como a agua, palpita como a carne — dá todas as impressões e todas as sensações da natureza. Não ha *nuance* por mais fugitiva, mais ephemera, mais difficil de captar e fixar, que elle não apprehenda, não reproduza com o pincel magico do seu verbo. Alcançou os ultimos limites da subtilidade e da precisão, dando á nossa lingua uma plasticidade, uma malleabilidade, uma transparencia, uma sensibilidade



VERDEMILHO

Casa dos avós d'Eça de Queiroz. Hoje separada por uma estrada da quinta que a cercava, e ha muitos annos deshabitada. É a uma légua da linda cidade d'Aveiro.

que nunca se vira. É bem real e verdadeiramente esse estylo como *não ha*, que fazia a ancia e o desespero do mythico Fradique Mendes. É a *escripta* artistica dos Goncourts, o nobre marmorismo parnassiano combinado com a opulencia byzantina e fundido nos moldes elegantes do bom gosto classico.

E esta fórma refina todos os dias em perfeição, em justeza, em brilho, em graça, n'esse maravilhoso poder de expressar que, de pagina a pagina, se ultrapassa a si mesmo. Dá toda a escala do grito humano nas luctas passionaes do drama e toda a escala do riso, desde a franca gargalhada da farça á ironia mais alada, ao humorismo mais ascendente. Nas mãos do critico é um escalpelo; nas mãos do observador de costumes uma objectiva fidelissima; nas mãos do psychologo uma especie de endoscopo, por meio do qual elle nos faz ver as almas atravez da opacidade do corpo; enfim, nas mãos do poeta (que elle é visceralmente) a mais vibrante, a mais sensivel, a mais harmoniosa das lyras.

E é por isto, ó Mestre, que os que vão gozar o divino prazer de lerem mais um livro teu — te vêm aqui saudar *Ave!*

LUIZ DE MAGALHÃES.

O MYSTERIO DA ESTRADA DE CINTRA

Quando em fins de Julho de 1870, o *Diario de Noticias* começou a publicar, em folhetins, o *Mysterio da estrada de Cintra*, ainda aquelle jornal não completava meia duzia de annos de existencia, e quem escreve estas linhas pouco mais contava do que outros tantos annos de idade. Comprehende-se portanto que eu não possa, a não ser pelo que na tradição ficou a tal respeito, evocar com fidelidade essa época e descrever agora, vinte sete annos depois, a impressão que no publico de Lisboa causou essa narrativa, que a reportagem hodierna com razão chamaria *sensacional*, de Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão.

Visto, porem, que, por circumstancias decerto apenas attinentes á minha actual situação na folha alludida, o meu nome occorreu a quem me indicou, como assumpto quasi obrigado d'este artigo, as relações litterarias de Eça de Queiroz com o *Diario de Noticias*, salvar-me-hei de difficuldades, dando, quanto possivel, outrem por mim. Com isto só terão a ganhar os admiradores de romancista incomparavel, com os quaes eu tanto me honro de cooperar nesta homenagem de terna devoção rendida ao Mestre.

Não é, comtudo, sem verdadeiro pezar, que, n'este momento, e a proposito do assumpto que me confiaram, mais uma vez recorro o nome sempre querido de Eduardo Coelho, o extincto e insubstituivel director da popular folha portugueza. Porque, se hoje ainda elle vivesse mais do que na memoria e na saudade de quantos o amaram — e amaram-no quantos o conheceram! — ninguem, melhor e com mais alvoroçado entusiasmo, traçaria este artigo evocador de algumas das mais gratas recordações da sua vida de jornalista.

Eduardo Coelho foi, com Eça e Ramalho, cúmplice na mystificação que assombrou, durante dois longos mezes, os leitores menos precavidos do jornal da antiga rua dos Calafates.

A carta que segue é um documento inedito, mas esmagador como prova daquella consciante e voluntaria cumplicidade com os joviaes auctores do *Mysterio*.

Em Agosto de 1870 escrevia-lhe, de Leiria, Eça de Queiroz, então com a curiosidade aguçada pelas informações que da guerra franco-prussiana o *Diario* dava desenvolvidamente :

Leiria,

Meu caro Eduardo Coelho,

Escrevo-lhe do meu exilio administrativo. Aborreço-me como Ovidio desterrado e como Francisco I prisioneiro. Penso na guerra : eis a minha occupação. Todas as manhãs applaudo as derrotas do 2º imperio; todas as tardes lamento as humilhações da França.

Ahi está, meu caro Eduardo, porque lhe escrevo a pedir-lhe que seja longo nos seus *compte-rendus* militares, que eu devoro cheio de gula, e que me mande o mappa da guerra que ahi ha pouco publicou.

E o nosso *Mysterio*? *Mysterio* !...

É o caso de cantar como nas operas comicas de Scribe :

Quel est donc ce mystère ?

Mil saudades. Mande o mappa!

Et nunc et semper

EÇA DE QUEIROZ.

O nosso *mysterio*, escrevia Eça. Não resta duvida por conseguinte de que os conspiradores, que pactuaram contra a boa fé dos habitantes da capital, eram tres... como os da *Gran Duqueza* !

Ninguem portanto, repito, melhor do que Eduardo Coelho poderia descrever, com flagrante realidade, a impressão causada nos seus leitores por esse romance cheio de peripecias tragicas, e contar como se lhe haveria tornado, a principio, mais difficil convencel-os da falsidade da narrativa do que leval-os a acreditar em tudo como nas lettras d'um evangelho. Tão maravilhosamente verosimil se afigurava ella pelo engenho da

sua urdidura tanta confiança inspiravam a compostura e seriedade com que o jornal lhe concedera a sua publicidade já então larguissima !

Na vespera de começar a publicação, o *Diario de Noticias* annunciava-a por esta fórma estupefaciente :

« A hora já adiantada recebemos hontem um escripto singular. É uma carta, não assignada, enviada pelo correio á redacção, com o principio d'uma narração estupenda, que dá ares de um crime horrivel, envolto nas sombras do mysterio, e cercado de circumstancias verdadeiramente extraordinarias, e que parece terem sido feitas para aguar a curiosidade e confundir o espirito em milhares de vagas e contradictorias conjecturas. Trata-se da sequestração nocturna de um medico e de um amigo seu para assistirem a um acto gravissimo e de mais factos subsequentes. O interesse que esta narração desperta, a fórma litteraria que a reveste, e o crime que parece revelar nos obrigam a não buscar resumil-a e a dal-a na integra aos nossos leitores. Não podemos, porém, inseril-a sem eliminar o folhetim, e substituil-o por esse escripto, o que fazemos em a nossa folha de domingo. »

Effectivamente, no domingo, 24 de Julho de 1870, dia, até ha poucos annos, espaventosamente solemne em Lisboa, dia de parada de tropas e de exhibição de *toilettes* de gala, o primeiro folhetim do *Mysterio* sobresaltou as familias, e na capital não se fallou de outra cousa.

Para ajudar a mystificação, o *Diario* inseria, ao mesmo tempo, a seguinte estimulante local :

« Publicamos hoje a carta que annunciámos na folha de hontem. A pessoa que nos dirige esta narrativa interessantissima promette proseguir. Não recebemos até agora a segunda carta a que o anonymo se refere. É possivel que esteja esperando a resolução que tomamos com relação a este primeira parte do seu escripto, para nos enviar o que falta e que esperamos com impaciencia. No nosso numero de terça-feira proxima diremos o mais. »

A propria policia se alarmou com o caso, e muita gente houve que deixou de ir para Cintra, por medo aos tenebrosos mysterios da estrada.

Como nasceu a idéa desse romance, escripto por processo um tanto analogo ao da *Croix de Berny*, declararam-no os auctores na carta prefacio ao editor do *Mysterio* :

« Ha quatorze annos, n'uma noite de verão no Passeio Publico, em frente de duas chavenas de café, penetrados pela tristeza da grande cidade que em torno de nós cabeceava de somno ao som de um soluçante *pot-pourri* dos *Dois Foscariis*, deliberamos reagir sobre nós mesmos e acordar tudo aquillo a berros, n'um romance tremendo, businado á baixa das alturas do *Diario de Noticias*.

« Para esse fim, sem plano, sem methodo, sem escola, sem documentos, sem estylo, recolhidos á simples « torre de crystal da Imaginação » desfechamos a improvisar este livro, um em Leiria, outro em Lisboa, cada um de nós com uma resma de papel, a sua alegria e a sua audacia.

« Parece que Lisboa effectivamente despertou, pela sympathia ou pela curiosidade, pois que tendo lido na larga tiragem do *Diario de Noticias* o *Mysterio da Estrada de Cintra* o comprou ainda n'uma edição em livro... »

Isto quanto á genese do romance. Porque, pelo que

respeita ao que litterariamente valeu e significou nessa época o despreocupado trabalho dos dois scintillantes criticos das *Farpas*, disse-o, muitos annos depois, Camillo Castello-Branco em uma carta, hoje talvez esquecida, ao intelligentissimo editor e meu amigo Antonio Maria Pereira.

Em principios de 1886, Camillo escrevia ácerca do *Mysterio* estas palavras que não podiam partir de critico mais auctorizado e insuspeito :

« Já lhe agradei e li o *Mysterio da estrada de Cintra*. Achei-o admiravel, pelas brilhantes audacias da linguagem. Foi esse livro que iniciou a reforma das milicias litterarias indigenas, a tropa fandanga de que eu fui cabo de esquadra. A evolução do estylo data d'ahi. Verdade é que esse modelo deu azo a que alguns milicianos, exagerando a disciplina dos reformadores, atirassem *par dessus les moulins* as patronas da grammatica, e se dessem uns ares de uhlanos com arremettidas de cossacos. D'ahi essas tropelias que elles fazem na syntaxe e no senso commum, em que elles não commungam. Seja como fôr, o *Mysterio* ha de ficar assignalado no desenvolvimento das bellas cousas que estavam embryonarias no vocabulario marasmado durante dois seculos. Ramalho Ortigão avisadamente andou, mandando os classicos a ares, e o Eça tambem não andou mal não os admittindo em casa. »

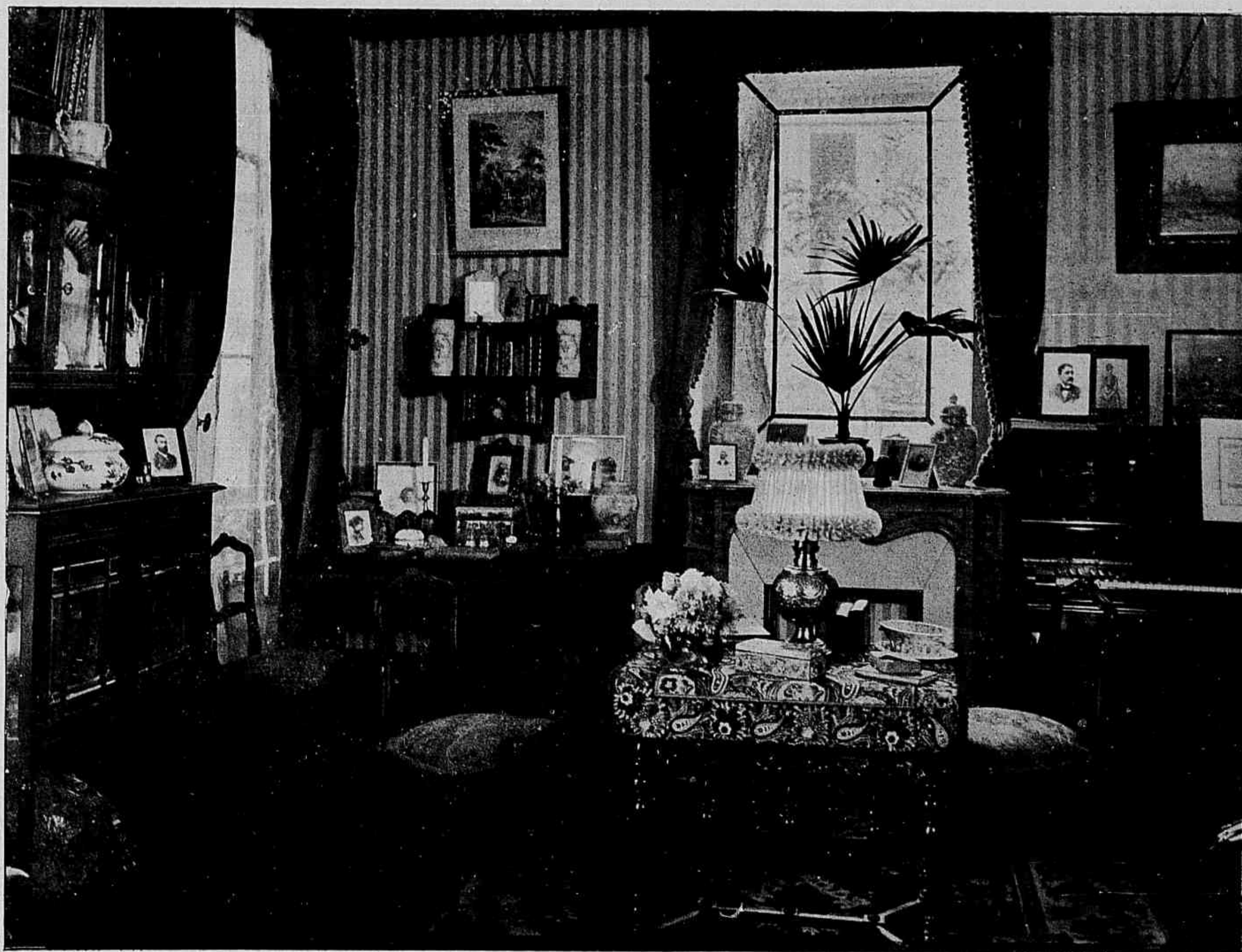
Por mim, cuja opinião ácerca do romance aliás não

importa evidentemente a quem quer que seja, apenas sei dizer que, quando o li, em livro, annos depois de publicado em folhetins no *Diario de Noticias*, achei-o um dos mais interessantes documentos, que da juvenil vivacidade dos seus espiritos e do brilhantismo fulgurante das suas pennas poderiam ter deixado os dois grandes escriptores que o firmaram. E que o publico pensou do mesmo modo, testemunha-o o facto, raro entre nós, de, ainda depois de lido o romance nessa folha de amplissima divulgação, elle ter proporcionado aos auctores a mais invejavel consagração a que é licito aspirarem homens de letras em um paiz que quasi não sabe ler — tres edições que se esgotaram, sem que para isto fossem necessarios esforços sobrehumanos por parte do editor que as lançou ao mercado.

ALFREDO DA CUNHA.

P. S. — No *Mysterio da estrada de Cintra* está o principal trabalho de Eça de Queiroz na sua collaboração para o *Diario de Noticias*. Ha, porem, ainda, em um dos *Brindes* annuaes daquella folha — o referente a 1873, — um pequeno conto — *Singularidades de uma rapariga loura* — 40 paginas ligeiras, de que talvez o romancista dos *Maias* nem se recorda já, tão pouco ellas devem pesar na sua admiravel e preciosissima bagagem litteraria.

A. DA C.



CASA DE NEUILLY. — A sala.

Pequena sala (commenta o nosso collaborador) muito simples, onde se nota um quadro de S. M. D. Carlos, dado por El-Rei ao Romancista, representando um pateo alemtejano e que surprehende aquelles que não sabem que o Rei de Portugal tem um admiravel talento d'artista; e uma luminosa paisagem do eminente paisagista portuguez Carlos Reis.

A UNICA CONSAGRAÇÃO

Quando foi da festa de João de Deus — n'esse dia, entraram-lhe pela casa dentro, em algazarra de entusiasmo, rapazes aos magotes que queriam beijar a mão do mestre ou simplesmente tocar-lhe o fato. Outros, face a face, berravam-lhe discursos, e por entre períodos estouvados, diziam-lhe palavras lindas, como só se dizem entre namorados.

João de Deus ria e chorava; e n'esse momento d'angustiosa felicidade o poeta não tinha palavras, nem atinava com uma estrophe simples que dissesse áquella mocidade todo o seu commovido agradecimento. E esta foi uma grande homenagem, porque o enleou: mas á que lhe fizeram nas paginas dos jornaes e em milhares de bilhetes de felicitação — a essa foi-lhe facil e sereno agradecer: agradeceu pelo correio.

Eu queria que se fizesse tambem a Eça de Queiroz uma d'estas homenagens em que todos entram — a maior consagração, a prova mais firme de que o romanista é comprehendido e amado. Aqui, na rua, no meio de toda a gente ouviria os louvores rasgados dos que o admiram, na linguagem de cada um, afouta e incorrecta, mas incomparavelmente mais viva do que esta, em letra redonda, feita com o embaraçoso cuidado que empana enthusiasmos, quando os não gela a tinta fria do tinteiro...

Essa outra consagração — a de toda a gente — seria a unica que, porventura, poderia agradar ao poderoso escriptor, subtil e ironico, e não a dos que escrevem — os menos competentes, porque, intumescidos de leituras, não têm auctoridade para dizer o que é bom, ou o que é mau; além de que a alma da gente nova é fria para enthusiasmos ruidosos, nós a quem ventos maus d'aridas promessas crestaram as frescuras da mocidade — já tão distante!

ANTHERO DE FIGUEIREDO.

PARALELLO

Eça de Queiroz e Anatole France são dois nomes que no meu espisito se casam, a mesma impressão produzindo. Representa-os o meu temperamento visual por um templo helleno da ordem florida de Corintho, de columnas ligeiras em cujos capiteis abrem-se e, retorcem-se os acanthos de largas folhas.

Em ambos a mesma nobreza de phrase, castigada e fina, prata trabalhada a cinzel, filigrana desfiada em oiro.

Templo elegante e branco, em perfumes simples, que não embriagam, que não matam, que delicias apenas; mas entre cujas columnas apparece, envolto nas largas pregas da tunica de philosopho, a bocca de Democrito a rir.

Como uma lufada de vento que para longe levasse uma nuvem, ou como um panno de bocca que corresse, a emoção terna das coisas atravessa a obra, como no *Lys rouge* em que soluçam desesperos, como nos *Maias* onde incestuosos amores contorcem-se e epilepsiam-se na tragedia final.

O estylo, em ambos, é sereno e claro. A syntaxe, ligeira, alada por vezes; outras, descança, baloiçando, como uma grande nau.

Vejam no *Lys rouge* a descripção de Florença, leiam no *Mandarin* a luminosa paisagem chinesa com grandes lagos onde, tranquillamente, os largos nenuphars espreitam... Recordem-se da *Reliquia*, antes e depois do sonho, procurem a *Rôtisserie de la reine Pedauque* e *Opinions de Mr. Jérôme Coignard*, e encontrarão os pontos que germinam os dois illustres escriptores.

Recordem-se de *Thaïs* esse marmore feito canto, recapitulem o sonho do « Raposão... »

Não parecem escriptos em diferentes linguas, sabiamente escriptos, pelo mesmo auctor esses trechos modelares?

Ambos ligeiros por vezes, rindo-se do vagalhão humano que atravessa o palco, abraçados como duas janelas manuelinas em que uma vae a fundir-se na outra, formando um só rasgão de luz, attestarão, neste fim de raça, aos que vierem, a alta espiritualidade do mundo néo-latino.

HENRIQUE DE VASCONCELLOS.

NA FALTA DE IDÉAS CLARAS

Julgar um homem pelas suas obras parece cousa natural e logica e tão facil que correntemente vamos classificando mortos e vivos com uma segurança e convicção só comparaveis á certeza e rigor critico dos que sobre o mesmo assumpto têm exactamente a opinião contraria. Taes exercicios de critica são innocentes quando se trata de extranhos. Com os que amamos e veneramos o caso é mais melindroso e requer cuidado.

A gente preclara que escreveu antes de mim tem a fortuna de possuir sobre Eça de Queiroz idéas claras e precisas, a que chegaram por analyse e por synthese, tratando com o escriptor, estudando os seus livros. As idéas claras affirmam muito o estylo, animam o andamento das phrases pela estrada batida da prosa encomiastica. Com ellas vae longe um critico. Vae e volta. E as mesmas idéas refazem a jornada litteraria. São disciplinadas e commodas, dão ao discurso a graciosa virtude da facilidade, que particularmente se preza nas democracias intellectuaes. Têm, porém, o inconveniente de serem impessoaes, de assentarem a todos com a mesma odiosa justeza das roupas feitas, que os fabricantes por grosso talharam pela média das estaturas communs e que têm sempre o ar de não pertencerem a ninguem, de serem do regimento ou da communa. Para as necessidades mnemonicas das historias de litteraturas nacionaes esses nivelamentos, essas compressões e deformações classificativas de um genio individual pódem ser provisoriamente uteis; para dar-lhe apreço e glorificar-o é que não. Ha certos adjectivos folgados nas cavas e de ampla roda, ha phrases mal pannejadas, em pregas mal dispostas, cahindo fóra do logar, ha discursos domingueiros de muita vista e *grande estylo*, que injuriam pela impropriedade. A injuria não está na insufficiencia ou no excesso da homenagem, está na indifferença da sua objectivação e consequente insinceridade. Estou certo de que até o grande Hugo recusaria uma apothese que primitivamente fosse destinada a Shakespeare, como uma palma



CASA DE NEUILLY. — A sala de jantar.

Pequenina sala (escreve o nosso collaborador) singela, e em que ha a notar como curiosas uma hucha e masseira, muito antigas, da Normandia desencatadas, pelo faro artistico de Ramalho Ortigão n'um velho « bric-à-brac » de Pariz.

triumphal a que apenas se mudasse a inscripção das fitas.

Certamente não se applica á presente homenagem ao primeiro prosador portuguez o que exageradamente digo sobre o papel nefasto das idéas claras no julgamento dos grandes homens atravez das suas obras. N'este caso particular a precaria psychologia cede o campo á admiração incondicional e sincera. Mas nó meio do sussurro admirativo várias tentativas de filiações, de explicações estheticas revelam a eiva irreprimivel, a tenção do julgamento e classificação do escriptor celebrado. Temos umas phrases promptas e occasião de as empregar : que importa que n'ellas não caibam trinta annos de labor fecundo da vida de um grande artista? Sempre um canto da sua figura lá se achará contido e medido, parcella de retrato...

Parallos, medidas, juizos e classificações — obra ociosa e van! Quem as emprehende presume que aproveitarão ao objecto da sua consideração; porém mais frequentemente, como nas marchas triumphaes de noite, a claridade do archote dá primeiro sobre o porta-facho. Às vezes o triumphador se esquiva e sóbe a alguma varanda para contemplar a sua gloria que passa em clarões e vivas. E a procissão continúa desaperecebida, ebria de entusiasmo, louca, simbolicamente. Tem essa miseria a gloria que a turba vil que nos applaude a si mesma se acclama, exaltada na grandeza de um dos

seus. Supprimido o escravo insultador dos triumphos antigos, resta esse odioso memento da nossa filiação democratica. E apesar do seu sabio descuido da critica e por mais affectuosa e singela que seja a *manifestação* da *Revista Moderna*, o claro e subtil Fradique Mendes vae aqui ver-se mal explicado, senão mal entendido, pelos seus acclamadores, que o vestiram de idéas claras para o demonstrar ao publico.

Um ensaio psychologico sobre Eça de Queiroz, idéas syntheticas sobre a obra de um homem que ha longos annos vem trabalhando para a sua lingua e para o seu povo com a assiduidade e sinceridade de quem trabalha humildemente para Deus, que tem formado a sua alma ao contacto do mundo e que a não tem posto nos seus livros, porque almas não cabem em livros, demonstrações do seu genio nunca me pareceram necessarias — unidade do publico que sou. Sinto-me feliz de viver n'um tempo em que o pude conhecer e amar, sem carecer de o buscar disperso em livros reflectindo desigualmente generosos impulsos e agitações dos vinte annos e contemplações serenas da idade madura. Sobrasse-me ainda mocidade e memoria e eu faria como o que aprendeu a *Reliquia* de cór, para ornamento do seu espirito e graça e conceito do seu discurso. Esse é o verdadeiro culto e devoção. O resto são variações litterarias sobre o thema conhecido da glorificação do Mestre.

DOMICIO DA GAMA.

40

~~Além, andante, e seu tempo de~~
~~Deve estar os~~
 arrepassando logo as ^{manchas} ~~manchas~~ da tua
~~espreparando~~
~~espreparando~~ a palmas das mãos ^{rebradas}
 — E Debe esta o machado
 de teu ^{maguado?} ~~grão~~ ^{de Deus} ~~de Deus~~ ^{baixa} ~~de Deus~~, e
 o trabalho é longo.
 — Socega, ^{ah} ~~homem~~ ~~paciente~~
~~te~~ ~~de~~ ~~alguma~~ ~~de~~ ~~mal~~ ~~havia~~
~~em~~ ~~que~~ ~~esta~~ ~~tu~~ ~~se~~ ~~reputava~~
~~de~~ ~~deturmar~~ ~~o~~ ~~Deus~~
 superior. ^{em} ~~Sapientia~~
~~atraves~~ ~~da~~ ~~doce~~ ~~suave~~
~~de~~ ~~vedetar~~ ~~a~~ ~~Deusa~~ ~~de~~ ~~Tom~~ ~~em~~
~~o~~ ~~coimando~~ ~~da~~ ~~grutta~~ ~~admir~~
~~real~~ ~~segunda~~ ~~jula~~ ~~suave~~

Ja tuas
 deturmaram
 o teu destino
 Piorolhe
 emiço a doce
 grutta, refreca
 a tua frica...
 Quando los via
 da apparecer anna
 ahi se te comi
 meo a florula, e
 o teu se salupia.

UM AUTOGRAPHO D'EÇA DE QUEIROZ
 Do conto publicado na REVISTA, a Perfeição.

EÇA DE QUEIROZ

... Religiosamente, eu ouvia-o fallar sempre n'aquella clara linguagem finamente atravessada da ironia, com o monoculo entalado e fixo no olho direito. E religiosamente, eu nunca o interrompia. Achava que seria uma verdadeira audacia; e apezar de conhecer bem a sabida phrase latina *Audaces fortuna juvat*, com aquelle grande espirito o melhor que tinha a fazer era calar-me e escutar.

Saltava elle de um assumpto a outro, com uma vivacidade e uma volubilidade irrequieta, nervosa, scintillante como oiro derretido á luz de um bello sol.

Dizia-me elle uma vez, entrando o portão da quinta na casa que habitava em çintra no verão de 95: — Eu adoro todos os perfumes!

E eu comprehendia bem esta adoração no homem dos requintes supremos, que vive só das coisas bellas e para as coisas bellas, traçando com o aroma dos laranjaes e o aroma do sandalo as luminosas e transparentes paginas da *Reliquia*.

Sim, os perfumes são para elle a parte mais amada da vida, desde o perfume delicado e brando da carne côr de

rosa das crianças até ao perfume violento das flôres que perturba e embriaga.

E atravessando a quinta para irmos descansar um pouco dos trabalhos agrestes do *Almanack*, á sombra de velhos castanheiros, elle ia arrancando de caminho algumas folhas esguias de uma arvore, sem fructo e sem cheiro, — a triste arvore que nunca sentiu a voluptuosidade de um perfume.

— Engano-me sempre com estas folhas, dizia-me elle parando, parecem-se muito com as da *Lucia Lima*. É um dos perfumes de que mais gósto!

Á sombra d'aquelles castanheiros cuja farta cabelleira estendia sobre nós uma grande calma e uma grande frescura, costumavam ir brincar os filhos do grande romancista. De uma vez o Bébé zangou-se com o irmão mais velho; e com uma velha panella de lata que lhe servia de tambor, deu-lhe uma pancada na cabeça. Eça de Queiroz ergueu-se do banco onde estavamos sentados e correu para elle, n'uma attitude tão ameaçadora que tremi pelas orelhas rosadas do Bébé. Mas não foi nada; não lhe tocou com um dedo; e virando-se para a governante, que os vigiava:

— Leve o Bébé para casa; hoje não brinca mais.
 ... O perfume de que elle mais gostava não era decerto, acima de tudo, o d'aquella *Lucia Lima* que elle nunca encontrou n'aquella quinta dos castanhaes, mas ess' outro que se evola de uma amoravel infancia e que constitue um dos mais doces prazeres de ser Pac.

JOSÉ SARMENTO.

Não ha ali quem o não conheça, com o seu agudo perfil intelligente, o seu andar ao mesmo tempo desmanchado e rythmico, a sua ampla testa arejada de genio, o mento contumaz, o supercilio dôce e profundo, no olhar zorato e inquieto uma ancia febril de apprehensão, e no doloroso franzir das palpebras, nos vincos da longa face emaciada, no *riktus* de sarcasmo dos seus labios a dolorida expressão do phantasista que o *exterior* avassallou, o atormentado esvoaçar da aguia que se viu forçada a chatinar na lama.

É uma das figuras primaciaes da nossa mentalidade, um dos culminantes e indestructiveis padrões da litteratura e da arte. Assim como Sá de Miranda e Bernardim assimilaram e abrangeram em si a nossa epoca *trovadoresca*; assim como o genio de Camões soberbamente incarnou o nosso periodo cyclico da epopeia; assim como depois Gil Vicente synthetisou e viveu na exteriorisação mais popular, mais caracteristica, mais humana, esse periodo brilhante e renovador do *quinhetismo*; e Castilho foi a tradição, Herculano foi um salutar lampejo medievo, e Garrett foi a galante estadeação do romantismo, — assim tambem o Eça appareceu ali no momento em que o liberalismo e o criticismo haviam entre nós mudado a face ás coisas, e em que uma ressicadora sêde de renovação agitava todas as classes, e, n'um unanime viroteio de vontades e desabrochar de esperanças, a mais ardida e illuminada fé ao novo ideal norteava e erguia os espiritos famintos.

Appareceu o Eça e appareceu o Anthero. Este no

campo abstracto; aquelle sob uma fôrma ostensiva e concreta. Um esclarecendo os cerebros; o outro aquecendo as almas. Por isso a influencia do primeiro foi mais apprehensiva e mais pratica, teve um mais largo ambito de applicação, e, para quantos se interessam pelas manifestações intellectuaes, para quantos olham e abraçam com amor os grandes mestres dominadores do Verbo, a larga figura, afilada e nervosa do auctor do *Crime do Padre Amaro* ficou perennalmente lucilando, como um symbolo, sobre os escombros fumegantes do passado.

Assim, a sua apparição e manifestação não foram um mero accidente morphologico, antes scientificamente representaram uma consequencia e vieram corresponder a uma inilludivel e real necessidade. Motivo pelo qual a sua obra monumental, depois de haver sido n'um dado momento, como que um estridulo grito de clarim, um victorioso emblema guerreiro, ficou perduravelmente constituindo para as gerações subseqüentes um dogma sagrado e resplendente. *O Primo Bazilio* é uma biblia. *Os Maias*, a *Reliquia* são outros tantos inapagaveis versiculos d'essa maravilhosa *pandecta*, para sempre viva, ardendo no nosso espirito, e que a rudes golpes de analyse abriu sulco no dolorido espanto da nossa alma.

Por isso todo o bom portuguez ama, admira e adora esse formosissimo, portentoso e colossal edificio litterario, todo em ricos marmores, traçado em largas linhas de synthese, baldaquinado de aladas phantasias, da mais imaginosa e bella eurythmia, rigoroso e phantastico, idealista e pagão, opulento de imagens que são espelhos, de conceitos que são columnas, de conclusões que são como formidaveis cupulas audaciosas, para sempre erguidas na ampla serenidade azul da nossa gloriosa historia!

ABEL BOTELHO.

Do fundo da minha humildade, como um mendigo do fundo do seu casebre, eu levanto-me e tiro o meu chapéu áquelle que passa e que, como o velho Herien ao desvalido viandante dava o seu pão e o seu vinho, me matou uma velha fome e sêde de Ideal...

CAMARA LIMA.

Trecho de uma carta :

... Pedido identico ao que me faz o meu illustre amigo D. João da Camara, por intermedio do Sr. Alfredo Mesquita, para collaborar, com algumas linhas ao menos, neste numero especial que a *Revista Moderna* consagra a Eça de Queiroz, já me havia sido feito de Pariz por outro bom amigo e distincto patricio meu, Magalhães de Azeredo.

Sabem ambos que entusiasta sou eu do grande romanista a cuja leitura devo muito boas horas das mais cheias e felizes da minha vida. Mas nada é pegar na penna só para escrever que o admiro, quando por toda a parte, em Portugal como no Brazil, conta Eça de Queiroz innumerados admiradores.

No Brazil especialmente, não imagina talvez o notavel escriptor quanto é festejado o seu nome e como são lidas e apreciadas as suas obras. A razão principal disso está em que os personagens tão finamente des-

criptos e analysados no *Primo Bazilio*, no *Crime do Padre Amaro*, em *Fradique Mendes*, na *Reliquia*, nos *Maias*, etc., são tão bem comprehendidos lá como aqui. Taes personagens, o Conselheiro Acacio, o Raposo, o padre Negrão, o doutor Margaride, o Zuzarte, o Sebastião, o Ega e tantos outros, não são typos unicos do seu genero, nem exclusivamente portuguezes, mas, verdadeiros documentos vivos, reúnem em si todas as qualidades más ou boas, ridiculas ou varonis, de uma mesma e grande raça, a que os de cá e os de lá pertencem, cujo genio e civilização, contrastando bravamente a diversidade de latitudes e de climas, se continúa além do Atlantico, em plena America, n'uma vasta extensão de muitos milhões de kilometros quadrados.

Sejam quaes forem as relações necessarias e fataes entre a grandeza de um povo e a diffusibilidade da sua lingua, o certo é que poucos povos têm tido uma historia tão grande como o povo portuguez e que tambem poucas linguas têm hoje uma geographia tão dilatada como a portugueza lingua. E basta ás vezes pensar na vastidão do territorio onde é ella entendida e onde são amadas e mais ou menos cultivadas as suas graças e louçanias, para se dissipar em nós esse vago receio de que venha a desapparecer algum dia da face do globo essa lingua em que tão bellas obras primas têm sido moldadas.

RAYMUNDO CORRÊA.

EÇA DE QUEIROZ

Ha mezes apenas n'um jornal de *lá-bas*, d'essa clara e dormente Lisboa dos pregões, dos marmores, das varinas e do sol, eu escrevia, a fechar um artigo, estas linhas :

« A cerrada ignorancia do nosso meio, a inveja que como os ventos da peste açoita desapiedadamente as grandes estaturas, preguiças e indifferenças molles do nosso temperamento de meridionaes néo-arabes, fazem com que, a nenhum dos grandes homens de Portugal, excepto não sei porque bemdito acaso João de Deus, que, n'esta decada de agonia cerraram os olhos para a vida fosse dada a consoladora ventura de assistirem a um expon-taneo movimento da opinião em seu favor, d'apothose festiva e grandiosa da sua obra, do seu genio e do seu character. Morto para a jocunda luz que as pesadas cortinas das suas palpebras não deixaram entrar a banhar o iris dos seus olhos magoados e taciturnos, espectro de si mesmo, genio que a desgraça maior ainda tornou, não sei quantos annos Camillo errou tragico e desvaierado pela vida sem que a clamorosa voz de todos nós dizendo-lhe quanto amavamos a sua obra levasse um relampago de alegria á noite sem astros d'aquella alma; para uma ilha dos Açores deixamos partir, a caminho do suicidio, esse Immenso e Santo Anthero, um dos mais altos genios e dos mais puros caracteres, que a humanidade tem produzido, sem que lhe sahisses a embargar os passos as nossas rosas, as nossas palmas e os nossos beijos; e por ultimo deixamos agonisar e morrer sem um murmurio doce d'ovação esse dramaturgo extraordinario, especie de Shakspeare da nossa historia, Oliveira Martins, o immortal auctor da *Vidade Numalvares*. Sirva-nos esta lição para o futuro de constricta emenda para o nosso erro. Que nós, os moços, não esqueçamos

a primeira oportunidade para promover a consagração a que têm direito quatro ou cinco grandes espiritos que, pelo seu genio e pelo seu character, honram a terra portugueza. Eça, o nosso grande e poderoso romancista, em primeiro lugar, dois ou tres poetas e um critico que pelo seu trabalho constante é um nobre exemplo á confiada e risonha indolencia de todos nós, em seguida. »

Pouco tempo volvido sobre a publicação d'este artigo, á noticia que por um commum amigo eu recebera da ida de Eça de Queiroz a Portugal corri á casa do Antonio Nobre e Justino de Montalvão para combinar a apothese a fazer-lhe. O genial romancista não sahiu porem de Pariz e agora, mal chego á tumultuosa capital do mundo, tonto ainda e meio deslumbrado, recebo a boa nova de que altos e nobres espiritos vão dedicar na bella *Revista Moderna* um numero de consagração a Eça de Queiroz. Bençãos caiam sobre os que tiveram tão formosa idéa — e a realisaram.

Eça é a mais culminante eminencia das lettras portuguezas no nosso tempo e, como artista, o mais supremo, o maior dos cinco seculos de litteratura nacional. Garrett, que foi um admiravel artista tambem, é diminuto ao seu lado e não sei na verdade que haja a esta hora na Europa nenhum outro cinzelador da fórma, tão inquieto e tão perfeito, tão requintado e tão atheniense, como poucos são tambem os escriptores que o egualam e raros os que o excedam. Elle é um Antonio Vieira que á sonoridade e á força juntasse a sensibilidade e a delicadeza de Garrett e a ironia de Tacheray e de João Paulo Richter.

Comparados com os seus livros o que vale o diletantismo cerebral de Barrès, interessante e agudo de resto, o preciosismo fino e nervoso dos Goncourt, a analyse infinitesimal de Bourget, examinando os corações das parizienses com uma lente de relojoeiro? A obra de Eça é como uma cidade de marmore, cheia de sol, perfumada de rosas e sob um céu eternamente calado e azul. Nas suas ruas agita-se, com movimento proprio e vida ordenada e calma, uma colmeia d'almas. É o bom Jorge do *Primo Bazilio*, o Padre Amaro, a Amelia e a São Joaneiro do *Crime*, a doce Maria Eduarda dos *Maias*, o Carlos, o portuguezissimo Raposo da *Reliquia*, o frascario Theodoro, o mephistophelico João da Ega e a galeria suprema dos grotescos — o Conselheiro Acacio, o Visconde Reynaldo, Steinbrok, os Gouvaninhos, o Thomaz d'Alencar.

A ironia do auctor d'esse maravilhoso *Mandarim* é, quanto a mim, a qualidade dominante do seu genio e d'ella resulta aquelle seu doce scepticismo, que longe de ser metalico e amargo como o do auctor da *Thaïs*, trahe ainda a ancestralidade portugueza de Eça, a bondade da admiravel raça d'amorosos e de poetas d'onde brotamos.

Por elle Eça muitas vezes recorda-me o fino e agudo Renan.

Ao admiravel creador d'almas, ao Phidias da prosa portugueza que primeiro a desarticulou, lhe tirou a rigidez classica e a tornou ductil e sonora, capaz de se adaptar a todos os assumptos, vestir todas as idéas, exprimir todos os estados de consciencia, graphar todas as sensações, fixar todas as scismas, falta porem e apenas uma coisa — crêr.

Ah! acreditasse elle com devoção e a impossibilidade, tão philosophica e tão alta embora, de Flaubert não o

tocaria, nem o amargo pessimismo do genial espirito, que sonhava gravar nos symbolos eternos da *Tentação* e de *Pécuchet* toda a Vida Moderna e todos os Mundos desaparecidos e idos o invadiria florindo dos venenos do tédio as paginas luminosas e serenas da sua obra de latino, nascido nas bahias doces do Atlantico, pertencendo ao claro paiz das uvas loiras e provindo da magnificente raça dos domadores das Tempestades e dos Ventos que outr'ora haviam defrontado o Adamastor e conquistado as Indias. Tivesse elle fé; pozesse elle hypnotizado como um bardo seus grandes olhos escuros na Estrella da Manhã, que ascendendo das grutas da noite vem já annunciando Alleluias e Redempções, os paraísos d'Amanhã; acendesse a Esperança, á sua volta illuminações e relampagos propheticos e a sua obra teria uma amplidão e resonancia sem igual, banhar-nos-hia d'uma emoção mais fecundadora e larga e a alma verdadeiramente poetica e boa que n'ella bate, sentir-se-hia voluptuariamente cantar o hymno augusto e supremo da Vida Integral e Livre.

Então Eça seria igual a Ibsen e a Zola, superior a Tolstoï, maior ainda que esse epileptico e grande e dispersivo genio de Dostoïevsky e a sua bella obra revolucionaria do *Crime*, do *Bazilio*, da *Reliquia* e dos *Maias* irradiando d'um fóco de concepção synthetica, uma e ascendente, teria uma acção mais ampla e demolidora. O genio de Eça, labareda sagrada, em vez de crear Almas, crearia Mundos.

Mas se o romancista não é um Propheta e um Precursor, o austero solitario d'uma idéa, é para mim o maior artista da Europa e dos quatro primeiros escriptores do seu tempo aquelle que, no conflicto eterno da Belleza, soube bater-se com maior gallardia e depois de ter percorrido as cinco partes do mundo da visão á olympica Athenas regressou vencedor, como um Alexandre corôado de rosas brancas e de myrtos.

DOMINGOS GUIMARÃES.

Meu caro snr.

Encontra-me a carta que a sua amabilidade me remetteu em detestaveis condições de saúde para corresponder por fórma, quando menos, conveniente á exaggerada confiança que me outhorgou. Lamento-me de semelhante contrariedade, hoje que o numero da *Revista Moderna*, em que começa a publicação da novella intitulada *A illustre casa de Ramires*, especialmente reveste o character de uma consagração ao grande romancista portuguez e acrysolado artista da nossa linguagem, sr. Eça de Queiroz.

Desde 1885, no meu volume *a Geração Nova*, que timbrei em consignar a Homenagem da minha excedente admiração pelos culminantes dotes, de observação e estylo, de pensamento e de fórmas, de imaginação e analyse, que fulgidamente exornam o sr. Eça de Queiroz, na curta categoria dos primeiros em Portugal. Ha dois annos, nas columnas d'uma revista litteraria, dirigida e collaborada por alguns dos representantes das mais modernas camadas lusitanas e intitulada *A Arte*, tive ensejo de repetir os protestos d'uma respeitosa consideração, cujo fervor se não extinguiu. Assim, comprehende-se com que vivo entusiasmo eu desejaria

poder contribuir idoneamente hoje em prol d'uma idéa que por todos os titulos, me é eminentemente sympathica. A minha palavra resulta desauthorizada, com natural desgosto convenho n'isso; mas o dictame do vehemente sentimento que a determinava empenhar-se-hia em emprestar-lhe o convincente impeto de que, de per si, carece.

O publico culto, sem embargo, impacientar-se-hia se, por largo trecho, eu lhe tomasse a attenção, desejoso de se absorver, contente, nas maravilhosas perfeições do novo livro do sr. Eça de Queiroz; e a gloriosa notoriedade d'este nome tornaria ridicula a desastrada pretensão de todo aquelle a cuja ingenuidade occorresse, n'esta hora alta, fazer-lhe o tardo reclamo dos pujantes meritos. Transcendeu sua fama os limites da fronteira do nosso paiz e impoz-se dominadoramente onde quer que o nosso idioma prevalece. Mas o justo effeito foi mais longe e vingou vencer as repulsas da ignorancia e do orgulho, hostile em conceder fóros da somenos valia a gente áparte relegada por um tradicional ciume. Todavia, quando meu exilio politico me trouxe por terras de Hespanha, alli desde a capital até aos mais restrictos centros civilizados, da Coruña a Madrid, sempre que de coisas portuguezas se discorria, o nome de Eça de Queiroz era aliás prestigiosamente exhibido nas palestras, vaidosas de seu garbo erudito. Mais tarde, ahi em Pariz, o distincto romancista Ricardo Salva, que então era quasi anonymo e hoje é uma personalidade constituida flagrantemente perante o publico, explicava, deante de mim e do meu querido amigo e chefe, o dr. Alves da Veiga, quem fôra e o que representava o nosso insigne romancista -- ao qual barbaramente chamava, como soem fazel-o os seus conterraneos: *Eça de Queiroz*. Attentos lhe ouviram a exposição, onde perpassavam laivos de iniqua ogerisa contra Perez Galdós, o bizarro critico Charles Morice e o chronista elegante e delicado poeta Julien Leclercq, o qual á data, preocupado com uma monographia que andava estudando, me consignava o quão, no seu thema, era syntheticamente expressivo o titulo do lyrico desabafo do nosso Lopes de Mendonça: *Memorias de um doido*. A este episodio de semelhante colloquio eventual já me referi no volume *Notas do exilio*, em 1893 estampado. Mas o que deixei de dizer então alli, porque ao lance não vinha, é que precisamente pouco antes me interrogara tambem um inglez, illustradissimo e d'um fino gosto esthetico, ácerca das particularidades da vida litteraria de Eça de Queiroz, cuja novella *O crime do Padre Amaro* elle, com desdoiro d'essa perfeita e integra obra-prima *O Primo Basilio*, apreciava primacialmente. Não se extremara, de resto, na preferencia, pois que seja generica, em sua patria, comprehensão semelhante. É d'essa arte que um eximio lexicographo de Londres, no capitulo especifico respeitante á evolução litteraria portugueza, nos explica o exclusivismo da feição britannica hodierna. Refere que têm, em Inglaterra, actualmente alguma reputação as obras de J. G. Gomes Coelho (*Julio Diniz*), A. de Oliveira Marreca, Mendes Leal, Bernardim Ribeiro, Arnaldo Gama, Teixeira de Vasconcellos e Camillo Castelló Branco, esta mercê do acurado de suas descripções. « *But, accrescenta, the best modern novel, judged by an English standard, is O Crime do Padre Amaro by Eça de Queiroz.* »

Conhecida esta acção exotica das magistraes idéas de Eça de Queiroz, é de considerar, não obstante, o quanto se perde, para o leitor que ignora a nossa lingua, no computo dos effeitos do escriptor, pelo que concerna ás suas qualidades plasticas, de stricta realisação. Não alludo já até aos erros grosseiros de certas versões. Ha alguns que são risiveis, como esse da princeza Rattazzi quando, na scena da rixa entre parceiros no *Gremio*, suppõe que o monosyllabo d'um dos brigões, aquietando-se: *Paus!*, — importa, pelo contrario, uma ameaça, e traduz, em consequencia: *Je vous flanquerei des coups de bâton*. Veio-lhe a confusão de lhe não acudir o contraste, que se funda no facto de jogarmos com cartas francezas e conservarmos na linguagem a designação inicial dos naipes nos baralhos hespanhoes, os primitivamente usados em nossas tafularias.

Mas lastimo o prejuizo irremediavel de que soffre, em seu detrimento, o leitor de traducções — ao qual escapam os immensos peculiarismos de perfeita realisação, ou melindrosos ou energicos, que instituiram Eça de Queiroz como um dos mestres de nossa moderna linguagem, raramente mesmo comparavel hoje em dia. Então agora, a sua prosa adquiriu uma limpidez e uma sobriedade expressiva que definitivamente o inscrevem a dentro do conceito classico, no alto e puro sentido do vocabulo. São documentares, n'este ponto de vista e sob analogo aspecto da questão, os perfeitissimos artigos que o escriptor vem publicando, recentemente, em sua ultima maneira, e desde a serie d'esses supplementos litterarios da *Gazeta de Noticias*, do Rio, — nos maus tempos em que sua leitura, na rua de Trévisé (trazidos á nossa estalagem de emigrados pelo bom José Barbosa) melancholicamente clareava minha tristeza, como a alegria discreta d'um fio de outomniço sol, intermitente pela fresta de rolantes, chuvosas nuvens.

A fonte, eterna e inspiradamente primaveril, de cujo fresco manancial brota o estylo subtil e phantasiador de Eça de Queiroz tem entornado nas paginas d'esta *Revista* o mimo d'uma graça enternecida e meiga. Aqui ha mezes, veio a fallar-me d'essa prosa ultima, com uma paixão augmentada o velho condiscipulo da Polytechnica do Porto, Francisco Carrelhas, nas nossas ai! demasiado prolixas horas de cabulice scientifica, quando, com o talentoso contemporaneo Gaspar de Lemos, nós liamos, em extasis devotos, os folhetins mysticos da *Gazeta de Portugal* e da *Revolução* ou, com realista concordancia, se commentava a saborosa anedocta das *Singularidades d'uma rapariga loura*. Hoje que vae começar a seguir a publicação regular do romance — *A illustre casa de Ramires*, resulta jubiloso ensejo de que se congratulem todos os que, entre gente de lingua portugueza, não só lêm como sabem ler. As aptidões supremas do romancista: sua afabulação, sua analyse de caracteres, sua descripção de costumes, sua naturalidade de dialogação, elle as submete, ainda uma vez, á prova, em face de todo um publico.

De seguro que Eça de Queiroz ha-de sahir victorioso do nobre e rude desafio com que a seu proprio genio reptá.

Mas a V..., sr. director da *Revista Moderna*, deverão tambem fartos encomios nossas boas-lettras, por a intelligente e efficaz iniciativa da publicação do novo primor do insigne mestre.

Aos leitores portuguezes cumpre penhoradamente enviar-lhe seus agradecimentos. Os meus lh'os endereço desde já, se bem que de humilde extracção e insignificativa procedencia, mas singularmente sinceros e calorosos.

Aproveito o gostoso ensejo para me confessar outrosim, pela deferente amabilidade do seu convite,

De V. etc.

J. PEREIRA DE SAMPAIO.

A musa nacional que vinha choteando, montada de cadeirinha nos cavallos dos pagens das Xacaras e Solaos dos manos Serpas, bivacando, ás vezes, nos arraiaes patuleas com o auctor do *Guerrilheiro*, subtilisara-se, inexperadamente, em espiritualidades lyricas nos canticos d'amor de João de Deus e nas luminosas syntheses do Anthero.

Mas a nova corrente de inspiração arrastara desde logo os versejadores, que iam surgindo, para a idealisação de sentimentos que elles, coitados, na inconsciencia de espiritos subalternos julgaram ser-lhes proprios, quando não eram senão o reflexo das sensações indefinidas que nas suas alminhas se produziam, sob a influencia daquelles dous grandes dominadores; e o resultado foi desencadear-se no jornal e no livro, um turbilhão de sentimentaes banalidades em prosa e verso: ora se canta a offerta da trancinha de cabello e o beijo do derriço em noite de luar á beira Tejo, ora se proclama em rufados alexandrinos graves a republica luzitana com presidente mas sem Deus. Um horror de cantoria, que, quando não frizava pela obscuridade da intenção, era um praguejar de soez jacobinismo. E foi no meio deste monotono coaxar de rans em charco limoso, cortado, apenas de tempo a tempos, por um canto mavioso de João de Deus ou por um grito vibrante do grande Anthero, que, ahi por 1866, rompeu a cantar uma voz estranha, um poeta d'uma grande originalidade, cujos versos coloridos a sangue e treva e serpenteados das scintillações dos fogos fatuos que das podridões irrompem, soando rythmos endiabrados e encadeando-se em rimas imprevisitas, arranhavam os ouvidos cheios d'algodão em rama, e de oleo d'amendoas doces da litteratura nacional, tam mansinha e tam amolicida pela embaladora cantilena que a adormecia n'um estanguecido sonho sensual. Foi na *Revolução de Setembro* do velho Sampaio que Eça de Queiroz publicou versos lyricos de amor á

Estranha apparição,
Que nos meus sonhos vejo,
Oh filha do desejo!
Filha da solidão!

e no mesmo jornal, em folhetins, os primeiros cantos d'um poema extraordinario a *Tentação de S. Jeronymo*. Houve um rapido escandalo, e os corifeus das letras patrias entre surpresos e desdenhosos tentaram applicar á alma, ser incoercivel e infinito, que chorava e ria nas

estrophes do novo poeta, a bitola das regras da grammatica Barboza e as do psychologo Genuense. Mas como lhes fosse impossivel ajustal-a aos pensamentos, que se convulsionava em cabriolas imprevisitas, determinaram, de si para si, que era tudo excentricidade sem consequencias para o doce remanso em que elles, corifeus divinizados, disputavam as glorias de S. Bento e da admiração da Baixa, enquanto esperavam que a aragem lhes trouxesse um beijo que nos seus labios tomassem e que ás escadas do Caes da Columna fosse arrojado pelas ondas do Tejo o cartão-album com retrato da mulher amada. Pelo seu lado Eça, cujo espirito viéra da Bohemia para se encarnar n'um feixesinho de nervos dado á luz na melancholica Ovar, não tomava a serio nem a sua vocação poetica, nem tam pouco tinha a consciencia do movimento que iniciava e foi-se a viajar pelo Egypto e pela Terra-Santa com o Conde de Rezende, e quando voltou, no igual socego provinciano da vida de Leiria, sem commoções, nem galleria, tornou-se o admiravel prosador.

É certo, porem, que foi a sua voz de poeta, soando ao mesmo tempo em imprecações raivosas e em suspiros de morbida ternura, que accordou para uma resurreição geral os espiritos da mocidade da sua geração; e a poesia portugueza evolucionou-se tam rapidamente, no ideal e na fórma, que pareceu que uma grande revolução se effectuara quando Guerra Junqueiro, Guilherme d'Azevedo e Gomes Leal appareceram. Ninguem indagou então da verdadeira filiação espiritual dos tres poetas, crendo-os genitos immediatos de Baudelaire, quando o ideal de amor, a preocupação de alem-tumulo e sobretudo a inapagavel religiosidade de todos elles, os caracteriza d'uma raça espiritual inteiramente diversa da do auctor das *Flôres do Mal*.

A influencia de Eça de Queiroz como poeta fôra decisiva, embora quasi ninguem hoje lhe saiba dos versos, succedendo-lhe como a Alexandre Herculano — a grandeza da sua obra em prosa — offuscou e, por assim dizer, inutilisou na memoria das gentes a sua magnificencia de poeta.

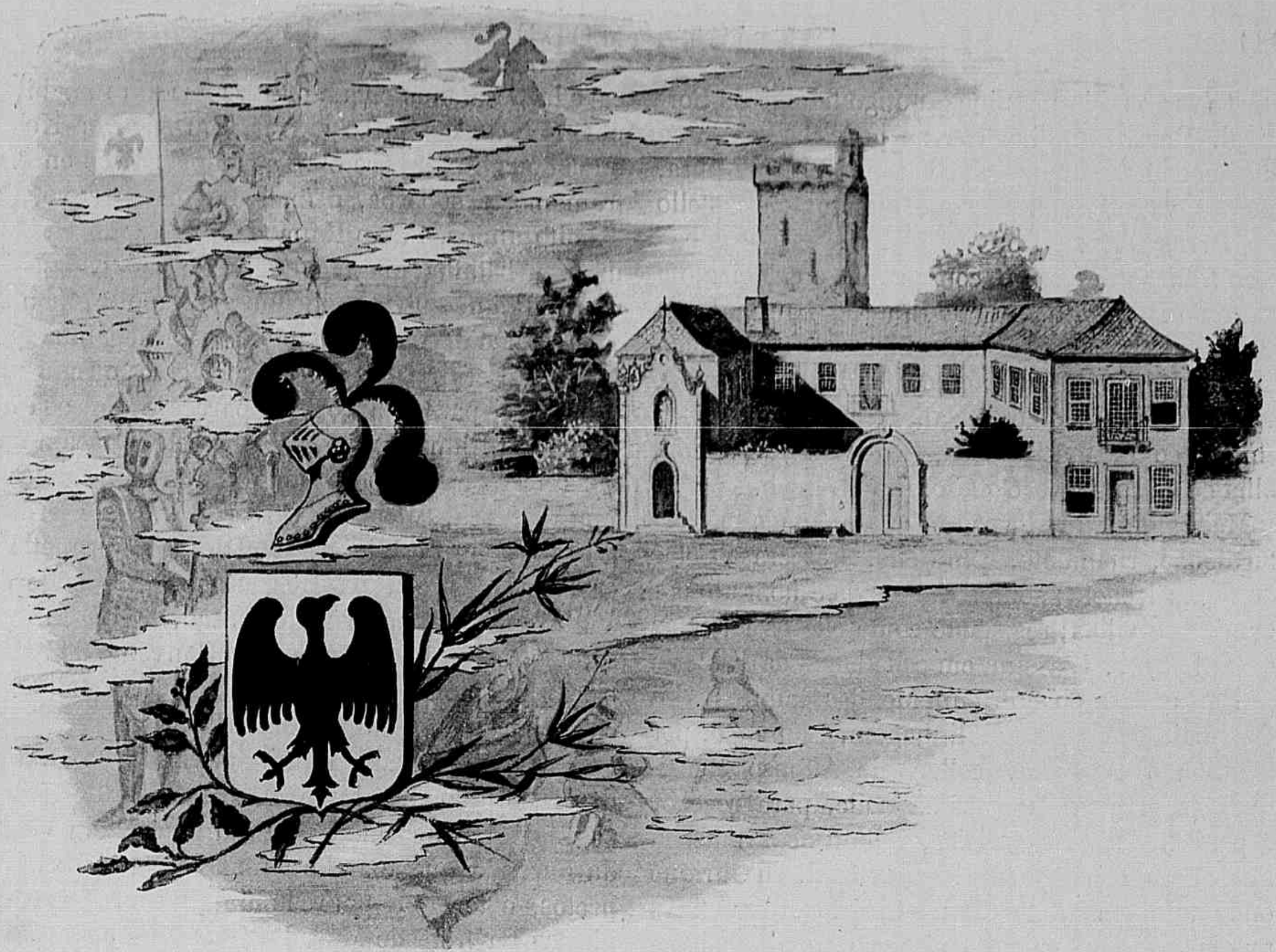
COELHO DE CARVALHO.

Se a voz da gratidão é — como diz o poeta — uma das mais raras e das mais bellas, que ella não falte a este concerto de saudações ao Mestre.

Na carreira ingloria, em que venho trabalhando, tem-me sido unico estimulo e poderoso auxilio a amizade de Eça de Queiroz. Á deslumbrante claridade do seu espirito nunca em vão recorri nas horas de trabalho ou de lucta e a bondade do seu coração nunca, tambem, me desamparou nas horas de amargura.

Tudo lhe devo. — Comprehende-se, pois, com que alegria eu aproveito este ensejo de, publicamente, lhe testemunhar o meu reconhecimento e de lhe affirmar, mais uma vez, a minha perseverança n'aquellas idéas que elle, por vezes, tão affectuosamente chama *as nossas illusões*.

LUIS SERRA.



a **I**lustre Casa de **R**amires^(*)



DESDE AS quatro horas da tarde, no calor e silencio do domingo de Agosto, o Fidalgo da Torre em chinellos, com uma quinzena de linho envergada sobre a camisa de chita côr de rosa, trabalhava... Gonçalo Mendes Ramires, que, n'aquella sua velha e espalhada aldêa de Santa Ireneia, e em Villa-Clara, e mesmo na cidade, em Oliveira, todos conheciam pelo « Fidalgo da Torre », trabalhava n'uma Novella Historica, A TORRE DE D. RAMIRES, destinada ao primeiro numero da nova Revista do T. Pinheiro, os *Annaes de Litteratura e de Historia*.

A livraria, clara e larga, rebocada de escarola amarella, com duas pesadas estantes de pau preto onde repousavam, no pó e na gravidade das lombadas de carneira, grossos folios de convento e de fôro, respirava para o pomar por duas janellas, uma de peitoril, outra mais rasgada, de varanda, toda fresca e cheirosa da densa madre-silva que se enroscava nas grades. Deante d'essa

varanda, na claridade abundante, pousava a mesa — mesa antiga de pés torneados, coberta com uma colcha de damasco vermelho, desbotada, salpicada de tinta, e atravancada n'essa tarde pelos rijos volumes da *Historia Geanologica*, todo o *Vocabulario* de Bluteau, tomos soltos do *Panorama*, e ao canto, em pilha, as obras de Walter Scott sustentando uma tigella cheia de cravos vermelhos. E d'ahi, da sua cadeira de couro, Gonçalo Mendes Ramires, pensativo sobre o trabalho, roçando pela testa a ponta da caneta, avistava sempre a inspiradora da sua Novella, a Torre, a antiquissima torre de D. Ramires, que emergia dentre os limoeiros, esquadrada e negra, com as fundas frestas gradeadas de ferro, as ameias e o miradoiro bem cortados no rutilante azul d'Agosto, uma pouca de hera no cunhal rachado, robusta sobrevivencia do vetusto Paço acastellado, da Honra de Santa Ireneia, solar dos Mendes Ramires desde os fins do seculo X.

Gonçalo Mendes Ramires (como confessava esse severo genealogista, o barão de S. Prudencio)

era talvez o mais genuino e antigo fidalgo de Portugal. Raras familias coevas poderiam traçar a sua ascendencia, por linha varonil e sempre pura, até aos vagos Senhores que mantinham castello em terras d'Entre-Douro-e-Minho quando os barões francos desceram, com pendão e caldeira, na hoste do Borguinhão. E os Ramires entroncavam limpidamente a sua casa no filho do Conde Nuno Mendes, aquelle agigantado Ordonho Mendes, senhor de Treixedo e de Santa Ireneia, que casou em 987 com Dona Elduara, Condessa de Carrion, filha de Bermudo o *Gottoso*, Rei de Leão.

Mais antigo na Hespanha que o Condado Portucalense, rijamente, como elle, crescera o Solar de Santa Ireneia; sempre nomeado e honrado por arraiaes e villas; resistente como elle ás fortunas e aos tempos. E assim, em cada lance da Historia de Portugal, se encontra um Mendes Ramires! Um dos mais esforçados da linhagem, Lourenço, por alcunha o *Cortador*, collaço de Affonso Henriques (com quem na mesma noite, para receber a pranchada de cavalleiro, vellára as armas na Sé de Zamora), apparece logo na batalha d'Ourique onde tambem avista Jesus-Christo sobre finas nuvens d'ouro, pregado n'uma cruz de dez covados. Na tomada de Tavira outro Ramires, Martin, freire de San-Thiago, trepa na primeira escadada á muralha, rompe por entre as cimitarras que lhe decepam as duas mãos, e surde nos adarves da albarran, com os dous pulsos a esguichar sangue, bradando ao Mestre: — « D. Paio Peres, Tavira é nossa! Real, por Sancho de Portugal! » O velho Egas Ramires, fechado na sua Torre, com a levadiça erguida, as barbacans erriçadas de fundeiros, nega acolhida a El-Rei D. Fernando e Leonor Telles, que corriam o Norte em folgares e caçadas, para que a presença da *adultera* não macule a pureza estreme do seu solar. Em Aljubarrota, Diogo Ramires o *Trovador* desbarata um troço de bésteiros, mata o Adiantado-mór de Galiza, e por elle, não por outro, cahe derribado o pendão real de Castella, em que ao fim da lide seu irmão d'armas, D. Antão d'Almada, se embrulhou para o levar, dançando e cantando, ao Mestre d'Aviz. Sob os muros d'Arzilla combatem magnificamente dois Ramires, o edoso Fernão e seu filho, e junto do cadaver do pae trespassado por quatro virotes, estirado no pateo da Alcaçova, — o moço é armado cavalleiro pelas mãos de Affonso V, que o abraça e soluça e murmura: « Em ti me volta o que n'elle perdi! »... Mas eis que Portugal se faz aos mares! E raras são então as armadas e os combates do Oriente em que se não esforce um Ramires — ficando na lenda tragico-maritima aquelle nobre capitão do Golpho Persico, Balthazar Ramires, que, no naufragio da *Santa Barbara*, reveste a sua pesada armadura, e postado no castello de prôa, encostado á sua grande

espada, se afunda com a náu que se afunda, hirto em silencio e sem se mover. Em Alcacer-Kebir onde dous Ramires sempre ao lado d'El-Rei encontram morte soberba, o mais novo, tão novo, de desoito annos, Paulo Ramires, pagem do Guião, illeso na batalha, mas não querendo mais vida pois que El-Rei não vivia, colhe um ginete solto, ápanha uma acha d'armas, e gritando: « Vai-te, alma, que já tardas, servir a de teu senhor! », entra na chusma mourisca e para sempre desaparece!... Sob os Philippes, os Ramires, amuados, bebem e caçam nas suas terras. Reapparecendo com os Braganças, um Ramires, Vicente, Governador das Armas d'Entre-Douro e Minho por D. João IV, mette a Castella, destroça os Hespanhoes do Conde de Venavente, e toma Fuente-Guiñal, a cujo furioso saque preside, da varanda d'um Convento de Franciscanos, em mangas de camisa, comendo talhadas de melancia. Já, porém, como a nação, a raça forte enfraquece... Alvaro Ramires, valido de D. Pedro II, brigão façanhudo, estafa Lisboa de arruaças, foge para Sevilha com a mulher d'um Vêdor da Fazenda que mandára matar a pauladas por pretos, e termina por commandar uma urca de piratas na frota de Murad o *Maltrapilho*. No reinado do Sr. D. João V Nuno Ramires brilha na Côrte, ferra as suas mulas de prata, e arruina a casa celebrando sumptuosas, infindaveis festas de Egreja, em que canta no côro vestido com o habito de Irmão Terceiro de S. Francisco. Outro Ramires, Christovam, Presidente da Mesa de Consciencia e Ordem, alcovita os amores d'el-rei D. José I com a filha do prior de Sacavem. Pedro Ramires, o Desembargador, famoso em todo o Reino pela sua obesidade, a sua chalaça, as suas proezas de glutão no Paço da Bemposta com o arcebispo de Thessalonica, era Provedor e Feitor-mór das Alfandegas. Ignacio Ramires abala com D. João VI para o Brazil, negoceia em negros, traz um bahú carregado de peças d'ouro que lhe rouba um administrador, antigo frade capuchinho, e morre no seu solar da cornada de um boi. O avô de Gonçalo, Damião, doutor liberal, dado ás Musas, desembarca com D. Pedro no Mindello, compõe as empoladas proclamações do Partido, funda um jornal, o *Anti-Frade*, e depois das Guerras Civis arrasta uma existencia rheumatica em Santa Ireneia, embrulhado no seu capotão de briche, traduzindo para vernaculo, com um lexicon e um pacote de simonte, as obras de Valerius Flaccus. O pae de Gonçalo, ora regenerador, ora historico, vivia em Lisboa no Hotel Pelicano, gastando as solas pelas escadarias do Banco Hypothecario e pelo lagedo da Arcada, até que um Ministro do Reino, cuja concubina elle acompanhava respeitosamente a S. Carlos, o nomeou Governador Civil de Oliveira. Gonçalo, esse, era bacharel formado, com um R no terceiro anno.

E fôra justamente n'esse anno que Gonçalo Mendes Ramires se estreára nas Lettras. Um seu companheiro de casa, T. Pinheiro, algarvio macilento, de enormes oculos azues, a quem Simão Craveiro chamava o « T. Pinheiro Patriotinho », fundara n'esse inverno um semanario, a *Patria* — « com o levantado intento (affirmava sonoramente o Prospecto) de despertar, não só na mocidade Academica, mas em todo o paiz, do cabo Silleiro ao cabo de Santa Maria, o amor, tão arrefecido, das bellezas, das grandezas e das glorias de Portugal! » Devorado por essa idéa, « a sua Idéa », sentindo n'ella uma carreira, quasi uma missão, o Pinheiro, tão incessantemente e com tão teimoso ardor de Apostolo clamára pelos botequins da Sophia, pelos claustros da Universidade, pelos quartos dos amigos entre a fumaça dos cigarros, « a necessidade, caramba, de reatar a tradição! de desatulhar, caramba, Portugal da alluvião do estrangeirismo! » — que o Semanario, apparecendo realmente aos sabbados, e, trazendo realmente estudos recheiados de griphos e citações sobre as *Capellas da Batalha*, a *Tomada d'Ormuz*, a *Embaixada de Tristão da Cunha*, começou a ser considerado como a aurora, ainda pallida mas segura, d'um forte Renascimento Nacional. E os companheiros de casa do Pinheiro, os tres que se occupavam das cousas

do saber e da intelligencia (porque dos tres restantes um era homem de cacete e forças, o outro guitarrista, e outro « premiado » e aduldor de Lentes) passaram, aquecidos por aquella chamma patriotica, a esquadrihar na Bibliotheca, nos grossos tomos nunca d'antes visi-

tados de Fernam Lopes e d'Azurara, noções e lendas « só portuguezas, só nossas (como supplicava o Pinheiro), que refizessem á nação abatida uma consciencia da sua heroicidade. » Foi então que Gonçalo Mendes Ramires, moço amavel de vinte e dois annos, loiro, de pelle muito branca, uns



olhos finos que facilmente se enterneciam, apurado sempre na batina e no verniz dos sapatos — appareceu um domingo, ao almoço, com onze tiras de papel intituladas *D. Guiomar*. N'ellas se contava a velhissima historia da castellã, que, emquanto nas guerras de Ultra-mar o castellão

barbudo e cingido de ferro atira a acha-d'armas ás portas de Jerusalem, recebe ella na sua camara, com os braços nús, por noite de Maio e de lua, o pagem de annellados cabellos... Depois desce o inverno, o castellão volta, mais barbudo, com um bordão de romeiro! Pelo villico do Castello, homem sombrio de dizeres amargos, conhece a traição, a macula no seu nome tão puro, honrado em todas as Hespanhas. E ai do pagem! ai da dama! Logo os sinos tanger a finados. Já no pateo da Alcaçova o verdugo, de capuz escarlata, espera, encostado ao machado, entre dous cepos cobertos de pannos de dó... E nas derradeiras linhas da *D. Guiomar*, como em todas essas historias do Romanceiro d'Amor, tambem cresciam rente ás duas sepulturas, escavadas no êrmo, duas roseiras brancas a que o vento enlaçava os aromas e as rosas. De sorte que (como notou T. Pinheiro, coçando pensativamente o queixo) não apparecia na *D. Guiomar* nada que fosse « só portuguez, só nosso, brotando do sólo e da raça »! Mas esses amores lamentosos passavam n'um solar de Ribacôa : os nomes dos cavalleiros, Remarigues, Ordonho, Froylas, Gutierres, tinham um delicioso sabor godo : em cada tira resoavam bravamente os genuinos « *Bofé! Mentos pela gorja! Pagem, o meu murzello!* » : e através de todas estas cousas vernaculas circulava uma sufficiente turba de cavallariços com saios alvadios, beguinos sumidos dentro das cugulas, e ovenças trotando em nedias mulas de corpo... A Novella portanto marcava um salutar retrocesso ao sentimento nacional.

— E depois, accrescentava o Pinheiro, este velhaco do Gonçalinho surde com um estylo robusto, de boa còr archaica! Lembra até o *Bobo*, o *Monge de Cister!*... A *Guiomar*, realmente, é uma castellã vaga, da Bretanha ou da Aquitania. Mas o Gonçalinho, esse, caramba, portuguez d'osso e d'alma!... Quando se enfronhar bem dentro do nosso passado, das nossas chronicas, temos nas Lettras um homenzarrão!

D. Guiomar encheu tres paginas da *Patria*. N'esse sabbado, para celebrar a sua entrada na Litteratura, Gonçalo Mendes Ramires pagou aos mais finos espiritos da Academia uma ceia — onde foi aclamado, logo depois do frango com ervilhas, quando a creada esbaforida renovava as garrafas de Collares, como « o nosso Walter Scott »! Elle, de resto, annunciara já com simplicidade um Romance em dois volumes, fundado nos annaes da sua casa, n'um rude feito de sublime orgulho de Tructesindo Mendes Ramires, o amigo e Alferes-mór de Sancho I. Por temperamento, por aquelle saber especial de trajas e alfaias que revelara na *D. Guiomar*, até pela antiguidade da sua linhagem, Gonçalinho parecia gloriosamente votado a restaurar em Portugal o

Romance Historico. Possuia uma missão — e começou logo a passear pela Calçada, com o gorro sobre os olhos, pensativo, como quem anda reconstruindo um mundo. No acto desse anno levou o R.

Quando regressou das ferias para o Quarto-Anno, já não fervilhava na rua da Mathematica o cenaculo ardente dos Patriotas. O Pinheiro, formado, habitava Villa Real de Santo Antonio : com elle desaparecera a *Patria* : e os moços zelosos que na Bibliotheca esquadrihavam as *Chronicas de Fernam Lopes e d'Azurara*, desamparados por aquelle Apostolo que os levantava, recahiram nos romances de Paul Bourget, e retomaram á noite o taco nos bilhares da Sophia. Gonçalo voltava tambem mudado, de luto pelo pae que morrera em Agosto, com a barba crescida, sempre affavel, porrem mais grave, averso a ceias e a noites errantes. Tomou um quarto no Hotel Mondego — e os seus companheiros foram tres ou quatro rapazes, que se preparavam para a Politica, recebiam a *Revista dos Dois Mundos*, folheavam o *Diario das Camaras*, palravam da « Orientação positiva » e do « fomento rural », consideravam como leviandade reles a velha irreverencia academica pelos Dogmas, e, mesmo passeando ao luar no Choupal, contendiam sobre os dous Chefes de Governo, o Braz Victorino e o S. Fulgencio. Inclinado para os Regeneradores, por que a Regeneração lhe representava tradicionalmente idéas de conservatismo, de elegancia culta e de generosidade, frequentou então o Centro Regenerador da Couraça, onde aconselhava « o fortalecimento da auctoridade da Corôa », e « uma forte expansão colonial! » Depois ainda desmanchou alegremente esta gravidade politica, e tresnoitou, na taberna do Possidonio, em bacalhoadas tremendas, entre o estridor das guitarras : mas não alludio mais ao seu grande Romance em dous volumes : e ou recuara ou se esquecera da sua missão d'Arte Historica. E realmente só na Paschoa do Quinto-Anno retomou a penna — para lançar, na *Gazetta do Porto*, contra André Cavalleiro, que o novo Ministerio Progressista nomeara Governador civil de Oliveira, duas correspondencias muito amargas, d'um rancor intenso e pessoal (a ponto de chasquear « a bella bigodeira negra de S. Ex^a »). Assignara JUVENAL : mas lêra aos amigos no Centro « os dous botes decisivos que atirariam o Sr. Cavalleiro abaixo do seu Cavallo »! E um d'esses moços serios, sobrinho do Bispo de Oliveira, não disfarçou o seu assombro :

— Oh Gonçalinho, eu sempre pensei que você e o Cavalleiro eram intimos! Se bem me lembro quando você chegou a Coimbra, para os Preparatorios, esteve na casa do Cavalleiro, e chegadinho a elle, como irmão!... Pois não ha uma amizade tradicional, quasi historica, entre Ramires

e Cavalleiros?... Eu nunca andei para os vossos sitios; mas até creio que Corinde, a quinta do Cavalleiro, pega com Santa Ireneia!

E Gonçalo enrugou a face, a sua clara e risonha face, para declarar seccamente que Corinde não pegava com Santa Ireneia: que entre as duas terras corria muito justamente a ribeira do *Coice*: que em questões de Critica Politica mais vizinhança só conduzia a mais informação: e que o Sr. André Cavalleiro, e sobre tudo Cavallo, era um animal detestavel! O sobrinho do Bispo saudou e exclamou:

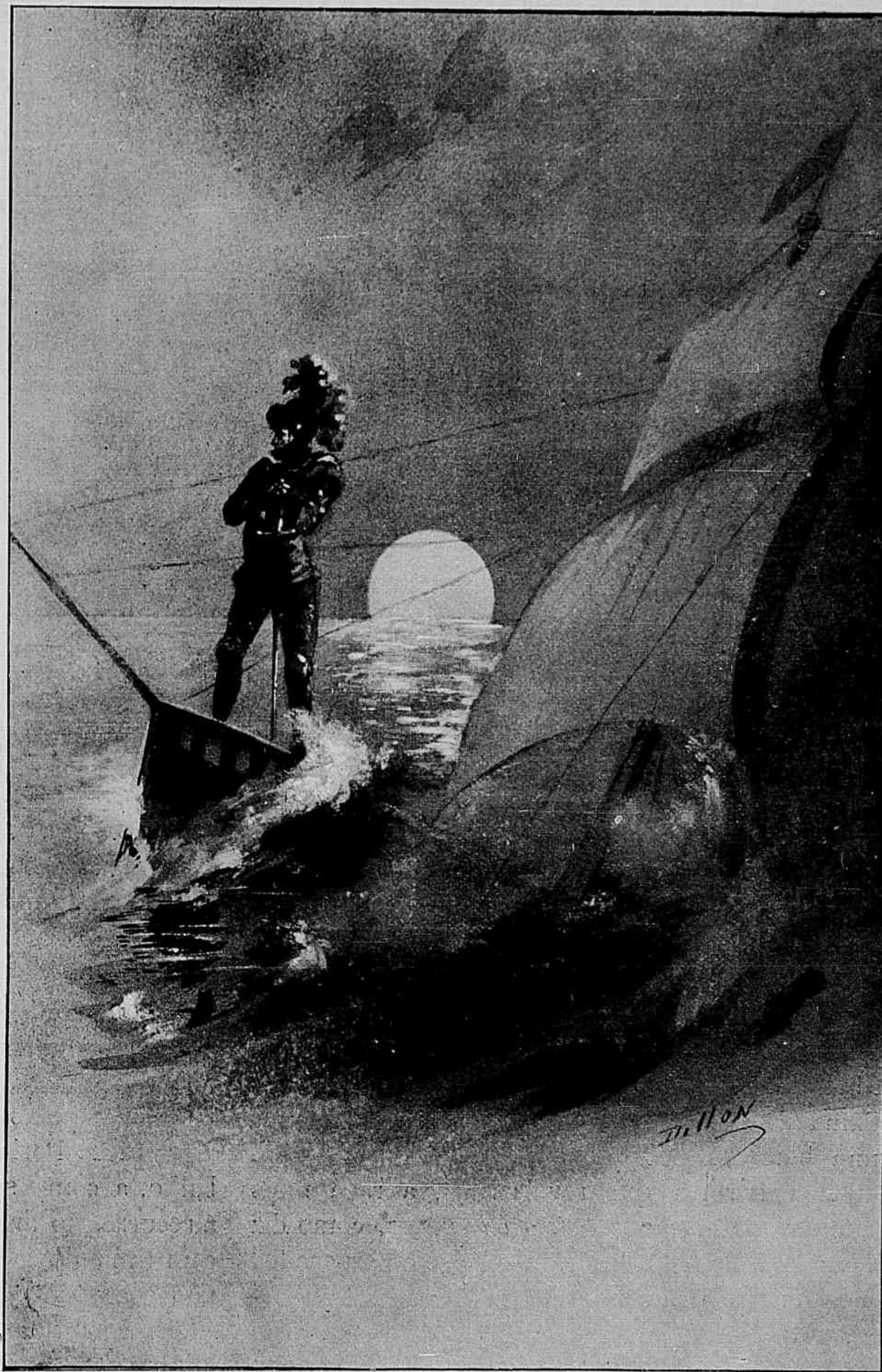
— Sim senhor, boa piada!

Um anno depois da Formatura, Gonçalo foi a Lisboa por causa da hypotheca da sua quinta de Praga, junto a Lamego, que certo fôro annual de dez réis e meia galinha, devido ao Abbade de Praga, andava empecendo terrivelmente nos Conselhos do Banco Hypothecario. E uma noite, atravessando o Rocio, esbarrou com T. Pinheiro, então empregado no Ministerio da Fazenda, na repartição dos Proprios Nacionaes. Mais defecado, mais macilento, com uns oculos mais largos e mais tenebrosos, o Pinheiro ardia todo, como em Coimbra, na chamma da sua idéa — « a resurreição do sentimento portuguez »! E agora, alargando a proporções condignas da Capital, o plano da *Patria*, trabalhava devoradoramente na criação d'uma Revista quinzenal, de setenta paginas, com capa azul, os *Annaes de Litteratura e de Historia*. Era n'uma abafada noite de Julho. E, passeando ambos em torno das fontes do Rocio, T. Pinheiro, que sobraçava um rolo de papel e um gordo tomo encadernado em bezerro, depois de recordar as cavaqueiras genias da rua da Misericordia, de se queixar da falta de intellectualidade de Villa Real de Santo Antonio — voltou soffregamente á sua idéa, e supplicou Gonçalo Mendes Ramires que lhe cedesse para os *Annaes* o seu Romance, esse Romance que elle annunciara em Coimbra, sobre

o seu avoengo Tructesindo Ramires, Alferes-mór de Sancho I.

Gonçalo, rindo, confessou que ainda não começara o Romance.

— Ah! murmurou o Pinheiro, estacando, com os negros oculos sobre elle, duros e desconsolados. Então você não persistio?... Não permaneceu fiel á idéa?...



Encolheu os hombros, resignadamente, já acostumado, atravez da sua Missão, a estes desfallecimentos do Patriotismo. Nem consentio que Gonçalo, humilhado perante essa chamma que se mantivera tão pura e tão servidora — alludisse, como desculpa, ao inventario da casa, depois da morte do papá...

— Bem! Acabou! *Proscratinare lusitanum est.*

Trabalha agora no verão... Para Portuguezes, menino, o verão é o tempo das bellas fortunas e dos rijos feitos. No verão nasce Nun' Alvares no Bom-jardim! No verão se vence em Aljubarrota! No verão chega o Gama á India!... E no verão vae o nosso Gonçalinho escrever uma novellinha sublime!... De resto os *Annaes* só apparecem em Dezembro, caracteristicamente no Primeiro de Dezembro. E você em tres mezes resuscita um mundo. Serio, Gonçalo Mendes!... É um dever, um santo dever, sobretudo para os novos, collaborar nos *Annaes*. Portugal, menino, morre por falta de sentimento nacional! Nós estamos immundamente morrendo do mal de não ser Portuguezes!

Parou — ondeou o braço magro, como a correia d'um latego, n'um gesto que envolvia o Rocio, a Cidade, toda a Nação. Sabia o amigo Gonçalinho o segredo verdadeiro d'esta borracheira immensa? É que, dos Portuguezes, os peores desprezavam a Patria — e os melhores ignoravam a Patria. O remedio?... Popularisar Portugal, vulgarisar Portugal. Sim, amiguinho! Organizar, com estrondo, o reclamo de Portugal, de modo que todos o conheçam — ao menos como se conhece o Xarope Peitoral de James, hein? E que todos o adoptem — ao menos como se adoptou o sabão do Congo, hein? E conhecido, adoptado, que todos o amem emfim, nos seus heróes, nos seus feitos, mesmo nos seus defeitos, em todos os seus padrões e até nas pedrinhas das suas calçadas! Para esse fim, o maior a emprehender n'este apagado seculo da nossa Historia, fundava elle os *Annaes*. Para berrar! Para atroar Portugal, aos bramidos sobre os telhados, com a noticia inesperada da sua grandeza! — E aos descendentes dos que outr'ora fizeram o Reino, incumbia, mais que aos outros, o cuidado piedoso de o refazer... Como? Reatando a tradição, caramba!

— Assim, vocês! Por essa historia de Portugal fóra, vocês são uma enfiada de Ramires de toda a belleza. Mesmo o Desembargador, o que comeu n'uma ceia de Natal dois leitões!... É apenas uma barriga. Mas que barriga! Ha n'ella uma pujança heroica que revela raça, a raça mais forte *do que promette a força humana*, como diz Camões. Dois leitões, caramba! Até enternece!... E os outros Ramires, o de Silves, o de Aljubarrota, os de Arzilla, os da India!... E os cinco valentes, de quem você talvez nem saiba, que morreram no Salado! Pois bem, resuscitar estes varões, e mostrar n'elles a alma façanhuda, o querer sublime que nada verga, é uma soberba licção aos novos... Tonifica, caramba!... Pela consciencia que renova de termos sido tão grandes sacode este chocho consentimento nosso em permanecermos pequenos! É o que eu chamo reatar a tradição... E depois feito por você proprio, Ramires, que *chie!* Caramba, que *chie!* É um

fidalgo, que, para mostrar a velha heroicidade da Patria, abre simplesmente, sem sahir do seu solar, os archivos da sua raça. É de rachar!... E você não precisa fazer um grosso romance... Nem um romance muito desenvolvido está na indole militante da Revista. Basta um conto, de vinte ou trinta paginas... Está claro, os *Annaes* por ora não podem pagar. Tambem, você não precisa! E que diabo! não se trata de pecunia, mas d'uma grande renovação social... E depois, menino, a litteratura leva a tudo, em Portugal. Eu sei que o Gonçalinho em Coimbra, ultimamente, frequentava o Centro Regenerador... Pois, amigo, de folhetim em folhetim, se chega a S. Bento! Só verdadeiramente a cavallo n'um jornal se entra hoje n'um Ministerio. A penna agora, como a espada outr'ora, edifica reinos... Pense você n'isto! E adeus! que ainda hoje tenho de copiar, para letra christã, este estudo do Henriques sobre Ceylão... Você não conhece o Henriques?... Pois quando na Europa, n'essas grandes Academias, ha uma duvida sobre a Historia ou a Litteratura cingaleza, gritam para cá, para o Henriques!

Abalou, agarrado ao seu rolo e ao seu tomo — e Gonçalo ainda o avistou, na claridade e na porta da Tabacaria Nunes, agitando o braço esguio d'Apostolo deante d'um sujeito obeso, de rotundo collete branco, que pasmava, com o chapéu de palha na nuca.

O Fidalgo da Torre recolheu para o Bragança, impressionado, ruminando a idéa do Patriota. Tudo n'ella o seduzia e lhe convinha: a sua collaboração n'uma Revista grave, de setenta paginas, em companhia de Escriutores doutos, Lentes das Escolas, antigos Ministros, até Conselheiros d'Estado: a antiguidade da sua raça, mais antiga que o Reino, assim popularisada por uma historia d'heroica belleza, em que, com tanto fulgor, ressaltavam a bravura, a soberba d'alma dos Ramires; e emfim a seriedade academica do seu espirito, a sua certeza nas investigações eruditas, reveladas no momento em que tentava a carreira do Parlamento e da Politica!... E o trabalho, a composição moral dos vetustos Ramires, a resurreição archeologica do viver medieval, as cem tiras de almaço a atulhar de prosa forte — não o assustavam... Não! porque felizmente já possuia a « sua obra », e cortada em bom panno, alinhavada com rija linha. Seu tio Duarte, irmão de sua mãe (uma senhora de Guimarães, da casa das Balsas), nos seus annos de ociosidade e de imaginação, de 1845 a 1850, entre a sua Carta de Bacharel e o seu Alvará de Delegado, fóra poeta — e publicára no *Bardo*, semanario de Guimarães, um poemeto em verso solto, o *Castello de Santa Ireneia*, que assignára com duas iniciaes D. B. Esse castello era o seu, o Paço antiquissimo de que restava a negra torre entre os limoeiros da

horta. E no poemeto se cantava, com romantico garbo, um sombrio lance de altivez feudal, em que se sublimára Tructesindo Ramires, Alferes-mór de Sancho I, durante as contendas de Affonso II e das senhoras Infantas. Esse volume do *Bardo*, encadernado em marroquim, com o brazão dos Ramires, o aços negro sobre campo d'ouro, ficára no Archivo da casa como um pergaminho de heroismo. E muitas vezes em pequeno Gonçalo Ramires recitára, ensinados pela mamã, os primeiros versos do poema, de tão suave melancholia :

Na pallidez da tarde, entre a folhagem
Que o outomno amarellece....

Era com esse rude e sublime feito do seu vago avoengo que Gonçalo Mendes Ramires decidira em Coimbra, quando os camaradas da *Patria* e das ceias o aclamavam o nosso Walter Scott, compôr um Romance moderno, d'um realismo épico, em dous robustos volumes, formando um estudo ricamente colorido da Meia-Edade Portueza... E agora lhe servia, e com deliciosa facilidade, para essa Novella curta e sobria, de trinta paginas, que convinha aos *Annaes*!

No seu quarto do Bragança abriu a varanda. E debruçado, acabando o charuto, na doçura dormente da noite de Julho, ante a silenciosa grandeza do rio e da lua, pensava, regaladamente, que nem teria a massada d'esmiuçar as chronicas, os velhos folios!... Com effeito! toda a reconstrucção archeologica a realisara, e preciosamente, com um saber denso, o tio Duarte. O Paço acastellado de Santa Ireneia, e as suas carcovas, os cubellos, a torre formidavel d'albarran, o pharol e o balsão : o velho Tructesindo, enorme, com focos de cabellos e barbas ancestraes sobre a negra loriga de ferro; os solarengos de saios de couro, e a hacha mettida nos cinturões pregueados; os oblatos lendo á lareira as *Vidas dos Santos*; os pagens jogando no campo da tavolagem — tudo apparecia, com realce e viço, no poemeto do tio Duarte! Ainda recordava mesmo certos lances : o truão açoutado; o ovençal que arrollava as cubas de cerveja; a jornada de Violante Ramires para o Mosteiro de Lorvão...

Junto á fonte mourisca, entre os ulmeiros,
A cavalgada pára...

O enrêdo todo com a sua paixão de grandeza barbara, os recontros sombrios em que se sacia a punhal o rancor dos feudos, o heroico fallar despedido de labios de ferro — lá estavam, nos versos sonoros e largos do titi...

Monge, escuta! O solar de D. Ramires
Por si, e pedra a pedra se aluira,
Se jámais um bastardo lhe pisasse,
Com sapato aviltado, as lages puras!

Na realidade só lhe restava transpôr as fórmãs fluidas do Romantismo de 1846 para a sua prosa mascula (como confessava o Pinheiro), d'uma densidade de marmore, á maneira lapidaria da *Salammbô*. E era um plagio? Não! A quem, com mais seguro direito do que a elle Ramires, pertencia a memoria dos Ramires historicos? A reconstrucção do velho Portugal, tão bella no *Castello de Santa Ireneia*, não era obra individual do tio Duarte — mas dos Herculanos, dos Rebellos, das Academias, da erudição esparsa. E, de resto, quem conhecia hoje esse poemeto, e mesmo o *Bardo*, delgado semanario que perpassara, durante cinco mezes, ha cincoenta annos, n'uma villa de Provincia?...! Não hesitou mais, seduzido. E em quanto se despia, depois de beber aos goles um copo d'agua com bicarbonato de soda, já martellava a primeira linha do conto : — « Era nos Paços de Santa Ireneia, por uma noite d'inverno, na sala alta da Alcaçova... »

Depois, ao outro dia, procurou T. Pinheiro na repartição dos Proprios Nacionaes, á pressa, correndo para o Banco Hypothecario. E annunciou ao Patriota que, positivamente, lhe assegurava para o primeiro numero dos *Annaes* a Novella, a que já decidira o titulo — a TORRE DE D. RAMIRES :

— Que lhe parece?

Deslumbrado, T. Pinheiro atirou os braços até á aboboda do esguio corredor em que o recebera :

— Sublime!... *A Torre de D. Ramires*!... O grande feito de Tructesindo Mendes Ramires — por Gonçalo Mendes Ramires!... Caramba, carambissima! menino! isso é que é reatar a tradição!

Duas semanas depois, de volta a Santa Ireneia, Gonçalo mandou um creado da quinta, com uma carroça, a Oliveira, á casa de seu cunhado José Barrôlo, casado com Gracinha Ramires, para lhe trazer da rica livraria classica que o Barrolo herdára do tio Deão da Sé todos os volumes da *Historia Genealogica*, e (acrescentava na carta) todos os cartapacios que tivessem por titulo « Chronica do Rei Fulano... » Depois, do pó das suas estantes desenterrou as obras de Walter Scott, volumes desirmanados do *Panorama*, a *Historia de Herculano*, o *Bobo*, o *Monge de Cistér*... E assim abastecido, com uma espessa rêsma de tiras d'almaço sobre a banca, começou a relêr o Poemeto do tio Duarte, inclinado ainda a transportar para a aspereza d'uma manhan de Dezembro na serra, como mais congenere com a rudeza feudal dos seus avós, aquella cavalgada de donas, monges e homens d'armas que o tio Duarte desenrolara, atravez d'uma suave melancholia outomnal, pelas veigas do Mondêgo...

Na pallidez da tarde, entre a folhagem
Que o outomno amarellece....

Mas como era então Agosto e a lua crescia, Gonçalo determinou por fim aproveitar aquellas sensações de calor, luar e arvoredos, que lhe fornecia a aldeia — para levantar, logo á entrada da sua Novella, o negro, vasto Paço de Santa Ireneia, no silencio d'uma noite d'Agosto, sob o resplendor da lua cheia.

E já enchera corredidamente, ajudado pelo *Bardo*, duas fartas tiras, quando uma desavença com o seu caseiro, o Manoel Relho, que trazia a quinta arrendada por oitocentos mil réis, veio perturbar, na fresca e noviça inspiração do seu trabalho, o Fidalgo da Torre. Desde o Natal o Relho, que durante annos de compostura e ordem se emborachava sempre aos domingos com alegria e com pachorra, começára a tomar, tres e quatro vezes por semana, bebedeiras desabridas, escandalosas, em que espancava a mulher, atroava a quinta de berros, e saltava á estrada, esguedelhado, de varapáu, desafiando a quieta aldeia... Por fim, uma noite em que Gonçalo, á banca, depois do chá, laboriosamente escavava os fossos do Paço de Santa Ireneia — de repente a Rosa cozinheira rompeu a gritar « Aqui d'El-rei contra o Relho! » E, atravez dos seus brados e dos latidos dos cães, uma pedra, depois outra, bateram na varanda veneravel da livraria! Enfiado, Gonçalo Mendes Ramires pensou no revólver... Mas n'essa tarde o seu creado, o Bento, descêra a arma á cozinha para a limpar. Então, atarantadamentê, correu ao quarto, que fechou á chave, empurrando contra a porta um velho bahú, que reforçou com uma cadeira de couro. Cêdo, no domingo, reclamou o Regedor. A Rosa, ainda tremula, mostrou no braço as marcas roxas dos dedos do Relho — e o homem, cujo arrendamento findava em Outubro, foi despedido da quinta com a mulher, a arca e o catre. Immediatamente appareceu um lavrador dos Bravaes, o José Casco, respeitado em toda a freguezia pela sua seriedade e força espantosa, propondo ao fidalgo arrendar a Torre. Gonçalo Mendes Ramires, porem, já desde a morte do papá, decidira elevar a renda a novecentos e cincoenta mil réis: — e o Casco desceu as escadas, de cabeça descabida. Voltou logo ao outro dia, repercorreu miudamente toda a quinta, esfarellou a terra entre os dedos, esquadriñhou o curral e a adega, contou as oliveiras e as cêpas: e n'um esforço, em que lhe arfaram todas as costellas, offereceu novecentos e dez mil réis! Gonçalo não cedia, certo da sua equidade. O José Casco voltou ainda com a mulher; depois, n'um domingo, com a mulher e um compadre, — e era um coçar lento do queixo rapádo, umas voltas desconfiadas em torno dos talhões da horta, umas demóras sumidas dentro da tulha e do lagár, que tornavam aquella manhan de Agosto intoleravelmente longa ao Fidalgo, sentado n'um banco de pedra do jar-

dim, debaixo d'uma mimosa, com a *Gazeta do Porto*. Quando o Casco, pallido, lhe veio offerer novecentos e trinta mil réis — Gonçalo Mendes Ramires arremessou o jornal, declarou que ia elle, por sua conta, amañhar a propriedade, mostrar o que era um torrão rico, tratado pelo saber moderno, com phosphatos, com machinas! O homem de Bravaes, então, arrancou um fundo suspiro, acceitou os novecentos e cincoenta mil réis... Á maneira antiga o Fidalgo apertou a mão ao lavrador, que entrou na cozinha a enxugar um largo copo de vinho, esponjando na testa, nas cordoveias rijas do pescoco, o suor anciado que o alagava. Assim se fechára aquelle arranjo excellente.

Mas, como entulhada por estes cuidados, a veia de Gonçalo, tão larga, estancou — não foi mais que um fio lento e turvo. Quando n'essa tarde recolheu á banca, para rasgar as abóbodas da sala d'armas do Paço de Santa Ireneia — só conseguiu trasladar servilmente para uma prosa aguada os versos lisos do tio Duarte, sem relêvo que os modernisasse, dêsse rizeza e magestade senhorial áquellas macissas abobodas. E desde as quatro horas, no calor e silencio do domingo d'Agosto, labutava, empurrando a penna esquiva, riscando rancorosamente, ora n'um reboliço, a sacudir e a reenfiar sob a mesa os chinellos de marroquim, ora immovel e molle, como abandonado á esterilidade que o travava, com os olhos esquecidos na Torre, na sua difficillima Torre, negra entre os limoeiros e o azul, toda envolta no piar fino e no esvoaçar das andorinhas.

Por fim, descorçoado, arrojou a penna que tão desastrosamente emperrára. E fechando na gavêta, com uma pancada rija, o volume precioso do *Bardo*:

— Irra! Estou perfeitamente entupido! É este calor! Não consigo trabalhar nesta livraria, com este calor!... Depois, aquelle animal d'aquelle Casco, toda a manhã!... Não, não se póde! Ou bem litteratura ou bem admnistracção...

Ainda releu, coçando sombriamente a nuca, a derradeira linha rabiscada e suja:

— « ... Na sala espaçosa e larga, que os largos e pallidos raios da lua... » Larga, largos!... E os pallidos raios!... Os eternos pallidos raios!... Tambem este maldito castello, tão complicado!... E este D. Tructesindo, que eu não apanho, tão antigo!... Emfim, um horror!

Atirou, n'um repellão, a cadeira de couro; cravou, com furor, um charuto nos dentes; — e abalou da livraria, batendo desesperadamente a porta, n'um tedio immenso da sua obra, d'aquelles confusos, enredados Paços de Santa Ireneia, e dos seus avós, enormes, resoantes, chapeados de ferro, e mais vagos que fumos.

(*Continua.*)

EÇA DE QUEIROZ.



LANAS, ALVARO MACHADO & C.^A L.^{DA}

ALFAIATES - MERCADORES E CAMISEIROS

FAZENDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Artigos de CAMISARIA
importados directamente do estrangeiro

SECÇÃO ESPECIAL

DE

FARDAMENTOS EM TODOS OS GÉNEROS

39, Avenida da Liberdade, 43, B

MAISON LOUVRE

DE

CARREIRA, NOGUEIRA & SANTOS L.^{DA}

MODAS E CONFECÇÕES INFANTIS

*A única casa em todo o país que se especializa em VESTIDOS, CHAPEUS, TOUCAS
e mais artigos de vestuário para crianças*

Os seus MODELOS de alta novidade são sempre os mais CHICS que se obtêm no ESTRANGEIRO

ENXOVAIS para recém-nascidos

ROUPAS BRANCAS PARA SENHORAS E CRIANÇAS

Completo sortido de bordados e tecidos finos em seda, algodão e fantasia

Vestir com gosto só na

MAISON LOUVRE

106, ROCIO, 107 - LISBOA



- Oh! Mimi, está hoje muito chic!?
- Não admira, Zéquinha, porque a
mamã só compra os meus vestidos na
Maison Louvre

P. A. Galapito, Limitada

Gerente: P. A. GALAPITO—Farmacêutico

Productos químicos

Drogas, Perfumarias

ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

ARTIGOS DE HIGIENE

PENSOS ESTERILIZADOS

Empolas de todos os medicamentos injectáveis

Fornecimentos completos para Farmácias, Hospitais, Laboratórios e Casas de Saúde

REAGENTES PARA ANALISES

ESTERILIZAÇÕES

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Fornecimentos completos para Farmácias e Hospitais

TELEFONE C. 403

ESCRITÓRIO

Rua dos Correeiros, 174-1.º — LISBOA

Grandes Armazens Barroca

DE

AUGUSTO M. BARROCA

Sucessor — IVO DOS SANTOS BARROCA

Móveis, Estofos, Pianos e outros artigos

Mobílias novas Variado sortimento de mobílias em todos os estilos para salas de visitas, casas de jantar, escritórios, quartos de cama e de toilette, gabinetes, etc., em pau santo, tuia, érablo, olho de perdiz, nogueira e mogno. Fabricação esmerada e sólida. Pianos alemães e franceses dos principais autores.

Decorações Sortido completo em tecidos, cortinados, tapetes, oleados, etc.

Mobílias antigas Contadores, bufetes, estantes, cómodas, bancos de entrada, cadeiras de espaldar com assentos e costas de couro, cantoneiras, louças, lustres, quadros e outros artigos. Sedas, colchas, pedras falsas e vários objectos de arte em ourivesaria, pintura e escultura.

Grande sortido de móveis usados provenientes de trocas — Redução excepcional de preços

Secção de Ourivesaria, Relojoaria e Joalheria Variado sortimento em objectos de ouro simples e com brilhantes relógios de ouro, prata, aço e de parede.

31 a 37 — RUA DA ATALAIA — 39 a 43 (Prédio todo)

Quarteirão entre a Travessa dos Fiéis de Deus e a Travessa do Poço da Cidade

TELEFONE: 3095 C.

Grande Hotel Duas Nações



RUA DA VITÓRIA, 41 (todo o edificio)

Frentes para a Rua Augusta e Rua da Vitória

Proprietário-gerente; **BAPTISTA DUARTE**

Tele { fone : 2040-C.
legramas · Duasnações

Este magnífico hotel acha-se instalado em edificio
construido propositadamente para esse fim

Todos os aposentos foram renovados recentemente, constituindo
actualmente um dos
mais confortáveis e higiénicos hotéis da capital

EXCELENTE COZINHA

Bons aposentos para famílias

The Modern Office, Ltd.

FORNECIMENTOS GERAIS PARA ESCRITÓRIOS



Agentes de

UNDERWOOD TYPEWRITER C.º

DALTON ADDING MACHINE C.º

WAHL COMPANY

YAWMAN AND ERBE MFG. C.º LTD.

NATIONAL TIME RECORDER C.º LTD. ETC.

Organisação, máquinas, instalação moderna
de escritórios

R. do Alecrim, 107-109 — Lisboa

Tel. C. 3066

Sapataria GARRETT

94 - RUA GARRETT - 99

Telefone: 5181 Central

CALÇADO DE LUXO

PARA

Cerimónia,

Passeio

e

Sport



A única casa que apresenta todos os meses:

Modelos de novidade — Modelos da última moda

Matérias primas de primeira qualidade

ACABAMENTOS PERFEITÍSSIMOS

Livraria Católica

220 - R. Augusta - 222

Fundada por JOAQUIM ANTONIO PACHECO em 1866

DE F. J. DE SOUZA TAVARES

Sócio da nova firma

PELAYO RODRIGUES, L.^{DA}

Com escritório e armazém
de artigos religiosos e outros para revenda

Rua Augusta, 220, 1.º



Enorme sortimento
de artigos religiosos, medalhas,
imagens e estampas



Livros de missa, de apologética
e de história da religião



MÚSICAS SACRAS

NOVIDADES LITERÁRIAS MORAIS

nacionais e estrangeiras

OBJECTOS PARA BRINDES

Vindos directamente das melhores fábricas

LIVRARIA CATÓLICA

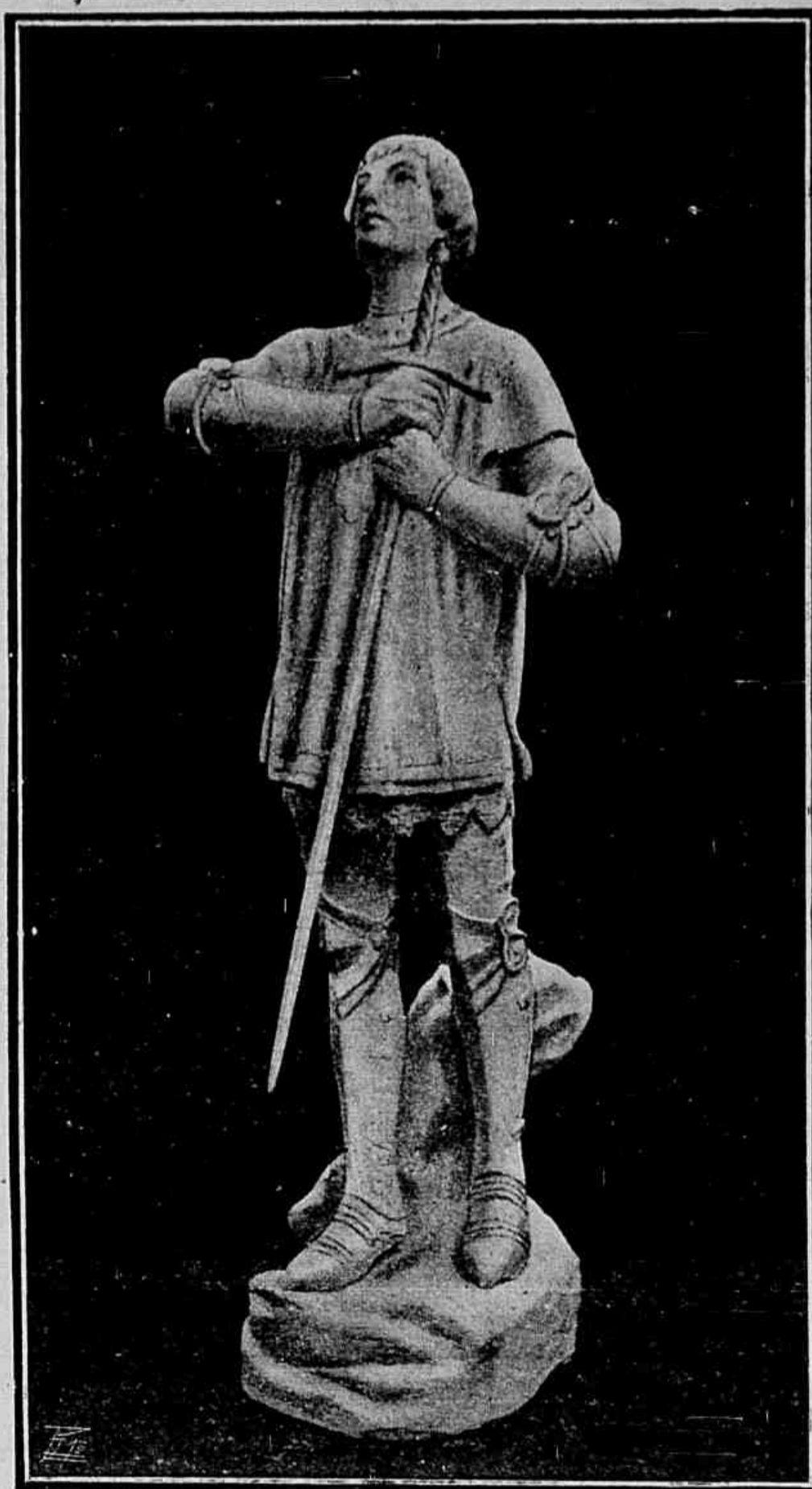


Imagem mandada fazer por esta casa
ao Ex.^{mo} Sr. Simões d'Almeida (sobrinho)
cujas reproduções
tão grande sucesso tem obtido



ALGARVE EXPORTADOR, LIMITADA

RUA DOS REMOLARES, 7
LISBOA

EXPORTAÇÃO DE CONSERVAS

Telegramas: BELALGARVE
Telef.: Central 5094

TELEF. 5506 C.

MOTORES E DÍNAMOS
MÁQUINAS INDUSTRIAIS
MATERIAL ELÉCTRICO
INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS
REPARAÇÕES DE MÁQUINAS

Carmo & Amaral, L.^{da}

SUCURSAL E OFICINAS

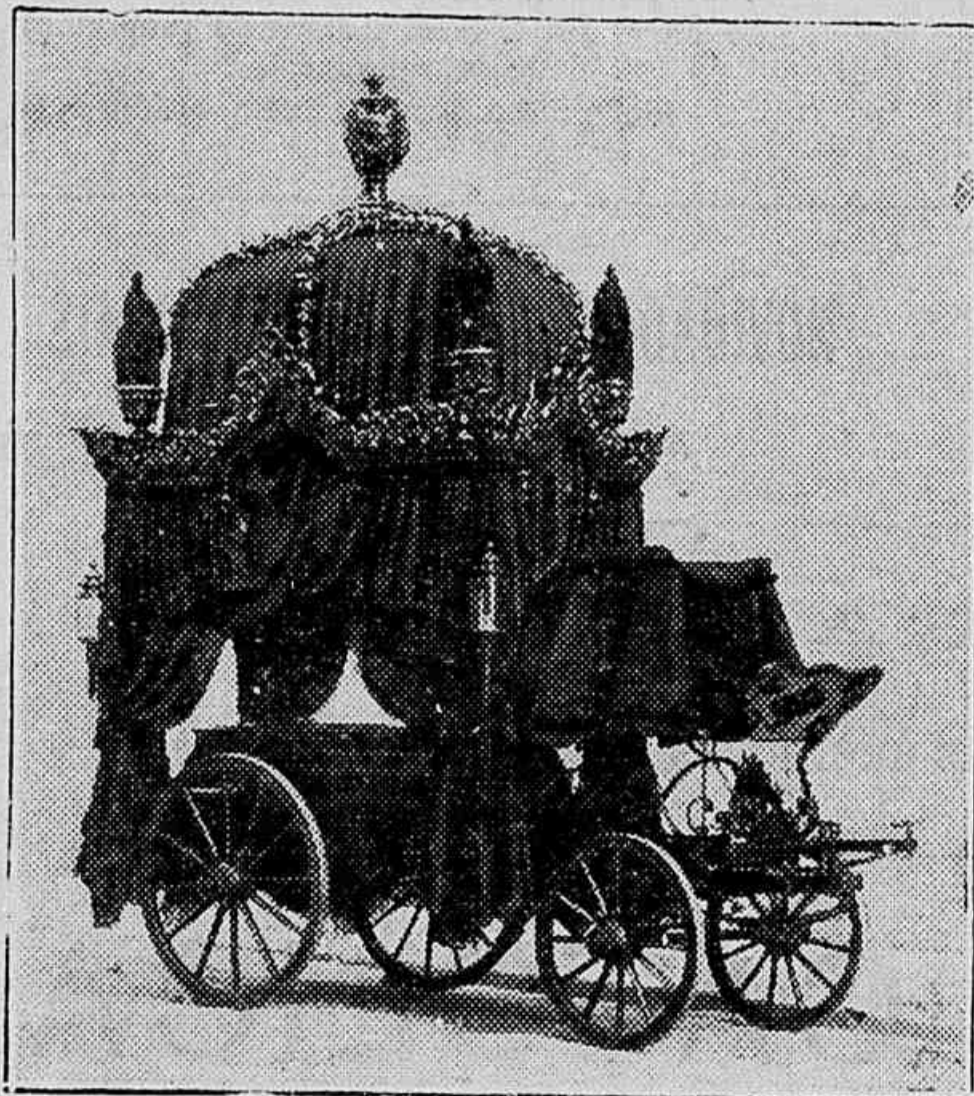
R. Alameda da Correia-169

ESCRITÓRIO E ARMAZÉM

86-R. Arco Bandeira-1.^o

LISBOA

Antiga Agência Funerária Rodrigues



7 a 13, Rua das Pedras Negras, 15, 1.^o

Calçada do Correio Velho 13 a 15

LISBOA

Telefone 1044 C.

**Funerais completos
e Trasladações**

CARROS FUNERÁRIOS EM TODOS OS ESTILOS

Exposição permanente de urnas de pau santo,
noqueira, carvalho e mogno

CHAMADAS A TODA A HORA DA NOITE

A. ABELLA, L.^{DA}



MOBILIÁRIO

E

DECORAÇÕES



108, Rua da Palma, 114

TELEFONE: 3508 N.

Alfaiates-Mercadores

TEIXEIRA, CAMPOS & ALMEIDA, L.^{DA}

O mais completo sortido
de tecidos "chics,, e da última moda
para homens e senhoras

Secção de alfaiataria para senhoras

Vestidos género "tailleur,,

26, 1.º, Rocio

TELEFONE: 4544 N.

Fine

== "Macieira" ==

—◆—
SUBSTITUI O MELHOR

== COGNAC ==

—◆—
DEPÓSITO GERAL:

47, RUA IVENS
LISBOA

—◆—
Telefone 3751

Costa Junior

ALFAIATE-MERCADOR

Sempre
as últimas
novidades
em tecidos
"chics"



e de última
moda
para fatos
e
sobretudos

ARTE E ELEGÂNCIA

Rua do Ouro, 101-1.º — LISBOA

(ESQUINA DA RUA DE S. NICOLAU)

TELEFONE 2943-C.

João de Freitas Martins, L.ª

Escritórios e Armazens: RUA DOS CORREIROS, 123

Depósito: RUA AUGUSTA, 184 a 186

Telefone: C. 3529

LISBOA

Teleg.: Schipbroker

Correias de couro
balata
e pêlo de camelo

Amianto em cartão,
corda,
fio, pó e fibra



Empanques
d'algodão, cânhamo,
etc.

Mangueiras
e chupadores
dos melhores
fabricantes

Tubos em qualidades transparentes, vermelhos e pretos, para irrigadores
Peras para injeções — Sacos para água quente — Sacos para gelo — Urinois — Cânulas
Almofadas em diversos modelos — Tetinas — Pessários
Irrigadores — Ligaduras e tela laminada para pensos — Sondas
Tubos para lavagem do estômago — Luvas para operadores — Dedeiras — Fundas
Tubo para biberons — Bicos para peitos — Balões para oxigênio, etc., etc.

Esponjas — Tabaqueiras — Anéis para guarda-chuva — Pelas e brinquedos diversos
Luvas de ménage — Resguardos — Luvas industriais — Tacões e solas — Tubo para lunetas
Tapetes — Bidés — Bandagens para rodas de trens
Juntas para latas de conserva — Anilhas para pirolitos — Pentes de borracha endurecida
Fita isoladora — Botões e juntas para W. C. — Anéis para máquinas de costura
Sacos para esponjas — Galochas — Borrachas d'apagar
Peras para buzina — Gorros para nadadores — Elásticos — Dissolução — Esferas
Tela para copiadores — Impermeáveis para homem e senhora — Meias elásticas — Rolhas
Vedadores — Tabelas de bilhar — Propulsores, etc., etc.

Folha com tela de linho e de latão para juntas — Gacheta espiral — Corda Tuék — Folha sem tela para válvulas, vigias, etc., etc.

Todos os artigos para pulverizadores de vinhas

TORNEIRAS E VÁLVULAS DE BRONZE — PNEUS E CÂMARAS D'AR PARA "AUTO" E "VELOS"



antes n.º 11

29 e 31

Passage Jouffroy

PARIS



29 e 31

Passage Jouffroy

PARIS

AU ROI D'YVETOT

GUILLAUMOT

PREMIADO NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1889

Casa especial de Roupa Branca para homens

GRANDE SORTIMENTO DE

Camizas - Gravatas - Meias - Ceroulas e Camizas de Meia
Luvras - Lenços - etc.

CASA AMME

ARMAND

SUCCESSOR

6, rue de la Chaussée-d'Antin, 6

PARIS

VESTIDOS E MANTOS

PELLES

ARTIGOS DE FANTASIA

PARA SENHORAS

ENXOVAES

ROUPA BRANCA



Esta casa è principalmente conhecida por vender artigos de muito gosto e por possuir como freguezia a alta sociedade espanhola e americana.



OS MAIS SOLIDOS

OS MAIS LEVES

OS MAIS RAPIDOS

OS MAIS BARATOS

Agencia Geral : 30, Cordeny-Street, Londres.

Revista Moderna

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

DIRECTOR: M. BOTELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL
E ILLUSTRAÇÃO ARTISTICA
DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

BRAZIL	FRANÇA e outros paizes da União Postal.	PORTUGAL
Um anno. 50 \$ 000	Um anno 40 francos	Um anno 10 \$ 000
6 mezes 30 \$ 000	6 mezes 24 »	6 mezes 5 \$ 500
Numero avulso. 2 \$ 500	Numero avulso. 2 »	Numero avulso. 500

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEGUINTE CASAS.

BRAZIL

Rio de Janeiro	LAEMMERT E C ^{as} .	Rua do Ouvidor.
São Paulo	CASA GARRAUX.	Rua de 15 Novembro.
Pernambuco	LAEMMERT E C ^{as} .	Rua Marquez de Olinda.
Pará	LIVRARIA COMMERCIAL.	Rua João Alfredo.
Pelotas	CARLOS PINO E C ^{as} .	
Santos	WEINMANN ET C ^{as} .	
Campinas	LIVRARIA ESCOLAR.	
Ceará	ALFREDO GENOUX.	
	JOAQUIM JOSÉ DE OLIVEIRA.	

PORTUGAL

A REVISTA MODERNA assigna-se e vende-se nas principaes livrarias de Lisboa Porto e Coimbra e na Agencia Geral — Travessa Nova de S. Domingos 42-3º, Lisboa.

PARIS

Escriptorio, e Administração
48, rue de Laborde

LIBRAIRIE NOUVELLE
Boulevard des Italiens

LONDRES

ARSENIO PINTO LEITE E C^{as}.

41, Queen Victoria Street

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADEANTADAS

A REVISTA MODERNA acaba de obter do imminente escriptor **EÇA DE QUEIROZ**, o direito de publicação de um grande romance inédito:

A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

uma das obras mais interessantes e poderosas que tem produzido o genial autor d'O PRIMO BAZILIO, da RELIQUIA, do CRIME DO PADRE AMARO, dos MAIAS e de tantas outras obras-primas da litteratura portugueza.

Muito brevemente, pois, a REVISTA MODERNA começará a publicação — com numerosas e ricas illustrações — do grande romance:

A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

POR

EÇA DE QUEIROZ